

facebook

**Connect with
friends and the
world around you**

Sign up

By clicking Sign Up, you agree to our [Terms](#), [Data Policy](#) and [Cookies Policy](#). You may receive SMS Notifications from us and can opt out any time.

Sign up



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Karina Dias Silveira

**PERFORMANCES JUVENIS NAS REDES SOCIAIS: O ONLINE COMO
ENTRELUGAR DE ENCONTRO**

Santa Maria, RS
2021

Karina Dias Silveira

**PERFORMANCES JUVENIS NAS REDES SOCIAIS: O ONLINE COMO
ENTRELUGAR DE ENCONTRO**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação.**

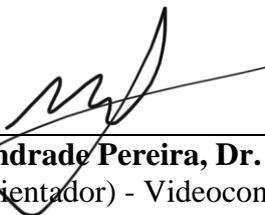
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Andrade Pereira

Santa Maria, RS
2021

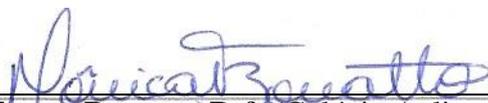
Performances juvenis nas redes sociais: o online como entrelugar de encontro

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação.**

Aprovado em 8 de setembro de 2021:



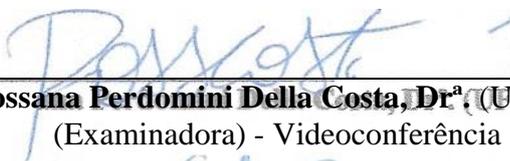
Marcelo de Andrade Pereira, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador) - Videoconferência



Mônica Torres Bonatto, Dr^a. (Colégio Aplicação – UFRGS)
(Examinadora) - Videoconferência



Rogério Vanderlei de Lima Trindade, Dr. (UFPel)
(Examinador) - Videoconferência



Rossana Perdomini Della Costa, Dr^a. (UFSM)
(Examinadora) - Videoconferência



Belkis Bandeira, Dr^a. (UFSM)
(Examinadora) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2021

RESUMO

PERFORMANCES JUVENIS NAS REDES SOCIAIS: O ONLINE COMO ENTRELUGAR DE ENCONTRO

AUTORA: Karina Dias Silveira

ORIENTADOR: Marcelo de Andrade Pereira

A presente tese deriva de um processo de pesquisa que envolveu os jovens e as performances nas redes sociais, abordando seus desdobramentos. A performance, entendida através da perspectiva de acontecimento, enquanto ação, interação, relação, e ser/estar como participante dentro das redes sociais, muitas vezes é marcada pela isenção ou anonimato, por conta da cultura do cancelamento e das críticas, presentes nas interações mediadas por este ambiente. Considerando as múltiplas trocas, e o grande número de usuários que compartilham informações dentro das redes, temos um espaço híbrido, um território livre, um lugar/não-lugar. Neste estudo assumimos considerar o espaço das redes sociais como um entrelugar, relacionando-o com os conceitos demarcados por Augé (1994). Dado o exposto, objetivou-se mapear os processos performativos mediados pelas redes, nas quais os jovens interagem, compartilham e aprendem. À luz dos conceitos da performance (SCHECHNER, 2006), juventude (BOYD, 2007, 2014), cultura das redes (LÉVY, 2010), e lugar/não-lugar (AUGÉ, 1994), pode-se observar como as redes sociais hoje servem como espaços de encontro, do viver junto, em meio à pandemia global vivenciada. Se valendo da andarilhagem da *flânerie* como possibilidade metodológica ativa, foram trilhados caminhos para observar os movimentos virtuais performados pela juventude, apoiados nas considerações de Bardin (2016), com a análise de conteúdo dos dados produzidos por esta pesquisa. Como resultante das próprias significações e maneiras de interação mediadas por este entrelugar, atribuídas pelos sujeitos aqui analisados, as redes sociais foram observadas enquanto espaços de indeterminação onde os jovens experienciam relações com os demais sujeitos e com o próprio espaço constituído, criando assim suas próprias significações, identificações, fixas ou passageiras.

Palavras-chave: Jovens; redes sociais; performance, entrelugar

ABSTRACT

YOUTH PERFORMANCES ON SOCIAL NETWORKS: ONLINE AS A MEETING PLACE

AUTHOR: Karina Dias Silveira

ADVISOR: Marcelo de Andrade Pereira

The present thesis derives from a research process that involved young people and their performances on social networks, addressing their unfoldings. The performance, understood through the perspective of event as action, interaction, relationship, and being as a participant within the networks, is often marked by exemption or anonymity, due to the culture of cancellation and criticism, present in interactions mediated by social networks. Considering the multiple exchanges, and the large number of users who share information within the networks, we have a hybrid space, a free territory, a place/non-place. In this study we assumed to consider the social network space as a between-place, relating it to the concepts defined by Augé (1994). Given the above, we aimed to map the performative processes mediated by the networks, in which young people interact, share and learn. In light of the concepts of performance (SCHECHNER, 2006), youth (BOYD, 2007, 2014), network culture (LÉVY, 2010), and place/non-place (AUGÉ, 1994), one can observe how social networks today serve as spaces of encounter, of living together, amidst the global pandemic experienced. Using the wandering of flânerie as an active methodological possibility, paths were traced to observe the virtual movements performed by youth, supported by the considerations of Bardin (2016), with the content analysis of the data produced by this research. As a result of their own meanings and ways of interaction mediated by this in-between place, attributed by the subjects analyzed here, social networks were observed as spaces of indetermination where young people experience relationships with other subjects and with the constituted space itself, thus creating their own meanings, identifications, fixed or transient.

Keywords: Youth; social networks; performance

Em todos os campos, as transformações são um submúltiplo da vida humana, mais rápidas que o direito consegue regular, o mercado digerir, o nosso cérebro compreender. (DE MASI, 2017)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reações do Facebook	13
Figura 2 – Aba de comentário do Facebook	28
Figura 3 – Uso da internet e redes sociais	29
Figura 4 – Tempo de uso diário nas redes sociais.....	47
Figura 5 – Plataformas de redes sociais: sobreposições de usuários	48
Figura 6 – As plataformas sociais mais utilizadas no mundo	48
Figura 7 – Razões para o uso da internet	49

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Estado da Arte	16
3. Problema e objetivo	24
4. Metodologia.....	26
4.1 Especificidades do momento da pesquisa	30
5. Sociedade conectada	34
6. Geração Z – jovens online.....	38
7. Redes Sociais	43
7.1 Facebook – uma <i>neoágora</i> juvenil?	51
7.2 Rede social: lugar/nãolugar	56
8. Performance nas Redes Sociais	60
8.1 Encontros e socialização nas redes	68
9. Ambiente configurado na prática da pesquisa	72
9.1 Prática virtual: a materialidade da pesquisa	76
9.2 Desdobramentos da materialidade da pesquisa.....	86
10. Considerações Finais	101
Referências	105
Anexos.....	109

1. Introdução

A presente tese deriva de um processo de pesquisa que envolveu os jovens e suas performances nas redes sociais, abordando seus desdobramentos. O referido tema já foi foco de interesse de minha dissertação de Mestrado em Educação¹, intitulada @essanaosou_eu: UM ESTUDO SOBRE AS CULTURAS JUVENIS NAS REDES SOCIAIS, defendida em 2017.

Assim como a dissertação, esta tese compõe a materialidade de um trabalho realizado a partir das redes sociais, com vistas a aproximar-se das relações/situações performadas pelos jovens dentro destes espaços. Aqui, a noção do *performar*² aparece como uma das formas de interação destes jovens no ambiente das redes sociais. Neste sentido, assumimos a performance como o ser/estar como participante dentro destes espaços, muitas vezes marcada pela isenção e anonimato, por conta da cultura do cancelamento e das críticas, presentes nas interações que acontecem por meio da utilização destas plataformas.

Considerando as múltiplas trocas, e o grande número de usuários que compartilham informações dentro das redes sociais, temos como cenário um espaço híbrido, um território livre, um lugar/não-lugar³. Assumiremos considerar as redes como um entrelugar⁴, relacionando-o com os conceitos demarcados por Augé.

Independente sobre qual rede estejamos nos reportando – para citar apenas algumas como exemplo: *Facebook, Twitter, Instagram* –, tais possibilitam o acesso a diversos tipos de conteúdo e diferentes formas de interação. O acesso e criação facilitada fazem parte das possibilidades desta interação social e nos apresentam um cenário onde é possível performar ações, relações, comportamentos e posições. Ou seja, os usuários controlam suas performances virtuais em seus perfis, de acordo com seus intuitos, preferências e identificações.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Linha de Pesquisa 4 (LP4) - Educação e Artes.

² Aqui a performance será entendida na perspectiva de acontecimento enquanto ação, interação e relação – a mesma não está em nada, mas “entre” (SCHECHNER, 2006).

³ O não-lugar é um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade, equanto que o lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 1994).

⁴ Propomos situar o espaço das redes sociais como entrelugar, pois, ao mesmo tempo que as redes proporcionam trocas e vivências, por outra via, são inerentes as questões de passagem e superficialidade das relações, que não mais dependem de um espaço físico e acontecem na virtualidade.

Da mesma forma que podemos considerar as ações performáticas, consideraremos também a ausência delas, que informam sobre o quanto as redes também podem representar aos jovens uma espécie de espaço que predetermina comportamentos. Dentro da cultura do uso destes espaços, certas práticas de se dar a ver e demonstrar opiniões, possíveis a partir de práticas tanto textuais quanto imagéticas, são muitas vezes alvo de críticas, e desta forma servem como maneiras destes jovens seguirem certos condicionamentos, muitas vezes invisíveis, presentes nas redes.

O cenário onde esta pesquisa foi inicialmente desenhada, em período pós-eleitoral – onde podíamos perceber intensa polarização política –, hoje já não mais nos circunda tanto quanto outra realidade que se colocou desde o ano de 2020. Falo sobre a pandemia do vírus COVID-19, que desde meados de março do referido ano chegou impondo uma realidade de distanciamento social, incertezas, mortes, e que desenhou um novo cenário de convivência, que coloca em primeiro plano o contato por meio do virtual, assim minimizando o contato presencial entre pessoas e grupos de pessoas.

Com a imposição do distanciamento social, a interação mediada pelas redes se tornou uma das principais formas de aproximação e interação com um maior número de pessoas, considerando as orientações e protocolos estabelecidos pelos órgãos de saúde – formulados com o intuito de evitar o contato e aglomeração de pessoas. Desde então, o hiperconsumo do virtual passou de opção para obrigação, frente à nova realidade.

Seja por meio de redes sociais e/ou aplicativos, os encontros virtuais mediados pelas telas nos provocam ainda mais questionamentos. Que tipos de relações têm sido performadas por adolescentes hiperconectados por meio do virtual? As novas vivências, proporcionadas pela conectividade, dão vez a um novo cenário. Sendo assim, indaga-se: como estão se configurando as formas de encontro, de interação? O virtual assumiu mais um papel frente à vida dos jovens?

Além do uso para lazer, diversão e encontros, o meio virtual hoje ocupa novos espaços na vida destes sujeitos. Neste sentido, buscamos por compreender como estes jovens têm performado suas ações neste novo espaço de vivência/interação/aprendizado, criado a partir do cenário da pandemia. Considerando a abrangência deste cenário de grande amplitude, o recorte aqui feito se deu a partir de uma categoria de faixa etária – foram considerados os estudantes de uma escola estadual santa-mariense, cursantes do ensino médio noturno. Esta escolha esteve ligada ao fato de que, ao considerarmos sua fase de desenvolvimento, em uma faixa etária de intenso convívio social com seus

pares, a maioria destes faz uso das redes sociais⁵, interagindo entre seus grupos de convívio.

Outro recorte que se fez necessário foi a delimitação de uma rede social para abrangência do estudo, buscando melhor delimitar a relação destes estudantes dentro de um espaço de interação. Deste modo, foi definido o *Facebook* como o campo de discussão, de forma a entender como acontecem as interações destes jovens sujeitos através desta plataforma.

O site e aplicativo, definido como rede social, apresenta inúmeros recursos para aproximação com conteúdos, figuras públicas, páginas de notícias, grupos, interação por mensagens, por curtidas, compartilhamentos, assim como apresenta botões de interação, onde temos a opção de dar um *like* em determinada postagem, ou interagir conforme as outras opções apresentadas - "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr".



Figura 1 – reações do *Facebook*. Disponível em < <https://www.facebook.com>>. Acesso em 12/05/2020

As reações são uma das formas de interação com determinado amigo, *post* ou conteúdo compartilhado por grupos e páginas. Por conta do convívio social presencial ter sido minimizado, os espaços virtuais se potencializaram, possibilitando desta forma que os jovens pudessem de alguma forma manterem seus vínculos. A rede social, antes já validada como um espaço de exposição de si, passou também a funcionar como local de troca e aprendizado, à medida que novas vivências foram acontecendo dentro deste espaço, como por exemplo as novas demandas solicitadas pela escola, que antes aconteciam de forma presencial, e passaram durante o período da pandemia, a acontecer a partir desta plataforma também.

Para apreensão acerca deste momento em que estamos vivenciando as experiências da conectividade, esta pesquisa se propôs então a problematizar as

⁵ Como veremos a seguir, em um questionário enviado aos grupos de WhatsApp da escola Coronel Pilar, em um universo de 36 alunos, obtive 19 retornos. Dentre os que retornaram, 18 são usuários do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*.

performances virtuais da juventude no contexto das redes sociais, com objetivo de **mapear os processos performativos mediados pelas redes, nas quais os jovens interagem, compartilham e aprendem.** À luz dos conceitos da performance (SCHECHNER, 2006), juventude (BOYD, 2007, 2014), cultura das redes (LÉVY, 2010), e lugar/não-lugar (AUGÉ, 1994), temáticas centrais que se desenrolam ao decorrer desta escrita, pode-se observar – como será descrito posteriormente – como as redes sociais hoje servem como espaços de encontro, do viver junto. A problemática da tese gira, pois, em torno do seguinte questionamento: **como as redes sociais podem operar como espaços performativos e de encontro para a juventude em meio à pandemia?**

Em consonância com estes eixos, os desdobramentos que deles surgem encaixam-se nos capítulos a seguir. Em **sociedade conectada** é apresentado um panorama social da atualidade, no capítulo intitulado **Geração Z – jovens online**, a posição que a juventude ocupa neste cenário. Ao relatar sobre a conectividade, o capítulo **Redes Sociais** procura apontar o panorama de uso destes espaços, com dados atualizados de 2021 sobre o uso das redes, de modo que no subcapítulo **Facebook – uma neoágora⁶ juvenil?** são alinhadas as questões sobre esta plataforma, possivelmente, servir de forma análoga ao espaço de convivência da antiguidade, chamado ágora⁷.

Em **Rede social: lugar/não-lugar** são apontadas as relações propostas neste espaço, que, face aos não-lugares analisados por Augé (1994), nos servem como mediadores de relações, sejam elas entre pares, ou com o próprio ambiente da rede. Na seção **Performance nas Redes Sociais** são apresentadas as interações mediadas pelas redes, as performances juvenis que ocorrem nestes espaços; o subcapítulo **encontros e socialização nas redes** discute sobre como se constitui uma *neoágora*, na medida em que tanto proporciona encontros de forma virtual, como oportuniza que estes jovens socializem por meio destes espaços.

Nos capítulos **Ambiente configurado na prática da pesquisa, Prática virtual: a materialidade da pesquisa** e **Desdobramentos da materialidade da pesquisa**, são elencadas as práticas, bem como os dados produzidos a partir da pesquisa, e suas

⁶ Tomamos por analogia utilizar o termo *neoágora* para o espaço virtual compartilhado dentro das redes sociais, tal como um ambiente que possibilita uma reunião geral de pessoas.

⁷ Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, a definição de ágora: “Praça pública na Grécia antiga que se destinava ao comércio e onde se realizavam também assembleias políticas e atos religiosos”.

reverberações. Dentro de subseções, estão nomeadas as principais questões trazidas pelos jovens ao se aproximarem e refletirem sobre os movimentos que performam ao interagir junto às redes sociais.

Desta forma, esta tese circula em torno dos processos performáticos do viver nas redes, nos quais os jovens se valem desse entrelugar para interação e socialização, bem como espaço de puro lazer e distração. Ou seja, ao proporcionar encontros, sejam eles com amigos, pessoas, celebridades, notícias e até mesmo desinformações, supõe-se, ademais, que **as redes sociais operem não apenas como vitrine para os jovens, mas como um entrelugar em tempos pandêmicos.**

2. Estado da Arte

Para o desenvolvimento do estado da arte – tomado como instrumento para detectar possíveis brechas dentro da produção acadêmica no campo da educação e das artes, me detive inicialmente numa busca dentro de dois repositórios, os quais disponibilizam produções científicas, de forma digital, passíveis de serem pesquisadas por meio de palavras-chave. São eles: o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Nesse sentido, o exame dentro da produção já consolidada é formulado dentro deste estudo com o intuito de informação e colaboração, de modo que os questionamentos desta tese possam agregar novos conhecimentos ao campo.

Ao utilizar os descritores jovens e redes sociais, são exibidos resultados em diferentes áreas de conhecimento, visto que a temática é de conjuntura atual e de interesse de investigação para as mais diversas vertentes científicas. Considerando as teses de doutorado de 2016, 2017, 2018, na grande área de conhecimento das ciências humanas e educação, área de avaliação educação, área de concentração educação, temos 200 resultados para jovens e redes sociais, com consulta realizada em 10/08/2021.

Os resultados discorrem sobre políticas públicas escolares, políticas de inclusão, formação de professores na cibercultura, estudos que focalizam o jovem em realidades sociais rurais, *cyberbullying*, entre outros temas. Ao realizar a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos que *a priori* esboçam relações com o tema aqui proposto, encontrei alguns exemplares que se alinham com algumas das vertentes propostas neste estudo.

Dentre os trabalhos que estariam com maior proximidade com a relação aqui proposta, destaco “*Movimentos sociais @ Internet e sua dimensão educativa*”, de autoria de Maurelio Menezes (2015), o qual apresenta uma pesquisa que buscou compreender a dimensão educativa dos movimentos sociais virtuais que fazem uso da internet como instrumento de mobilização. O autor desse estudo se apoia teoricamente na visão do pensador marxista António Gramsci, o qual trabalha com o conceito de educação como promotora de emancipação das massas. A pesquisa, baseada em uma observação participante e revisão bibliográfica, defende a tese de que mesmo antes dos movimentos sociais colocados em questão na pesquisa, a internet já era utilizada como

meio de mobilização. Entretanto, durante as manifestações sociais, a força mobilizadora acontece de forma mais efetiva, o que leva a considerações sobre a força organizativa de movimentos sociais virtuais.

Outra pesquisa a qual seria possível afirmar uma abordagem análoga intitula-se “*Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea*”, de Rogerio do Amaral (2016), o qual discute sobre o potencial de uso do *Facebook*, objetivando demarcar qual representação o mesmo tem desempenhado na participação dos usuários da pesquisa. Tal pesquisa buscou identificar a publicização predominante nas postagens, analisando como o espetáculo aparece nas publicizações e a inferência na aparição da vida real no ambiente virtual pesquisado. O autor determina a pesquisa como empírica, e depreende que o *Facebook* se constitui como canal que amplia limites de relações, assim como de interação entre as pessoas, desconsiderando barreiras físicas como espaço e tempo. Observa também que devido à exposição da intimidade, o *Facebook* é marcado pela necessidade de se mostrar e ser mostrado, não substituindo, porém, o espaço público, mas permitindo que ações do mundo físico possam ser dimensionadas no virtual. Neste sentido, conclui que os sujeitos são quem levam para a página virtual o comportamento já de costume em seus grupos sociais físicos.

A título de verificar de forma efetiva a colaboração dos trabalhos citados me detive a analisar, por meio de seus resumos, possíveis relações com o tema em questão. Na tese a seguir, “*Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar*”, de Helenice Mirabelli Cassino Ferreira (2014), a autora buscou conhecer de que modo o uso de dispositivos móveis e ubíquos mediam a superação do desencontro entre a cultura da escola e a prática juvenil dos jovens. Em sua investigação a autora usa dos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e exotopia para orientar a metodologia do estudo. As contribuições teóricas são sustentadas por Lucia Santaella, André Lemos, Pierre Lévy, Bruno Latour, Lucia Rabello de Castro, Paulo Carrano e Julio Dayrell, entre outros. A tese aponta a pertinência de se “considerar os usos dos referidos artefatos como mediadores de práticas pedagógicas mais concernentes com as práticas culturais dos sujeitos contemporâneos” (Ferreira, 2014, p. 10).

A tese a seguir correlaciona assuntos com a temática aqui proposta e se intitula “*Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas*”, de Rosana Fachel de Medeiros (2018), a qual supõe que na atualidade a busca por informação e

comunicação acontece principalmente a partir das tecnologias digitais. Aponta o aparelho celular como a ferramenta mais utilizada, principalmente pelos jovens. Nesse sentido, a pesquisadora objetivou analisar a forma de interação dos jovens com o aparelho celular, e do seu uso em rede. A autora cria categorias para análise das imagens que os jovens guardam em seus aparelhos, e se utiliza da perspectiva etnográfica para a abordagem metodológica de seu trabalho – o qual se apropriou dos estudos de Santaella (2007, 2010, 2013, 2015 e 2016), Morduchowicz (2008, 2010, 2013 e 2014), Sibilia (2008, 2009, 2012 e 2015), Canclini (2008, 2017), Recuero (2009 e 2014), Boyd (2014) e com a visualidade através de Campos (2010 e 2012). A tese aponta para a discussão contemporânea sobre o uso do celular, e encoraja o uso deste dispositivo pelos professores em sala de aula como ferramenta pedagógica.

Em “*Máquinas de produção de subjetividade: Tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar*”, de Helen Pereira Ferreira (2016), temos apontadas as mudanças técnico-científicas, que deixam marcas na política, economia e vida social, com o objetivo de pensar a (re)configuração dos modos de vida – partindo da experiência das máquinas de produção de subjetividade no cotidiano escolar. Como referenciais, a autora se utiliza Guattari, Deleuze, Foucault e Lèvy. A pesquisa, com ação participativa desenvolvida em uma instituição pública de ensino, teve a finalidade de perceber-observar-experimentar-pensar a imersão e emersão das Tecnologias de Informação e Comunicação como componentes da produção de subjetividade no cotidiano escolar, como também conhecer-experimentar a cultura escolar diante da cultura digital, refletindo o hibridismo na sociedade contemporânea e o ensino híbrido no espaço escolar. Realizada por meio de questionários, conversas informais e filmagens, a pesquisa realiza algumas considerações em relação à resistência ao uso das TICs e ao discurso pautado nas possibilidades didático-metodológicas. Por fim, a autora situa que os agenciamentos coletivos de enunciação trazem diferentes perspectivas para pensar cultura digital no cotidiano escolar, assim como o pensamento sobre políticas direcionadas à cibercultura.

Com o objetivo central de analisar práticas juvenis que ocorrem nos espaços e tempos escolares problematizando as relações que se dão entre os sujeitos-jovens-alunos e os rituais instituídos pela escola, o trabalho intitulado “*Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos*”, de Rita Cristine Basso Soares Severo (2014) discute as práticas culturais juvenis em espaços e tempos escolares de escolas públicas em Porto Alegre. Ao pensar acerca dos sentidos da

escola na contemporaneidade e da constituição da identidade dos sujeitos-jovens-alunos, a tese visou responder como as práticas juvenis, além de estarem reconfigurando os espaços e tempos escolares, podem estar produzindo a escola, os professores e os sujeitos-jovens-alunos contemporâneos. Com base no campo dos Estudos Culturais, buscou articulações com o campo de estudos sobre Juventudes e da antropologia, especificamente o da etnografia, utilizando Geertz, Gottschalk e Clifford. No estudo, dialoga com autores como Margulis e Urresti, Reguillo, Garbin, Canevacci, Pais, entre outros, que destacam que não existe um único jeito de ser jovem, e sim juventudes que variam de acordo com a classe social, o lugar onde vivem as gerações as quais pertencem e com a diversidade cultural. A autora defende a ideia de que os jovens tendem a transformar espaços físicos em espaços sociais, e definem a escola como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregada de sentidos, sociabilidade e espaço para expressão da cultura elaborada por eles, reinventado espaços e tempos de recreio, corredores, pátios e salas de aula. Nesse sentido, infere que tensões, negociações existentes entre os sujeitos que habitam a escola, produzem outros significados de escola, de professor e de aluno na contemporaneidade.

Bento Souza Borges (2014), em *“Juventude, trabalho e educação superior: a geração y em análise”*, situa que o ingresso de jovens com idade ainda não avançada no ensino superior, denominados como Geração Y, tem provocado transformações profundas nos ambientes de ensino, visto que o trabalho desenvolvido pelo professor está passando por transformações profundas para atender a um público com características tão distintas. Com o objetivo de ampliar o debate sobre a Geração Y e analisar as influências da Revolução Tecnológica ocorrida a partir dos anos 1970 para esses jovens nas relações de trabalho e, sobretudo, no ambiente escolar e no trabalho docente, buscou embasamento em algumas teorias do trabalho, em estudos sobre juventude e gerações, considerando aspectos filosóficos, sociológicos e didáticos para a análise do grupo em questão. Nesse sentido, o autor situa ser necessário buscar novas práticas de ensino que estejam em consonância com este novo público, visto que as mudanças trazidas pela chegada da Geração Y não são passageiras, e os espaços de ensino e de trabalho precisarão adaptar-se a essa geração vibrante, conectada e inquieta.

Em *“Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma geração digital”*, de Sandro Faccin Bortolazzo (2015), o autor procura mostrar a produção de uma Geração Digital a partir da interlocução entre narrativas acadêmicas e midiáticas. A pesquisa mapeia as variadas narrativas acadêmicas que demarcam uma geração conectada às

tecnologias digitais, dando destaque aos estudos de autores reconhecidos nesse debate como Tapscott, Prensky, Carr, entre outros. A tese, com foco central nestas interlocuções, destaca a emergência de certas representações e saberes que circulam sobre essa parcela da população jovem. Como referencial teórico, utiliza de autores que discutem os conceitos de identidade, geração, narrativa, representação e cultura digital, com destaques à Bauman, Rose, Hall, Lister, Buckingham. Como resultado, aponta uma geração que vem sendo instituída por narrativas que apontam a convivência, familiaridade e extraordinária habilidade para operar aparatos digitais como o que distingue os digitais dos sujeitos de outras gerações. Desta forma, pontua que ao associar determinadas características a crianças e jovens, tais como a destreza em operar *smartphones* e *tablets*, as narrativas acadêmicas e midiáticas, acabam produzindo verdades sobre nossa sociedade e os sujeitos que nela vivem. A tese situa também os perigos da imersão de crianças e jovens no universo digital – riscos que se encontram ancorados, frequentemente, nas falas de especialistas provenientes de distintas áreas de conhecimento; finaliza tecendo a ideia de que velocidade e consumo estão intrinsecamente relacionados às tecnologias digitais, o que vem permeando também a convocação ao uso dos aparatos tecnológicos nos espaços escolares.

Na tese intitulada “*As narrativas imagens dos estudantes sobre os usos que fazem do Facebook e a tessitura de relações de amizade com os currículos-entredes em uma escola de ensino médio*”, de Wellington Machado Lucena (2016), o autor busca discutir os planos de intensidade que são percorridos a partir do uso das redes sociais, tendo em vista os alunos praticantes dos cotidianos de uma escola pública de ensino médio, observando como nesses planos de intensidade as relações de amizade produzem os currículos-entre-redes tecidos nesses cotidianos. Ao organizar o texto em platês, remetendo à estrutura de apresentação do *Facebook*, informa que a leitura pode ser realizada independente da ordem que o leitor desejar, assim como na rede social não existe uma ordem correta de acesso. Assim, o autor apresenta a tese na estrutura das redes, baseada no interesse em acessar determinado conteúdo, sem início ou fim. Ao apresentar o currículo-entre-redes como possibilidade curricular criada a partir das relações de amizade e dos encontros constituídos nas redes sociais, aponta que na ida à escola é que se percebe que as interações sociais estabelecidas nas redes sociais orientam as atividades escolares promovidas pelos alunos e professores, e que os temas debatidos nas redes sociais passam a ser também os principais temas das atividades escolares realizadas.

A fim de ampliar a pesquisa, ao inserir os espaços virtuais como *ágoras* da contemporaneidade, a busca realizada aponta – incluindo como marcador a palavra “*ágora*” no banco de dissertações e teses da capes –, 50 resultados refinados para teses, dentro da subárea ciências humanas, área da educação. Destes 50 trabalhos, uma tese se aproxima da temática a ser trabalhada, denominada “*Ciberespaço: uma Nova Ágora para a performance comunicativa através do ensino e da aprendizagem híbrida em Filosofia*”, de Vanderson Ronaldo Teixeira, defendida em 2017.

O autor aponta que o ciberespaço e suas infinitas possibilidades, se articulados em função de deslocar o foco do ensino para a aprendizagem, podem encaminhar a educação a um rumo melhor, ao imputar aos estudantes o papel de protagonistas de suas narrativas de conhecimento. Ao partir desta constatação, volta aos primórdios da filosofia, onde diálogo, debate e discussões criam condições para o início de uma investigação “[...] em busca do desenvolvimento de uma Performance Comunicativa que fosse dinâmica, sistemática e efervescente aos moldes daquela que, na *ágora* grega, possibilitou o nascimento da *polis* em um diálogo *isonômico, isegórico e parresiástico*” (Teixeira, 2017, p. 8). Nesse sentido, Teixeira conjecturou a possibilidade de uso do ciberespaço como uma nova *ágora*, na função de antessala para a Performance Comunicativa. A partir da proposta do Ensino Híbrido e do projeto Sala de Aula Invertida, a pesquisa resgata a *gamificação*, tendência que lembra os embates gregos. Neste sentido, a tese buscou refletir “[...] sobre o modo de ensinar os estudantes das aulas de filosofia do ensino médio do Paraná a desenvolver Performances Comunicativas que, por sua vez, poderiam levá-los à experiência concreta da filosofia e do filosofar” (Teixeira, 2017, p. 8).

Ao inserir na BDTD como marcadores os descritores jovens e redes sociais, nas pesquisas produzidas nos cinco últimos anos, foram encontradas 41 teses, das quais destaco “*Cultura política e capital social: os efeitos do uso da internet na socialização de jovens no Sul do Brasil*”, de Jennifer Azambuja de Moraes (2017), a autora aponta que em relação à adesão de jovens às manifestações políticas de junho de 2013, no Brasil, são apresentadas escassas explicações, e que as pesquisas realizadas apresentam análises inconclusivas sobre o cenário político formado, principalmente pelos estudos que fazem alusão ao advento da internet. Como problema de pesquisa traz a questão: “Qual a influência do uso da internet, enquanto mecanismo de socialização política, na cultura política e no capital social de jovens estudantes no Sul do Brasil?”, e testa três hipóteses: “(1) a internet se constitui em um novo agente socializador político dos

jovens e influencia mais quando comparado aos demais meios de comunicação, como televisão, rádio, jornal impresso e revistas; (2) quanto maior o uso da internet maior a apatia e o desinteresse políticos, a percepção de polarização de opiniões políticas, o discurso de ódio político e a intolerância política dos jovens estudantes no Sul do Brasil; (3) quanto maior o uso da internet menor os níveis de capital social encapsulado, capital social emancipatório e capital social virtual dos jovens estudantes no Sul do Brasil” (Morais, 2017, p. 8).

O trabalho de Moraes (2017) conclui que a internet funciona como agente socializador com maior influência diante dos demais meios de comunicação, reiterando que a internet não necessariamente está associada com o tipo de cultura política e níveis de capital social dos jovens participantes. Ressalta ainda que a cultura política e o capital social apresentam valores similares de gerações anteriores, assim deixando fortalecida a hipótese de que o uso da internet pode reforçar a cultura política e níveis de capital existentes na sociedade.

Em *“Gerações em conflito: a juventude contemporânea entre o passado e o presente”*, a autora Maria Izabel de Azevedo Marques Birolli (2016) apresenta um estudo sobre a brecha geracional, tomando como objeto de estudo as Jornadas de Junho de 2013; a pesquisadora levanta a hipótese de que os jovens que comandam manifestações nas ruas e nas redes digitais experimentam outras formas de “revolta”, revelando assim sinais de permanência de experiências políticas da geração dos anos de 1960. Compreende as jornadas e seus desdobramentos como uma espécie de ressentimento social, frutos de frustrações de gerações passadas e que hoje dão origem à certa bipolarização no senso comum em relação à política no Brasil. Nesse sentido, aponta uma geração neoconservadora e outra naturalista, bipolarização que afeta a juventude com sua presença e a situa talvez como definidora nos atuais conflitos em rede, as ruas e em debates ideológicos.

Com a pesquisa intitulada *“Portais da juventude e redes sociais: iniciativas de comunicação pública como meio de engajamento e participação”*, Kátia Viviane da Silva Vanzini (2019) situa a comunicação pública digital dirigida aos jovens, ressaltando a escassez de pesquisas que avaliam sistematicamente a disseminação de informações relevantes e seu potencial de promoção de participação e engajamento. Sua questão de pesquisa gira em torno de verificar se as tecnologias de informação e comunicação têm contribuído para que o jovem possa exercer seu direito à informação e comunicação sobre políticas públicas, tendo assim condições de assimilar informações

relevantes, participar e interagir em fluxos de comunicação democrática. Como objetivo geral, teve a intenção de “produzir conhecimento científico sobre a adequação de estratégias de gestão da comunicação pública governamental em portais *web* de governo e redes sociais oficiais em relação a seu potencial de atendimento do direito à informação e comunicação sobre gestão pública” (Vanzini, 2019, p. 10).

Dentre os objetivos específicos, a autora propôs verificar se os processos e estratégias de comunicação pública empregados em redes sociais oficiais têm condições potenciais de favorecer o diálogo entre governos e jovens, bem como refletiu se a comunicação pública digital apresenta potencial que favorece a participação democrática e o engajamento dos jovens. Os resultados apontados pela autora indicaram insuficiências e oportunidades de aperfeiçoamento nos portais *web* de governo e páginas oficiais de governos e partidos políticos dentro das redes sociais.

Ao realizar este apanhado nos trabalhos que giram em torno do tema e das proposições deste projeto de tese, verifiquei que, apesar de alguns deles tratarem as questões relativas aos jovens dentro das redes sociais, os mesmos se ocupam de outros vieses de pesquisa. No intuito de ampliar a discussão da temática dentro do campo da educação, incluindo a **performance**, é que o delineamento desta tese se distancia dos demais citados.

Diante deste cenário no qual a conectividade faz parte da vida dos jovens, e possibilita hoje as relações, as trocas e o viver junto, cada vez de forma mais natural, podemos considerar as pesquisas que apreendem sobre o meio digital se configuram de valia para que surjam pistas para se compreender uma realidade que é moldável, construída. As discussões sobre as formas pelas quais esses fenômenos ocorrem me movimentaram em direção ao tema proposto desta tese, como também movimentam outras tantas pesquisas dentro do campo da educação e das ciências sociais. Estas vivências digitais, que passaram a fazer parte de nossa vida cotidiana, assumem a cada momento diferentes direções. Portanto, dentro das pesquisas que observam fenômenos em transformação, ao mesmo tempo em que participamos, também criamos e reagimos ao que acontece em vertiginoso e intenso movimento.

3. Problema e objetivo

Pesquisar sobre as relações mediadas pelas redes sociais tem estreita conexão com minhas vivências acadêmicas. A trajetória junto aos jovens iniciou devido às minhas experiências como docente, durante as práticas de estágio e junto ao projeto de iniciação à docência (PIBID) do qual fiz parte. Tais experiências reverberaram na elaboração de meu trabalho de conclusão de curso de graduação, bem como na produção de uma dissertação de mestrado, ambos relacionados com a temática “jovem”.

O que acontece no decorrer destes anos, desde meados de 2012, é a reconfiguração do uso e acesso às tecnologias, nos quais aderimos ao intenso uso dos celulares, da internet, e das redes sociais. Entre 2015 e 2017, período da construção de minha pesquisa de mestrado, estive próxima e conectada com os sujeitos pesquisados, por acompanhá-los em seus perfis no *Instagram*, assim já me aproximando deste ambiente que possibilitava interação e visualização do que era postado por estes jovens. Essa conectividade e “presença virtual” que então passam a fazer parte do que hoje proponho nesta tese. Segundo Shirky,

Estamos vivendo no meio do maior aumento da capacidade expressiva na história da raça humana. Mais pessoas podem comunicar mais coisas para mais pessoas do que jamais foi possível no passado, e o tamanho e a velocidade desse aumento, que foi menos de 1 milhão para mais de 1 bilhão de participantes no decorrer de uma geração, fazem da mudança algo sem precedentes, mesmo considerada contra o pano de fundo de revoluções anteriores nas ferramentas de comunicação. (2012, p. 92)

Essa mudança sem precedentes, mencionada pelo autor, é que mobiliza as questões aqui pontuadas, pois diante da conectividade facilitada, as redes sociais passaram cada vez mais a assumir novos papéis na atualidade. Neste sentido, o problema principal que move a pesquisa busca compreender **como as redes sociais podem operar como espaços performativos para a juventude em meio à pandemia?**

Neste sentido, a discussão se torna contemporânea na medida em que aborda o relacionamento do jovem com o cenário das redes sociais, produzido dentro de uma contingência social. A tese gira em torno da hipótese de que **as redes sociais operam não apenas como vitrine para os jovens, mas como uma espécie de entrelugar, uma zona social de indeterminação em tempos pandêmicos.**

Berino, Filho e Soares (2013, p. 20) consideram que junto aos jovens temos a possibilidade de “aprender com o prazer de fruir a rede infinita de alteridades que de

várias formas revela saídas para um mundo descabido”. Ou seja, o ato de pesquisar junto aos jovens pode ser uma forma de apontar pistas e direcionamentos no sentido de entendermos como nos situar frente a um formato social, virtual, que cada vez mais povoa o cotidiano e faz parte das vivências da atualidade. Ciente de que como pesquisadora aprendi sobre um discurso localizado destes jovens, moradores de uma cidade do interior do Estado, acredito ser tanto possível quanto necessário que comecemos com pequenos esforços para maior entendimento sobre o cenário ao qual a pesquisa se debruça.

Ao considerar o problema de pesquisa pontuado, o objetivo desta pesquisa consiste em **mapear os processos performativos mediados pelas redes, nas quais os jovens interagem, compartilham e aprendem**. Para tanto, me propus a analisar, inicialmente, a partir de uma dinâmica a ser realizada junto a um grupo de jovens, sobre as interações realizadas dentro das redes sociais, buscando estabelecer que tipo de influência mútua os mesmos possam estar desenvolvendo, o que postam, e os conteúdos que os mesmos acompanham deste espaço de interação.

4. Metodologia

Utilizando os referenciais teóricos como filtros pelos quais o pesquisador enxerga a realidade (LUNA, 1988), **ponto as questões acerca da metodologia desta pesquisa**, que tenta apreender sobre a performance juvenil dentro de redes sociais. Frente a um universo de possibilidades dentro das redes sociais, segui por um tempo sem um exato norte pelo qual poderia as apreender, recorrendo a livros que explanam sob quais vieses podemos elencar uma pesquisa que se ocupa da performance em rede, que disparam para *links*, que possibilitam interação, movimentos a partir deles.

O mais adequado poderia ser apreendê-las/nominá-las como performances interativas, nas quais é permitida a cópia, o compartilhamento, a alteração em seu contexto, seu nexos. É permitido também que se expresse opiniões sobre elas – que podem ser escritas, em vídeos, ou mesmo através imagens. Creio que se trate de uma tarefa um tanto quanto complexa dar conta de todas essas linguagens dentro desta dimensão aqui apresentada ao leitor.

Ao referir minhas inquietações sobre essa produção e a forma de apresentação deste material na tese, recorri à figura do *flanêur*, típica figura do século XX, tão cara a Benjamin, e que passou a disparar sentidos a esta pesquisadora por meio de seus escritos. Como uma espécie de *flânerie*, a ideia do observador surge como possível forma de apreensão do ambiente das redes sociais, para acompanhar as interações que lá acontecem.

Sob os olhos do *flanêur*, a construção da modernidade. Sob os meus olhos, uma tela de celular com acesso às redes sociais e toda a carga social que essas plataformas têm carregado nos dias de hoje. Do outro lado da tela, a população como um todo emitindo continuamente pareceres, mensagens, repostando notícias reais, fictícias, e opiniões as mais diversas sobre os acontecimentos em alta no momento – que podem durar de dias a semanas, mobilizando as pautas das redes sociais.

Bauman (2018, p. 68), fazendo alusão ao que se é vivenciado atualmente, situa que “os seres humanos do século XXI são de ‘dois mundos’”. Nesse sentido, discute sobre a distinção entre mundo *on-line* e *off-line*, os quais nomeia como “[...] nitidamente distintos um do outro, entidades plena e verdadeiramente antípodas, e a tarefa de conciliá-los e forçá-los a sobrepor-se está entre as competências que a arte da vida [...] exige que tenhamos, que façamos nossa e utilizemos” (BAUMAN, 2018, p. 67).

Neste sentido, em alusão a estes dois mundos, *on* e *offline*, podemos perceber que 2020 trouxe a necessidade de uma nova forma de relacionar-se, dando privilégio ao contato virtual, evitando contatos presenciais entre grupos de pessoas no mundo *offline*. As redes sociais, que surgiram para que nos relacionássemos socialmente, passaram então a ocupar novos espaços na vida dos sujeitos, sobretudo considerado o cenário pandêmico instaurado.

Dentro desta rede compartilhávamos (e/ou ainda compartilhamos) fotos – *selfies*, pratos de restaurantes, animais (#dogs e #gatinhos), lugares, viagens, paisagens, flores, amigos, baladas, bebidas, “*check-in*” em lugares, recordações de #tbt. Deixo este espaço, caso você queira comentar algo que eu tenha deixado escapar.

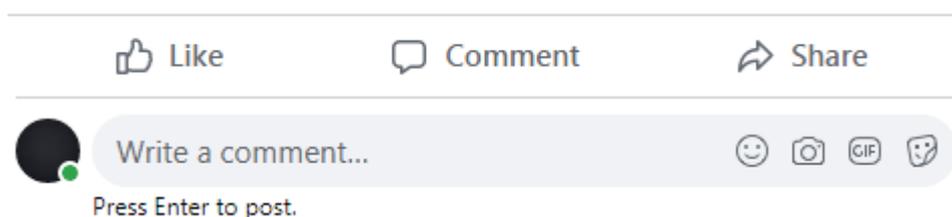


Figura 2 – aba de comentário do Facebook. Disponível em < <https://www.facebook.com>>.

Acesso em 12/05/2020

Em um novo cenário passamos então a compartilhar, além disso, notícias, informações, a receber *fake news*⁸, em um movimento onde o *Facebook* ampliou largamente seus objetivos, e passou a nos oferecer também anúncios, possibilidade de nos relacionarmos a partir de grupos e comunidades, fazer lives, novos formatos de postagem, entre tantas outras modificações, que quem faz uso vai percebendo as novas inserções.

Em relação à este intenso uso, um estudo promovido pela agência *We Are Social*⁹, chamado Digital 2021, afirma que 4,66 bilhões de pessoas em todo o mundo usam a internet em janeiro de 2021, um aumento de 316 milhões (7,3 %) desde esta época do ano passado. Ainda em dados apontados pelo estudo, agora existem 4,20 bilhões de usuários de redes sociais em todo o mundo, sendo agora equivalente a mais de 53% da população mundial.

⁸ Notícias falsas que viralizam entre a população, como se fossem verdade.

⁹ Maior agência especializada em social media do mundo, fundada em 2008. Disponível em < <https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em 14/05/2021.



Figura 3 – uso da internet e redes sociais - Disponível em < <https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 14/05/2021

As afirmações trazidas pelo estudo apontam ainda que “as mídias digitais, móveis e sociais se tornaram uma parte indispensável da vida cotidiana de pessoas em todo o mundo. Em 2020, um ano em que grande parte do mundo estava em *lockdown*, os usuários de mídia social cresceram na taxa mais rápida em três anos, para 4,20 bilhões” (WE ARE SOCIAL, 2021). Ou seja, nosso uso da internet e das redes sociais, que mesmo antes da pandemia já vinha aumentando de forma sistêmica, hoje passa a ocupar novas posições em questões numéricas, apontando a grande quantidade de pessoas que fazem uso destas ferramentas.

Lançando os olhos às questões metodológicas desta pesquisa, que se vale da *flanerie*, têm-se em vista os pressupostos de uma pesquisa pós-crítica, que nos faz olhar e encontrar diferentes caminhos e possibilidades, deixando guiar-se por novas maneiras de compreender, dizer, ver, encontrando saídas para que se produzam diferentes sentidos (MEYER e PARAÍSO, 2012). Portanto, uma metodologia que se baseia na construção de sentidos, é atenta ao cenário que se desenha ao decorrer da pesquisa, buscando assim a melhor forma de observação, apreensão e produção do material necessário para que as teorizações aqui propostas fossem verificadas junto aos sujeitos pesquisados. Segundo Meyer e Paraíso,

Ao construirmos nossas metodologias traçamos, nós mesmos/as, nossa trajetória de pesquisa buscando inspiração em diferentes textos, autores/as, linguagens, materiais, artefatos. Estabelecemos nossos objetos, construímos nossas interrogações, definimos nossos procedimentos, articulamos teorias e conceitos. Inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e do problema de pesquisa que formulamos. Como estamos, permanentemente, ‘à espreita’ de uma inspiração, aceitamos experimentar, fazer bricolagens e transformar o recebido. (2012, p. 33)

Neste sentido, a trajetória de pesquisa foi andarilhando, assim como o *flanêur*, em busca de melhores caminhos para que se pudesse observar esses movimentos virtuais performados pela juventude. Considerando ainda o percurso que foi percorrido em função da Covid-19 e os encontros presenciais, foi necessário produzir estratégias e saídas para que a pesquisa se tornasse possível.

Acredito que ao poder observar, escutar, registrar o movimento de vai e vem que acontece desde a qualificação desta tese, foi possível compreender o objeto de estudo por diferentes ângulos. Uma pesquisa que une “jovens” e “redes sociais” acaba por ter que ceder aos movimentos inerentes aos processos que acompanham a intensa e singular construção da juventude, e o ambiente que se configura de diferentes formas considerando a fluidez das redes.

Articular uma pesquisa que se debruça sobre os movimentos juvenis nas redes demandou uma real etnografia deste espaço virtual, com uma dose de percepção que se tornou necessária para que pudesse olhar por uma nova perspectiva o mesmo campo de trabalho. Os jovens, que antes possivelmente usavam as redes para socialização, precisaram se valer deste espaço para seguir mantendo contato com seus pares durante a pandemia.

4.1 Especificidades do momento da pesquisa

Com o desenrolar do ano de 2020, e a previsão da realização desta atividade junto ao grupo focal em junho do referido ano, fomos sendo alertados, com notícias vindas dos locais em que a pandemia acontecia, que o surto da Covid-19 chegaria junto com incertezas. Em meados de março de 2020, foi decretado o *lockdown*¹⁰, e a cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, onde essa pesquisa é realizada, paralisou atividades não essenciais, dentre elas as escolares. Considerando este período histórico, de exceção, que nos exigiu adaptações, a proposta também necessitou de reformulação.

Passado o período inicial desta quarentena, e com a não retomada das atividades presenciais escolares dos jovens do ensino médio até outubro de 2020¹¹ (foram retomadas apenas facultativamente as atividades da educação infantil), a proposta da materialidade desta pesquisa necessitou ser adaptada ao cenário de ensino virtual, o qual os estudantes estavam inseridos no momento.

Os estudantes necessitaram adaptar-se ao novo “normal” em suas rotinas de estudo em março de 2020. Cada escola procedeu de uma forma, e conforme relato da coordenação do Colégio Estadual Coronel Pilar, o envio das atividades aos estudantes do ensino médio, neste período, aconteceu através da plataforma *WhatsApp*, de março de 2020 até metade de julho de 2020. Posteriormente, o governo do Estado do Rio Grande do Sul disponibilizou o acesso à plataforma virtual *Google Classroom*¹², com uso em vigência pela escola que acolheu esta pesquisa.

Neste sentido, a intenção inicial da realização de um grupo focal presencial junto aos jovens estudantes do ensino médio, de forma presencial, no ambiente escolar,

¹⁰ O Decreto Estadual nº 55.128, de 19 de março de 2020, declara estado de calamidade pública em todo o território do Estado do Rio Grande do Sul para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo COVID-19 (novo Coronavírus). Disponível em <<https://www.santamaria.rs.gov.br/coronavirus/?secao=decreto>>. Acesso em 1/11/2020.

¹¹ Fica autorizado, a partir do dia 24 de outubro de 2020, o funcionamento dos estabelecimentos de Educação Infantil, situados no Município de Santa Maria, para realização de atividades presenciais de ensino, de apoio pedagógico ou de cuidados a crianças, conforme as condições, o teto de operação, o modo de operação e os demais limites, restrições e medidas definidos neste Decreto Executivo, nos Decretos Estaduais nº 55.240 de 2020, e nº 55.465 de 2020. Disponível em <<https://www.santamaria.rs.gov.br/coronavirus/?secao=decreto>>. Acesso em 1/11/2020.

¹² A primeira etapa, chamada de Ambientação Digital, começou em 1º de junho e se estende até o dia 13, envolvendo o processo de inserção dos professores e alunos na plataforma Google Sala de Aula. Nesse período, serão detalhadas as informações de acesso, como login e senha, para que todos possam iniciar o período de capacitação. Os estudantes e educadores começam o processo de aprendizado sobre a utilização de todos os recursos disponíveis na plataforma. Disponível em <<https://www.estado.rs.gov.br/escolas-da-rede-estadual-iniciam-adaptacao-as-aulas-remotas>>. Acesso em 1/11/2020.

necessitou ser repensada em função da pandemia, sendo assim reformulada. Segundo Barbour (2009, p. 17), o grupo focal “[...] não somente [permite] análises de declarações e relatos sobre experiências e eventos, mas também do contexto interacional em que essas declarações e esses relatos são produzidos”. Portanto, parte da ideia do grupo focal acaba por se perder ao não ser possível uma interação presencial e de troca.

A proposta então consolidou-se com o envio de um questionário, viabilizado pela plataforma *Google Classroom*, respondido individualmente por cada estudante, sobre os movimentos performados dentro das redes sociais, solicitando desses jovens a exposição de suas opiniões frente às relações que estabelecem nestes espaços, na busca por reconhecer as formas de exposição e interação vivenciadas pelos mesmos. Este foi um dos meios de coleta de dados acerca da interação dos jovens com as redes sociais.

A possibilidade de utilização da plataforma do *Classroom* para encontro virtual com os estudantes não foi considerada, visto que este acesso era permitido somente aos professores via senha e e-mail individuais de acesso, referentes às suas disciplinas.

Em um segundo momento, com a retomada das atividades presenciais, prevista para 18 de maio de 2021, tivemos o retorno das aulas na escola, observando as medidas sanitárias vigentes: distanciamento, quantidade de alunos por sala, aferição de temperatura e uso de álcool gel. Com a possibilidade de encontro presencial com os estudantes, realizei uma segunda proposta presencial na escola, contemplando a proposta de grupo focal.

Foram realizados encontros conforme a disponibilidade da escola, em dois turnos, e em 4 salas de aula diferentes, englobando um total de 10 estudantes. Como proposta de trabalho, foram apresentadas aos estudantes um total de 11 questões, apresentadas aos alunos via *Facebook*, através de um perfil aberto onde puderam respondê-las de forma individual. Estas ações estão detalhadas na seção Desdobramentos da materialidade da pesquisa (p. 88).

Na *flânerie* atual, assim como no *flanêur* que caminhava pelo século XIX, naquela “[...] embriaguez anamnésica, na qual vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que lhe passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente do simples saber, de dados inertes, como de algo experienciado e vivido” (Benjamin, 2009, p. 462), temos o experienciar como contribuição na construção deste panorama da conectividade.

Experienciamos junto com a pandemia o viver em isolamento e a conectividade por meio de nossos aparelhos eletrônicos. Experienciamos, na utilização das redes, no

percorrer diário por *posts*, notícias, interações, que estávamos criando novas relações a partir destes espaços que já eram consolidados. Este espaço de interatividade, com um extenso número de pessoas participando, vivenciando a realidade por meio das telas, temos referenciado por Benjamin que, em analogia, nos traz que:

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes. (2009, p. 468)

Neste sentido, pensando neste mesmo coletivo, nas inquietações que ainda são experienciadas na troca com o outro, porém adaptando o cenário das ruas para o das redes sociais, temos este espaço que proporciona ainda este “entre”, que podemos nomear como entrelugar das redes, onde são experienciadas vivências, interações e aprendizagens, tal como aconteciam nas passagens do *flanêur*.

Como caminhante nesta *flanerie*, metodologia ativa que propicia paradas, observações, para lançar o olhar ao que se passa a nossa frente, “[...] escolher como seu domicílio a multidão, o ondulante, estar fora de casa e, no entanto, se sentir em casa em toda parte, ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo” (Benjamin, 2009, p. 487), faz parte de um movimento, uma tentativa de observação desta multidão, mesmo sendo parte pertencente dela.

Presenciar os movimentos, neste caso, além de supor estar presente, é estar participante destas redes, interagindo, mesmo que somente ao observar, e neste sentido despertar novos caminhos dentro da própria pesquisa, que abraça o movimento das redes.

Para análise do material resultante destas ações realizadas dentro desta tese, apoio-me em Bardin (2016), que lista que entre uma das possibilidades de análise de resposta a questões abertas a “leitura flutuante”, no sentido de identificar hipóteses a partir das respostas formuladas. A partir destas hipóteses então, que a análise dos dados segue de forma qualitativa, de forma a considerar colocações pontuadas pelos jovens, buscando por indicadores que fundamentem a interpretação final. Para Bardin, a leitura flutuante consiste em:

[...] estabelecer contato com os documentos a analisar e reconhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura ‘flutuante’, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material [...]. (BARDIN, 2016, p. 126)

Assim como a leitura flutuante, que permite pontuar os itens a serem elencados dentro da materialidade da pesquisa, a categorização do material, a partir dos dados brutos do texto, permite que se atinja uma representação do conteúdo ou da sua expressão, possibilitando ao analista que esclareça as particularidades e características do texto (BARDIN, 2016).

Neste sentido a análise de conteúdo, através da categorização, possibilita que os dados sejam agrupados em categorias, por analogia. Por meio das próprias respostas que emergiram a partir da materialidade dos dados, é que foram criadas categorias para análises, a partir desse grupo de elementos, organizado em razão das características comuns entre eles.

A codificação dos dados permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, esclarecendo as características do texto, que podem servir como índices (BARDIN, 2016). Conforme Bardin (2016, p. 131) “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

Ainda sobre as questões metodológicas que se ocupam do viés qualitativo dos dados, temos então mensagens singulares, emitidas pelos estudantes participantes da pesquisa, observadas a partir de categorias. Estas questões estão detalhadas na seção Desdobramentos da materialidade da pesquisa (p.88), onde são apontadas estas categorias, bem como descritas e analisadas as questões pontuadas pelos jovens que participaram das ações que compõem este material de pesquisa. A seguir, temos a seção **Sociedade conectada**, que traz um panorama de nossa sociedade, apontando as relações teóricas estabelecidas entre a atualidade e a conectividade por nós vivenciada.

5. Sociedade conectada

Se tomarmos como referência nossa condição atual, a conectividade tem sido exigida em doses extras. A pandemia COVID-19 trouxe à tona uma necessidade ainda maior de que o contato social fosse mantido de forma virtual, assim respeitando distanciamentos físicos que impedem a maior circulação do vírus entre a população. O contato por meio de aplicativos, ou redes sociais, que torna isso viável, fez com que ocorresse de forma ainda mais frequente o uso destas ferramentas pela maioria das pessoas, visto que é a forma possível para que possamos seguir conectados, mesmo que de maneira remota.

Lévy, ao se posicionar sobre as impressões que podemos ter sobre as redes sociais, nos pede que procuremos compreendê-las, não de modo a criar um posicionamento contra ou a favor, mas um que permita reconhecer as mudanças e o ambiente inédito que resulta com a extensão das redes para a vida social e cultural (LÉVY, 2010). Em posse de uma ferramenta que compartilha mensagens, imagens, vídeos, e qualquer forma de conteúdo expressivo, as pessoas têm acesso a uma plataforma que gera ao mesmo tempo poder expressivo e tamanho de público (SHIRKY, 2012). Ou seja, se antes podíamos considerar o uso dos *smartphones* de forma ostensiva pela população, hoje se tornou necessidade real e prática do dia a dia, sendo canal de comunicação para assuntos pessoais, *home office*, atividades escolares, bem como forma de distração.

Pontuando sobre a sociedade digital em que vivemos, Han afirma que “a nova massa é o enxame digital” (2018, p. 26). Neste sentido, o autor situa como um novo tipo de agrupamento de pessoas, mais volátil, um novo formato de massa, pois os indivíduos do enxame não desenvolveram algo que ele denomina como um “nós”. Eles são antes um amontoado, mas sem uma voz única que possa determinar um sentido, ou uma unidade no que acaba acontecendo dentro dos espaços digitais. O autor aponta que ao *shitstorm*¹³ falta uma voz, o que o faz ser percebido apenas como um barulho.

Mesmo que os movimentos gerados na internet não tenham unidade/unicidade, ou uma figura a quem possamos vincular seus desdobramentos, ainda assim “a mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos” (Han, 2018, p.

¹³ Tempestades de indignação que tomam conta das redes.

36). Neste sentido, podemos perceber que não estamos apenas acompanhando os movimentos que ali ocorrem, mas sim, em algum momento, nos envolvemos de alguma forma em meio a este aglomerado de informações, acontecimentos e movimentos que mantêm a rede com atrativos o suficiente para que seja acessada de forma sistemática por seus usuários. Para Sibilía,

A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo. (2016, p. 21)

Essas novas modalidades de relações, que perpassam pelo digital, nos conectam de forma a fazer com que as exigências de uso da tecnologia, e a quase obrigação de contato por meio virtual com os demais, nos tragam mudanças as quais nem sequer podemos relatar e observar com o distanciamento necessário. Em um curto período de tempo, necessitamos nos adaptar a modificações que foram do simples fato de utilizar redes sociais de forma voluntária, ao fato de usá-las como recurso tecnológico disponível para que fosse possível manter contato com pessoas de fora do pequeno grupo de convívio.

Destarte, temos a conectividade possibilitando encontros que não mais necessitam de espaços físicos, e sim utilizam o digital como meio. Aqui podemos elencar algumas plataformas que servem a esse sentido, tais como *Google Meet*, *Zoom*, *Skype*, *WhatsApp*, *Microsoft Teams*, todas essas encontradas na forma de aplicativos para o celular ou passíveis de acesso a partir de um computador, *notebook* ou *tablet*. 2020 nos trouxe um “novo normal” que englobou a comunicação por meio de videochamadas, *lives*, vídeos, tanto por meio de aplicativos, como por meio das próprias plataformas das redes sociais que permitem este tipo de interação.

Desta forma, podemos apontar algumas pistas, mesmo que englobados ainda na realidade da pandemia, entre elas elenco: o intenso uso das ferramentas que conectam digitalmente, bem como o consumo de conteúdo digital de forma mais intensa, devido ao maior acesso e contato com os pares através da internet. Considerando o uso de dispositivos que nos mantêm conectados em rede, Levy afirma que

Vagamente interessados por um assunto, mas prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, não sabendo exatamente o que procuramos, mas acabando sempre por encontrar alguma coisa, derivamos de site em site, de link em link, recolhendo aqui e ali coisas de nosso interesse. (2010, p. 88)

Ou seja, ao entrarmos em contato com um cenário de infinitas possibilidades de acesso, de *link* em *link* acabamos por submergir em diferentes assuntos, notícias, postagens, imagens, recortes que recebem nossa atenção, e assim acabamos por performar digitalmente diferentes caminhos, conforme nosso viés de interesse, e ao que nossas próprias redes sociais nos sugerem como conteúdo a ser consumido.

De outro lado, ao situar que a *web* criou um novo ecossistema, Shirky (2012) defende que nestes espaços a colaboração coletiva e participação tem se estendido de formas diversas, de maneira que é impossível que haja um controle acerca do que for postado – notícia, imagem, opinião, e no sentido dos desdobramentos gerados a partir destes dispositivos. Portanto, ao não ter como prever de antemão o alcance de determinada postagem, também não temos como dimensionar como o outro se apropria, dos sentidos que dá, e do que possivelmente possa lhe disparar. Aqui, nesta lacuna, é onde as *fake news* aparecem, tomam força, e são levadas como verdade caso não se verifique a fonte e o conteúdo disponibilizado.

Em outras palavras, conectados por meio de redes sociais acabamos por navegar e nos deparar com um cenário repleto de possibilidades, onde podemos obter informações e aprender a partir de vários aspectos. Na tentativa de nos situar sob a condição de usuário, dentro de todas as possibilidades que a internet traz, De Masi afirma que:

A redundância de informações em tempo real influenciou profundamente nossa esfera emocional e valorativa, multiplicou nosso estresse, comprometeu nossas capacidades críticas, implicou uma dificuldade crescente de processá-las e dominá-las. O remédio que fomos obrigados a empregar para combater a desorientação daí decorrente foi pior que a doença: confiamos-nos a intérpretes e mediadores culturais (âncoras, astros de cinema e televisão, santarrões, formadores de opinião), autorizando-os a encontrar, mutilar, deformar, resenhar, comprimir, comentar e manipular as notícias para torná-las mais palatáveis e menos nutritivas, mais sensacionalistas e menos confiáveis, mais agradáveis e menos educativas. (2017, p. 524-525)

Por meio desse olhar que o autor lança ao que é feito com o conteúdo consumido online, De Masi nos coloca na situação de sujeitos performáticos os quais vagam por este amontoado de informações tentando a elas dar sentido, de alguma forma. Neste sentido, afirma que nossas capacidades socioeconômicas, culturais, críticas e de filtragem acabam por determinar de que forma serão aproveitadas estas informações (DE MASI, 2017).

Ao observar a internet e nossa relação sociocultural com a mesma, a atribuição de sentido ao que lá se consome será relacionada à disponibilidade de quem com ela interage, considerando seus interesses, suas buscas, determinando assim sua forma de se relacionar com o que encontra nestes espaços. Ponderando ainda sobre o efeito das redes em nossas relações, forma de vida, interação entre sujeitos, De Masi situa que,

Com a Web, mudaram a produção e o consumo, o gosto e os sentidos; a esfera privada e a pública tornaram-se fenômenos planetários, modelados e lubrificados pela informática. Inserindo-se impetuosamente na nossa vida, a Web provocou efeitos desconcertantes na qualidade da existência, do ambiente, da sociedade, da economia, da política, do desenvolvimento tecnológico ulterior. Mudaram substancialmente nossas maneiras de nos instruir, de trabalhar, de nos comunicar, de empregar o tempo livre, de ouvir e de ser ouvidos. Numa palavra, de viver. (2017, p. 524)

Concordando com os novos efeitos que a *web* trouxe às vivências, ao afirmar que o próprio viver foi alterado, De Masi nos dá pistas sobre o quanto as redes têm reformulado estruturas sociais previamente delineadas, de maneira trazer a elas novos sentidos. Tanto os sujeitos jovens, quanto qualquer sujeito que esteja vinculado às questões tecnológicas que a atualidade nos oferta, fazem parte de um sistema o qual os convida a reconfigurar certezas, olhar por novas perspectivas, assumindo assim que a intensa conectividade traz consigo uma gama de mudanças sociais.

A perspectiva e visão de mundo passa a ser ampliada a partir do momento em que o contexto da internet nos faz pertencentes a uma sociedade globalizada, interconectada, onde o que acontece em um extremo do planeta, passa a ser assunto no extremo oposto, tudo isso viabilizado por conexões, redes de informação. Neste sentido, Lévy define como ciberespaço, ou rede como:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (2010, p. 17)

Como usuários dos ciberespaços, das redes, estamos ao mesmo tempo como navegantes, consumidores e produtores de informações, fazendo com que esse universo se torne vívido, onde as trocas não cessem, e onde as conexões não sejam interrompidas. Ou seja, somos sociedade e sujeitos conectados.

6. Geração Z – jovens online

Se antes os jovens por vontade própria ocupavam-se do cenário das redes sociais, da conectividade, do digital, hoje precisam se valer destes espaços para uma maior convivência com seus pares. Tomando as redes como parte intrínseca da tarefa de socializar, pode-se percebê-las como uma realidade alternativa de refúgio (CORSO; CORSO, 2018). Jovens com menos de 25 anos em 2020, nomeados de Geração Z, representam 41% da população mundial, segundo o *Facebook IQ*¹⁴. Para estes jovens a pandemia COVID-19 atingiu um momento de formação, porém a mesma pesquisa aponta que parecem estar resistindo de uma forma que os deixa transformados, mais fortes e energizados em torno de quem são, o que defendem e o que os motiva.

Para apreensões em torno da realidade conectada da juventude, me apoio nas considerações de Danah Boyd (2014), especialista em cultura juvenil, que se ocupa das questões de como os jovens utilizam as mídias sociais em suas práticas cotidianas. A autora, através da escuta aos adolescentes, reflete sobre o papel das redes sociais digitais em suas vidas, e descreve o modo de convivência em rede dos adolescentes.

O encontro com as considerações de Danah, que por oito anos explorou vários aspectos em relação à adolescência, possibilitou o recorte de algumas percepções importantes em relação à juventude, sem deixar de considerar que a autora discute o contexto social da realidade dos Estados Unidos. A autora, ao descrever seu percurso de pesquisa junto aos jovens no livro “*It’s complicated: the social lives of networked teens*”, de 2014, conta sua imersão junto a essa realidade, sobre sua longa estada entre 2005 até 2012, percorrendo 18 estados e observando jovens de diferentes comunidades socioeconômicas e étnicas.

Neste sentido, Boyd aponta que quando começou a sentir as paixões e frustrações dos adolescentes para levá-las a um público mais amplo, reconheceu que suas vozes raramente moldaram o discurso público em torno de suas vidas em rede, e que muitas pessoas falam sobre o envolvimento dos jovens com as mídias sociais, mas muito poucas estão dispostas a ter tempo para ouvir adolescentes, ou prestar atenção ao que eles têm a dizer sobre suas vidas (BOYD, 2014).

Um dos intuitos da autora diz respeito a centrar nossos olhares nos jovens, e situa: “minha esperança é que você suspenda suas suposições sobre os jovens em um

¹⁴ Plataforma online que reúne em um só lugar estudos e estatísticas sobre o comportamento do consumidor na web. Principalmente na própria plataforma do *Facebook* e de outras redes sociais.

esforço para entender a vida social dos adolescentes em rede. De um modo geral, as crianças estão bem. Mas eles querem ser entendidos¹⁵” (Boyd, 2014, p. 5).

Mais uma vez aponto a importância de que este tipo de pesquisa seja construída junto aos jovens, sobre os jovens, a partir dos jovens, e que possa dessa forma contribuir com pistas para a compreensão de sua configuração contemporânea, mesmo que de ordem tão provisória, demonstrando assim interesse e aproximação com os sujeitos que estão se constituindo na atualidade. Como o próprio jovem enxerga este cenário no qual está imerso? Seria possível pontuar a importância que este jovem dá ao que vivencia nestes espaços de conectividade virtual? São perguntas que tentarei dissolver ao longo desta tese, que se debruça especialmente sobre a juventude e as redes, por excelência considerados movediços, instáveis, volúveis, oscilantes, escorregadios, ou seja, impossíveis de situar dentro de uma definição rígida.

Mas, ao menos, tentarei apreender sobre a juventude do agora, que em meio à pandemia tenta firmar suas relações sociais, seus estudos, seus planos de vida, vivendo em um cenário habitado por incertezas ainda maiores. Se antes viver a juventude se tratava de uma tarefa complexa, hoje, em meio ao que chamamos de “viver um dia de cada vez” nos coloca uma realidade social ainda mais temerosa em relação ao que se espera do futuro.

Definindo a denominada geração Z, na qual se compreendem os jovens nascidos entre 1997 e 2012 (DIMOK, 2019), o *Pew Research Center*¹⁶, aponta que estes jovens têm presente desde sua adolescência o acesso à mídia social e a conectividade constante, por meio de dispositivos móveis, considerando o fato de que o primeiro iPhone foi lançado em 2007, quando a geração completava 10 anos. Ainda para o mesmo autor, as implicações sobre o crescimento em um ambiente tecnológico estão ganhando foco nas pesquisas.

Pesquisas recentes mostraram mudanças dramáticas nos comportamentos, atitudes e estilos de vida dos jovens - tanto positivos quanto preocupantes - para aqueles que atingiram a maioridade nesta era. O que não sabemos é se essas são marcas geracionais duradouras ou características da adolescência que se tornarão mais silenciosas ao longo de sua vida adulta. Começar a

¹⁵ “My hope is that you will suspend your assumptions about youth in an effort to understand the social lives of networked teens. By and large, the kids are all right. But they want to be understood.”(BOYD, 2014, p.5).

¹⁶ O *Pew Research Center* é um centro de fatos não partidário que informa o público sobre as questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Disponível em <<https://www.pewresearch.org>>. Acesso em 04/05/2021.

acompanhar esta nova geração ao longo do tempo será de grande importância¹⁷. (DIMOK, 2019)

Estas mudanças comportamentais e no estilo de vida da adolescência que vive a conectividade, proporcionada pelo uso da internet, nos aponta a importância desta tentativa de mapear como acontecem os processos junto à esses grupos. Mesmo considerando que as próprias gerações sejam grupos inerentemente complexos e diversos entre eles, esta definição se amplia junto ao mundo conectado, respingando nas formas de interação com o ambiente, e demandando um olhar mais demorado sobre esse cenário. Dimok (2019) propõe ainda que precisamos ter em mente que as gerações constituem uma lente para entender a mudança social, e não um rótulo o qual possa simplificar as diferenças entre elas.

A *Truth Central*¹⁸, responsável pelo mapeamento da multinacional *McCann*, em pesquisa atualizada sobre a Geração Z, nomeada *The Truth about GEN Z* (2020), a situa “como [a geração de alguém que] mudou o mundo de uma forma positiva”. Em uma pesquisa que entrevistou 32.000 participantes, entre 26 países, aponta que por ser “criativa, engenhosa e ansiosa para causar impacto, a Geração Z é uma geração capaz de remodelar a cultura em uma escala global”. No mesmo estudo, ainda apontam as questões referentes à pandemia a qual vivenciamos, afirmando que “nenhuma compreensão da cultura jovem estaria completa sem abordar os efeitos de uma pandemia única na vida”, apontando um dos mais tumultuados períodos na memória viva.

Situando mais características sobre estes jovens, o estudo da *Truth Central* (2020) afirma que a Geração Z assume a cultura em suas próprias mãos, com a capacidade de auto-seleção e com as ferramentas para curar e popularizar seus próprios interesses entre o convencional. De fato, a Geração Z, ao valer-se do amplo acesso às redes, teve acesso a diferentes formas de relacionar-se com as tecnologias. Conforme o estudo,

¹⁷ “Recent research has shown dramatic shifts in youth behaviors, attitudes and lifestyles – both positive and concerning – for those who came of age in this era. What we don’t know is whether these are lasting generational imprints or characteristics of adolescence that will become more muted over the course of their adulthood. Beginning to track this new generation over time will be of significant importance”. (DIMOK, 2019).

¹⁸ A *McCann Truth Central* é a unidade de inteligência global do *McCann Worldgroup* dedicada a descobrir as grandes verdades que orientam atitudes e comportamentos das pessoas na vida e em sua relação com as marcas. A equipe de especialistas em tendências e percepções cria regularmente estudos globais repletos de perspectivas acionáveis que são tão criativas quanto analiticamente nítidas. Disponível em <://www.wmccann.com/estudos/truth-about>. Acesso em 10/05/2021.

De movimentos socioculturais virais a carreiras de compositor *indie* lançadas por meio do *TikTok*, a Geração Z tem tudo a ver com quebrar barreiras ao acesso cultural e edificar aqueles que estão além do status quo privilegiado. Na verdade, 70% da Geração Z concorda que a melhor maneira de ter uma ideia criativa é reunir um grupo de pessoas que parecem diferentes e pensam de forma diferente. (TRUTH CENTRAL, 2020)

Neste sentido, ao delinear sobre as características do recorte etário feito por esta tese, consegue-se, por meio destes indicadores, perceber o envolvimento social da Geração Z. Trata-se de uma geração que, para além da conectividade, apresentam-se como criadores e fabricam suas próprias tendências, observando diferentes estilos de vida em ascensão. Em postagem publicada em 21 de setembro de 2020, o Facebook IQ afirma que

A Geração Z não é apenas grande demais para ser ignorada – eles são literalmente o futuro. Para os Gen Zers, a pandemia COVID-19 atingiu em um momento particularmente formativo, interrompendo jornadas educacionais, oportunidades de carreira e muito mais. Mesmo assim, muitos membros da Geração Z parecem estar resistindo de uma forma que os deixa transformados, mais fortes - energizados em torno de quem são, o que defendem e o que os motiva. (FACEBOOK IQ, 2020)

Para nos aproximarmos da realidade desta geração, precisamos situar-nos que a mesma engloba jovens que cresceram com os dispositivos móveis como janelas para o mundo. Ainda segundo dados produzidos pelo Facebook IQ, esta geração reconhece o poder possibilitado pelo acesso à tantas informações, porém, afirmam que junto a esse poder vêm uma grande responsabilidade, que se traduz no dever de aprender constantemente – e a obrigação de transformação do que aprenderam em ações significativas.

O que se observa em comum, tanto nas pesquisas da Pew Research, Truth Central e *Facebook IQ*, é a característica de uma juventude com vontade de mudança, de ação, e que por naturalmente habitar o digital, tem um acesso ilimitado a informações, o que os coloca frente a um cenário diferente do da geração anterior, na mesma faixa etária. Neste sentido, observando a geração e seus comportamentos, com uma possibilidade maior de escolha referente ao que consomem, viabilizado pelo amplo acesso ao que desejam assistir, ler, interagir, aprender, dentro das redes e da internet, hoje temos jovens que performam sobre suas escolhas dentro dos espaços virtuais. Ao discorrer sobre as aspirações destes jovens, a pesquisa do Facebook IQ aponta que

A grande maioria dos membros da Geração Z em todo o mundo acredita que é importante desenvolver novas habilidades ao longo da vida (79%) e ficar bem informados sobre as coisas (77%). Este ano, como COVID-19 fechou muitas salas de aula presenciais, vimos o desejo da geração Z de aprender mudar ainda mais para o digital, com um aumento marcante em todo o mundo nas conversões no Facebook em torno da educação online. (FACEBOOK IQ, 2020)

Ou seja, o desejo pela informação e desenvolvimento de habilidades acompanha esta geração, que, por hora, acessa ainda mais a internet, por conta da pandemia e das demandas educacionais que também passaram a acontecer de forma online. A escola, que antes acontecia de forma presencial, ocupou os espaços virtuais e assim passou a exigir novas demandas desta juventude. A respeito da COVID-19, esta mesma geração aponta ter mudado rapidamente seus medos, preocupações e prioridades coletivas (TRUTH CENTRAL, 2020).

A pesquisa realizada pela Truth Central aponta questões referentes aos sentimentos da geração Z, afirmando que 76% deles, globalmente, acreditam que as conexões emocionais hoje são mais fracas do que eram no passado. A geração mais conectada da história também é a mais desconectada e solitária, pois hoje em dia, se não estão confortáveis com alguém, não há compromisso ou tristeza em partir (TRUTH CENTRAL, 2020).

Para Boyd (2014), as redes desempenham papel crucial na vida dos jovens. Entendidas como espaço próprio para fazer sentido no mundo, complementando os encontros físicos, presenciais, mudam a essência da forma pela qual os jovens buscam seu lugar na sociedade (BOYD, 2014). Pontuando sobre a similaridade dos encontros que o virtual propicia, tal qual shoppings ou parques eram para as gerações anteriores, a autora afirma que as redes criaram seus próprios públicos em rede, permitindo que as pessoas fizessem parte de uma comunidade mais ampla.

Situando esta geração dentro destes aspectos, que a unem conectividade, seleção e produção de conteúdos, temos jovens que, dentro da perspectiva do uso das redes sociais, exploram este espaço, que lhes é familiar, expandindo seu potencial conforme interesses próprios. Quanto à pandemia, as fracas conexões emocionais, apontadas como características da Geração Z, também se afirmam nas relações virtuais pelos mesmos estabelecidas, e acentuadas neste período atípico o qual vivemos.

7. Redes Sociais

Facebook, Snapchat, Twitter, Instagram, Youtube. Em empresas assim, o modelo de negócio é manter as pessoas presas à tela. Nós temos que descobrir como prender o máximo possível a atenção desta pessoa. Quanto tempo podemos fazer você gastar? Quanto da sua vida você consegue nos dar? (THE SOCIAL DILEMMA, 2020, aos 13:36min)

O intenso uso das redes sociais, uma das marcas da contemporaneidade, nos remete ao estar online, presente, conectado, o que supõe um espaço que propicie esta relação – com o outro, com o que é de fora. No documentário *The Social Dilemma* (2020), dirigido por Jeff Orlowski podemos perceber o quanto nossas relações sociais têm sido alteradas e estabelecidas a partir destas plataformas. Sobre o design ético dos produtos, Tristan Harris¹⁹, afirma que muitas pessoas pensam que o *Google* é só uma ferramenta de busca, e o *Facebook* um lugar para ver o que meus amigos estão fazendo, fotos deles, mas que o que as pessoas não percebem é que eles estão competindo pela sua atenção, sobre o quanto as ferramentas tecnológicas são viciantes. Lupton afirma que as plataformas e aparelhos têm grande impacto em nossa vida social, pois,

A partir de 2001, muitas plataformas e aparelhos foram lançados e tiveram um grande impacto na vida social. A Wikipedia e o iTunes começaram a operar em 2001. O LinkedIn foi estabelecido em 2003, Facebook em 2004, Reddit, Flickr e YouTube um ano mais tarde, e o Twitter em 2006. Os smartphones chegaram ao mercado em 2007, no mesmo ano em que o Tumblr foi lançado, enquanto o Spotify começou em 2008. Instagram e tablets vieram em 2010, Pinterest e Google+ em 2011.²⁰ (2015, p. 01)

Ao elencar as principais redes sociais, plataformas e espaços de interação online, a autora nos situa em relação ao período de surgimento de cada um deles. Especificando aqui este contexto, nota-se que as redes sociais são o palco que aloja esse encontro do eu com o externo. Esse sistema aberto e imprevisível, que é acessado por bilhões de usuários (segundo o *Facebook for Business*, 1,79 bilhões de pessoas usam o *Facebook*

¹⁹ Google Former Design Ethicist, Co-Founder of Center for Humane Technology.

²⁰ “From 2001, many significant platforms and devices have been released that have had a major impact on social life. Wikipedia and iTunes began operation in 2001. LinkedIn was established in 2003, Facebook in 2004, Reddit, Flickr and YouTube a year later, and Twitter in 2006. Smartphones came on the market in 2007, the same year that Tumblr was introduced, while Spotify began in 2008. Instagram and tablet computers followed in 2010, Pinterest and Google+ in 2011”. (LUPTON, 2015, p. 01)

todos os dias para se conectar²¹), é gerido pelo dinamismo da relação entre os que dele fazem parte.

A complexidade desta arquitetura virtual nos mostra a não linearidade presente nestes espaços, que se moldam conforme o uso individual. Boyd e Elisson, definem *sites* de redes sociais

[...] como serviços baseados na web que permitem que os indivíduos (1) construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado, (2) articulem uma lista de usuários com os quais compartilham uma conexão e (3) visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site²². (2007, p. 211)

Tomando como exemplo a rede social *Facebook*, temos a possibilidade, ao acessá-lo e criar uma conta, de interagir de diferentes formas. Podemos fazer a escolha dos amigos a adicionar, que podem ser pessoas que fazem parte do nosso círculo de amizades ou não. Podemos escolher que tipo de páginas de conteúdo seguir, e que neste caso, ao seguirmos, iremos receber os *posts* por ela publicados. Podemos nos inserir em grupos, os quais são voltados para diferentes finalidades – unir os mesmos interesses, unir pequenas minorias ou grandes maiorias, grupos voltados para a venda de itens, ou até mesmo grupos que colaboram com os participantes de alguma forma, como vaquinhas, autoajuda, e até mesmo compartilhando algum tipo de conhecimento.

Neste sentido, cada conta criada nesta rede social é única. Cada perfil de usuário se torna uma forma de mediarmos nossas interações sociais, e possibilita nosso contato com os assuntos, interesses e pessoas as quais selecionamos de alguma forma. Podemos considerar que nas redes temos diferentes formas de interagir, de observar, em um espaço onde a realidade social é contextualizada de maneira distinta ao mundo não virtual.

Nas redes podemos ser “anônimos”, ao criar um perfil onde nossa identidade não seja revelada, ou podemos nos expor e nos relacionar com os demais com perfis que mostram nossas características, mesmo assim sempre por trás de uma tela. Uma das possibilidades de uma rede social é este escudo que ela nos oferece, de “proteção” física

²¹ Dados coletados pela própria plataforma, atualizados em junho de 2020. Disponível em < <https://pt-br.facebook.com/business/marketing/facebook>>. Acesso em 30/11/2020.

²² “We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site”. (BOYD; ELISSON, 2007, p. 211)

muitas vezes, fato que parece fortalecer a ideia de que neste espaço pode-se dizer o que deseja, sem pestanejos, pois de qualquer forma estamos “protegidos” fisicamente. Porém, não se trata apenas de proteção física, mas também das questões psicológicas que derivam do uso das redes. Podemos citar como exemplo os casos de adolescentes que acabam por cometer suicídio por fatos advindos da internet, sejam eles reações ao que foi postado, comentários maldosos, casos que geram grande repercussão e acabam por levar acontecimentos do virtual para a vida real, com tristes desfechos.

Ainda neste sentido, durante a coleta dos dados junto aos jovens, os relatos sugerem que a participação e exposição na internet operam uma via de mão dupla, no momento em que um dos participantes da pesquisa aponta que quando se posta algo, é “Para ter aceitação. Para as pessoas nos elogiarem ou ser nossas amigas. Para ganhar atenção, tendo pessoas nos conhecendo e nos acompanhando”. Ou seja, da mesma forma que uma postagem pode ter repercussão positiva, a mesma pode reverberar de forma negativa, não sendo possível prever de antemão ou ter certo tipo de controle sobre os acontecimentos que a sucedem.

Para além da emissão e recepção de opiniões que este espaço nos contempla, não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, e sim produtores ativos. Simultaneamente produtores e consumidores, os usuários das redes sociais consomem, produzem, comunicam a todo o tempo (HAN, 2018). Todavia, o conceito das redes sociais não reside somente na dualidade emissão/recepção, pois reverbera também em uma maneira nova de comunicar-se. Para Dijck (2013, p. 07), “afirmações anteriormente expressas espontaneamente agora são lançadas em domínio público, onde podem ter efeitos de longo alcance e duradouros. As plataformas de mídia social sem dúvida alteraram a natureza da comunicação privada e pública²³”.

Abordando as questões apontadas no documentário *The Social Dilemma* (2020), quanto ao alcance que as redes sociais podem proporcionar, afirma-se que:

Nós evoluímos para nos preocuparmos se outras pessoas da nossa tribo vão pensar bem ou não de nós, porque isso importa. Mas nós evoluímos para aceitar o que 10 mil pessoas vão pensar de nós? Nós não evoluímos para ter aprovação social dosada a cada 5 minutos, de jeito nenhum fomos feitos para vivenciar isso. (THE SOCIAL DILEMMA, 2020, aos 38:56min)

²³ “Utterances previously expressed offhandedly are now released into a public domain where they can have far-reaching and long-lasting effects. Social media platforms have unquestionably altered the nature of private and public communication”. (DIJCK, 2013, p. 07).

Ao nos depararmos com a realidade das redes, onde a aprovação externa acontece, o que prevalece é que uma nova forma de aceitação têm sido criada socialmente, em níveis extremos – muitas pessoas ao terem acesso aos conteúdos publicados, vão poder interagir de forma positiva ou negativa. As redes sociais amplificam o que quer que seja de forma exponencial, ao ponto de não sabermos o alcance, a aceitação ou não, o que é verdade ou notícia falsa, criando assim uma percepção a curto prazo de diversos assuntos que por ali circulam.

Vinculando o espaço das redes sociais à realidade dos jovens, desenha-se um cenário específico vivenciado pela Geração Z, de:

[...] crianças nascidas após 96 ou próximo, que é a primeira geração da história que [teve] redes sociais antes do ensino médio. Como eles passam o seu tempo? Chegam da escola, e ficam em seus aparelhos. Uma geração inteira de pessoas mais ansiosas, mais frágeis, mais deprimidas. Eles se sentem menos à vontade de assumir riscos. O número de carteiras de motoristas desta geração vem caindo. Aqueles que já tiveram um encontro ou algum tipo de interação romântica, está caindo rapidamente. Isso é uma grande mudança em uma geração.” (THE SOCIAL DILEMMA, 2020, aos 41:05 min)

Especificando sobre como a realidade jovem perante às redes já vem sendo construída de forma diferente por suas vivências online, a colocação feita pelo psicólogo social Jonathan Haidt dentro deste mesmo documentário nos atenta para essa nova geração que cresceu conectada, e que interpreta a realidade de forma diferente, justamente por sua intensa troca de forma virtual.

Outra informação importante, apontada por Justin Rosenstein, um dos engenheiros formadores do Facebook, é que quando o botão curtir foi criado, a motivação era: “dá pra espalhar positividade e amor pelo mundo? A ideia, avançada para hoje, com os adolescentes deprimidos quando não ganham curtidas o bastante, elevando a polarização política, não estava no nosso radar.” (THE SOCIAL DILEMMA, 2020, aos 1:21:59min).

Quanto ao tempo de uso das redes sociais, o gráfico abaixo indica as horas consumidas diariamente, conforme cada país.

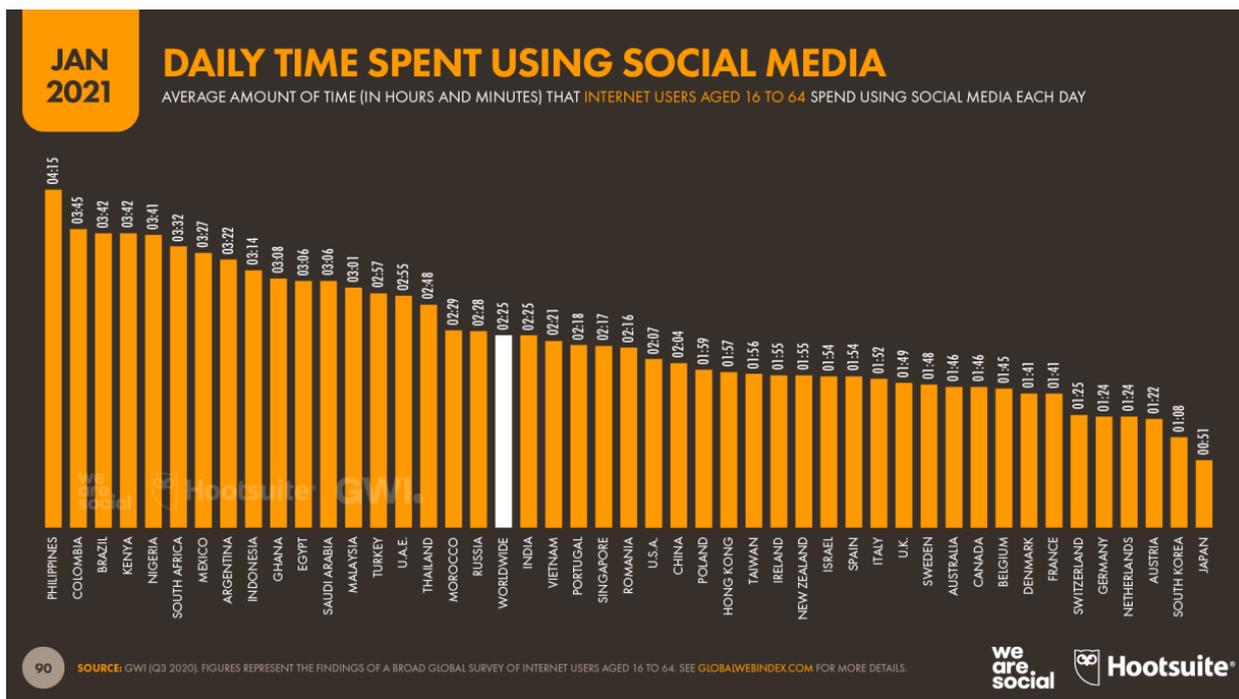


Figura 4 – Tempo de uso diário nas redes sociais - Disponível em <
<https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso
em 14/05/2021

A média brasileira diária em uso das redes sociais foi pontuada em 3 horas e 42 minutos. Ocupamos, assim, a terceira colocação entre os países que usam por mais tempo essas plataformas. O estudo informa que 72% da população sul-americana está conectada na internet, ou seja, em torno de 310 milhões de habitantes da América do Sul fazem uso das redes sociais.

Nas duas tabelas a seguir temos o comparativo sobre o uso das redes sociais, onde a primeira aponta que a maioria dos usuários utiliza mais de uma plataforma, e na segunda temos o *Facebook* ainda como a rede social mais utilizada, mundialmente.

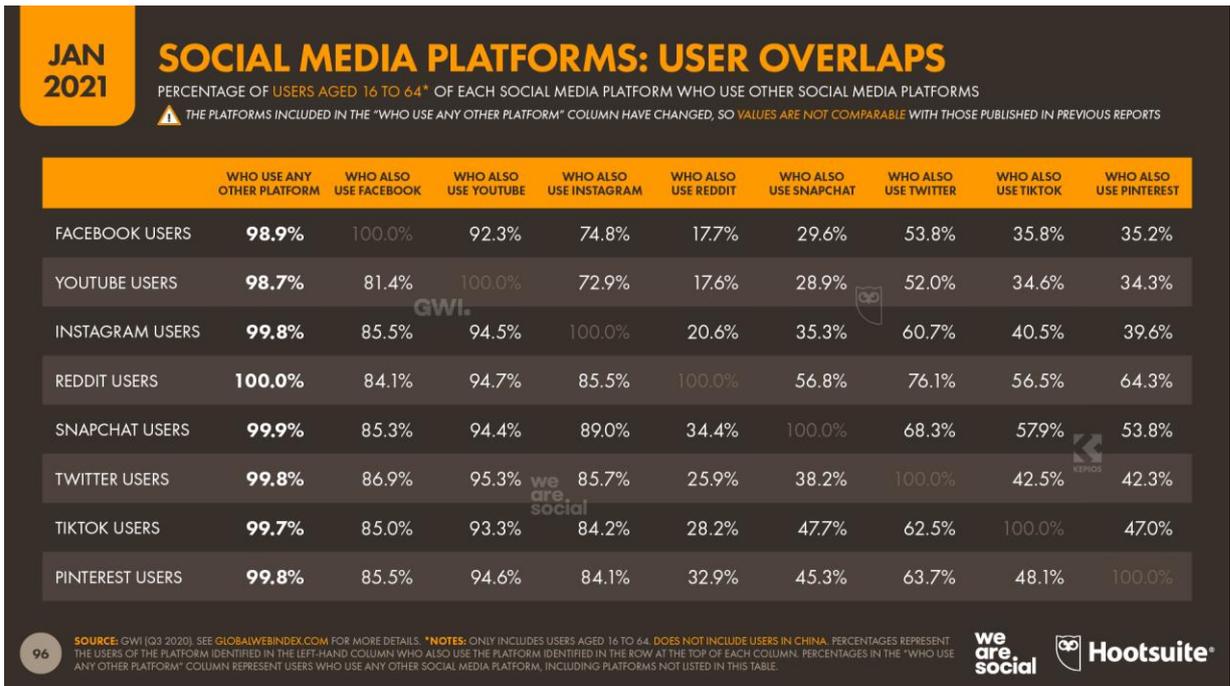


Figura 5 – Plataformas de redes sociais: sobreposições de usuários - Disponível em < <https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 14/05/2021

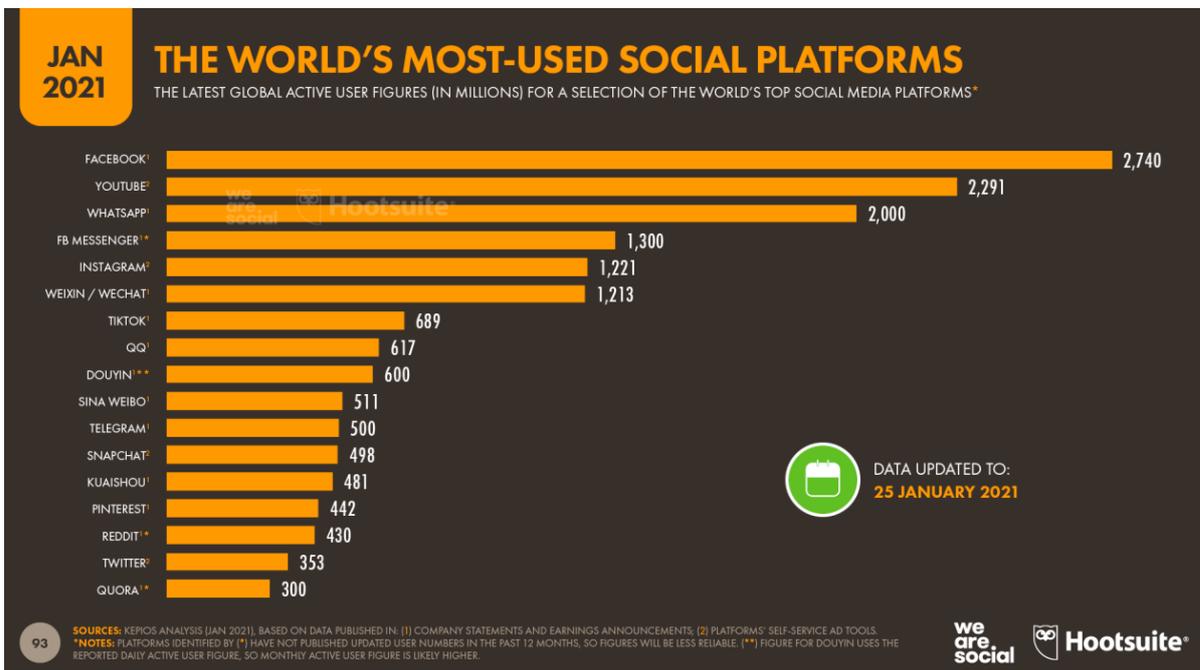


Figura 6 – As plataformas sociais mais utilizadas no mundo - Disponível em < <https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 14/05/2021

Frente a este panorama da conectividade brasileira, considero que a colocação de Shirky (2012, p. 55) nos aponta uma importante direção, quando o mesmo afirma que

“o futuro apresentado pela internet é a amadorização em massa da capacidade de publicação e uma mudança de ‘Por que publicar isto?’ para ‘Por que não?’”. A possibilidade que a internet traz, de conectividade, de dar voz a todos, é sem precedentes.

Ao pontuar que “A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários” (Han, 2018, p. 35), Han enfatiza o quanto os processos de mediação hoje são livremente arbitrados por cada um de nós. Quanto ao livre uso das redes, o gráfico abaixo informa alguns dos motivos pelos quais pessoas do mundo inteiro usam a internet, incluindo como principais deles localizar informações, estar em contato com amigos e família, manter-se atualizado com notícias e eventos, pesquisar como fazer coisas, assistir vídeos, programas de tv e filmes.

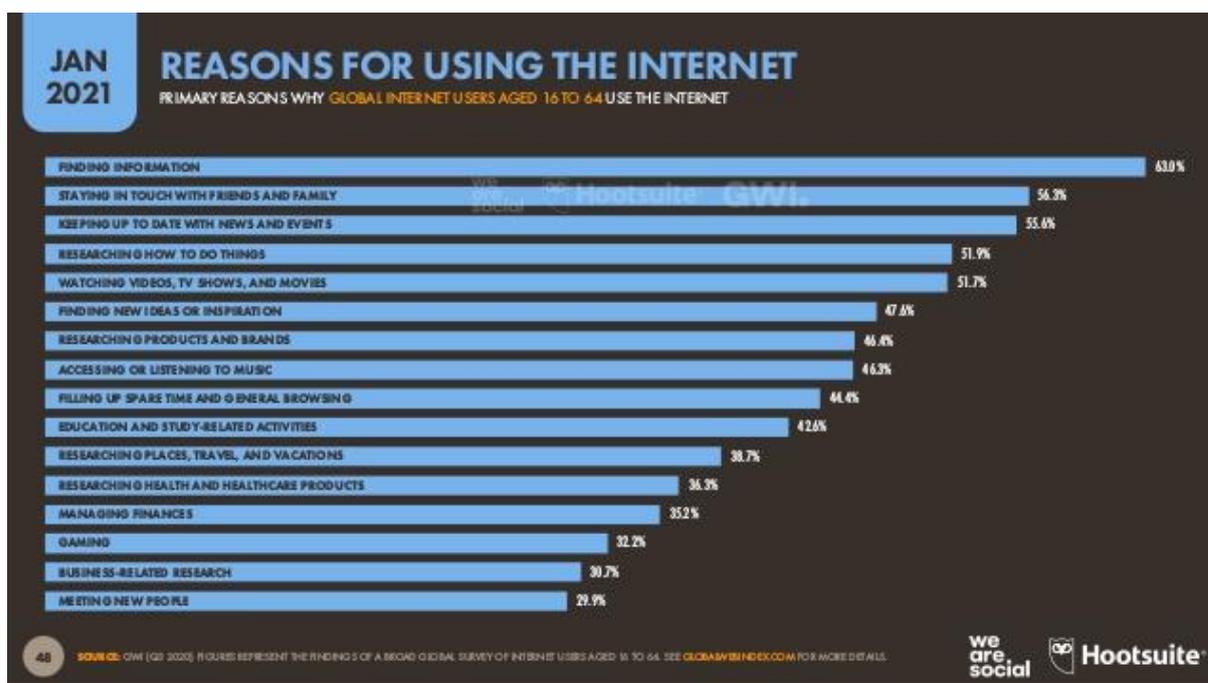


Figura 7 – Razões para o uso da internet - Disponível em < <https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 14/05/2021

Neste sentido, foram categorizados alguns itens, apontados por pessoas entre 16 a 64 anos. Esse intenso uso da internet fica, portanto, demarcado por suas diversas finalidades, as quais antes poderiam ser recebidas de outras formas, tais como as notícias, por exemplo, que antes chegavam até o público por meio de jornais, rádios, revistas, televisão, e hoje são acessadas facilmente a partir das próprias redes sociais, ou

sites de notícias. Assim sendo, observa-se uma ampliação das possibilidades de oferta de recursos, facilitadas via rede social e internet, que hoje determinam o uso ostensivo destas plataformas.

No subcapítulo seguinte, entrelaço as relações possíveis entre a *ágora* grega da antiguidade e as redes sociais. Segundo Dutra e Oliveira (2018, p. 156), “Hoje, a internet é a *ágora* e o teatro digital, onde os temas, relevantes às sociedades, são debatidos e, ao mesmo tempo, dramatizados no intuito de criar posições nos cibercidadãos”. Na tentativa de apontar as possíveis relações que hoje estabelecemos com nossos pares virtualmente, é que a analogia passa a ser apresentada a seguir.

7.1 Facebook – uma *neoágora* juvenil?

Afinal, o que se busca ao se exibir nas redes? Seduzir, agradar, provocar, ostentar, demonstrar aos outros – ou a alguém em particular – quanto se é belo e feliz, mesmo que todos estejam a par de uma obviedade: o que se mostra nessas vitrines costuma ser uma versão ‘otimizada’ das próprias vidas. (SIBILIA, 2016, p. 42)

Diante da possibilidade de edição do que se quer mostrar, o *Facebook* é um exemplo de uma versão otimizada e moldável de perfis dentro de uma rede social. Nesta vitrine disponível para que se possa dizer e ser o que quiser, também existem muitas ofertas do que visualizar, e possibilidades de interagir.

Durante o período da pandemia, tornou-se então mais uma das possibilidades de nos relacionarmos socialmente em um formato virtual. De forma análoga à sua função na antiguidade, hoje nos servem as redes sociais, de forma conectada. Tal como uma *neoágora*, a possibilidade de interação em grupos nos mantêm conectados, visualizando o que os demais usuários têm emitido como opinião pessoal, notícias, postagens, e possibilitando nossa interação com estes conteúdos os quais temos acesso.

Entendendo as redes sociais como um novo palco da vida cotidiana, como espaço interativo, ao analisá-la sob a ótica de uma *neoágora*, temos um ambiente onde as pessoas são convidadas a se expressarem das mais diversas formas, a comunicarem suas opiniões. A *ágora*, espaço ocupado na antiguidade como palco de debates, discussão e diálogos, parece estabelecer, dadas suas diferenças, um espaço que igualmente fomenta a questões relacionais e interacionais. Conforme De Masi, a *ágora* foi:

[...] o local que permitia a uma comunidade inteira conjugar precisão e flexibilidade, prestígio e decoro: conferir senso civil à *pólis*; conter, como numa concha incandescente, as festas, os ritos, mitos, memórias e esperanças de um povo: facilitar a osmose entre classes, raças e gerações. (2017, p. 286)

No intuito de evidenciar essas similaridades, apoio-me nas considerações de Lévy (2006), ao apontar as questões sobre o ciberespaço, que possibilitam este espaço de compartilhamento. Esta articulação, pensada a partir de conceitos que operam nesta tese, busca argumentar sobre este espaço virtual como relacional, performático, e se afirma na medida em que estas redes, devido a uma grande quantidade de recursos oferecida, apresenta-nos uma plataforma que propicia interações de variadas formas. Neste sentido, possibilitam aproximação com pessoas que já fazem parte de nosso

círculo social, ou de pessoas que estejamos dispostos a adicionar a esta rede de amigos, bem como com páginas de conteúdos, revistas, jornais, canais de notícias, celebridades, entre outros. Ao discorrer sobre o papel das ágoras, De Masi afirma que,

Na Grécia de Péricles, a ágora [constitui] a praça em que convivem público e privado, dia útil e dia festivo, laico e religioso, emocional e racional, *gossip* e denúncia, prestígio e inveja, prática e estética, gáudio e luto, formal e informal, identidade e universalidade, porque na praça todo cidadão expõe a sua personalidade, exerce o seu status de homem livre, vê e é visto, controla e é controlado, contribui para a formação da coletividade ao mesmo tempo mantendo a individualidade, participa da história conjunta da cidade e contribui para criá-la. (2017, p. 286)

Neste sentido, em analogia à exposição de personalidade, ver e ser visto, controlar e ser controlado, em busca de contribuir para formação de uma coletividade, observamos um espaço capaz de mediar situações que hoje as redes sociais também são passíveis de nos oferecer. As semelhanças parecem se complementar na medida em que estes espaços, ao propiciar a convivência entre as pessoas, subsidiam as questões do encontro, do estar junto, e a partir destas trocas possibilitam que surjam novas questões – pela interação dos sujeitos neste entrelugar.

Ainda assim, o autor afirma que, tal como acontecia na pólis na antiguidade grega, “A internet e as mídias sociais se mostraram especialmente propícias a incentivar tais interações, garantindo nova vida à praça e à cidade ao reproduzirem em escala planetária as redes relacionais que elas permitiam apenas em nível estritamente local” (De Masi, 2017, p 296). Ou seja, este novo espaço, o entrelugar das redes, hoje se vale de um alcance ampliado à uma escala global, por ter o poder de relacionar as pessoas a um nível ainda maior que o alcançado pelas próprias ágoras, que reuniam localmente as pessoas, em seus grupos de convivência.

Outro fator que amplia a gama de assuntos que circulam dentro de uma rede social diz respeito aos *links*, possibilidade esta que nos envia para *sites* e páginas fora da rede social, por ela direcionados. São notícias e postagens que, por meio da divulgação de determinado site, viabilizado por um link, nos remetem a um segundo local dentro da internet, onde estaremos consumindo mais informações sobre determinado assunto, por meio do acesso via rede social. Neste sentido, articula uma multiplicidade de possibilidades dentro da web, através dos *links*, cruzamentos e bifurcações (LÉVY, 1999).

Ainda dentro das redes sociais, temos as chamadas comunidades virtuais, as quais por interesses e afinidades, reúnem pessoas em grupos, os quais postam conteúdos relacionados a determinados assuntos. Para Lévy (1999, p. 130),

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas [...]. Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional.

Por meio da oferta dos espaços em comunidade, os quais possibilitam que se reúnam pessoas por afinidades, o autor ainda enfatiza que as redes podem servir como complementares e adicionais às relações que acontecem presencialmente, fora das redes. Outra visualidade que convida ao debate dentro do *Facebook* são os memes, figuras amplamente utilizadas em redes sociais, compostas por imagens e textos que fazem sátira a algum tema, e que são algumas das imagens que correm nos *feeds* dos usuários. Com humor e ironia, abordam variados temas, e ao acessar as redes provavelmente nos deparemos com alguns *memes*.

Quanto à etimologia do termo, o mesmo foi definido por Richard Dawkins em 1976 no seu livro “*O Gene Egoísta*”, e vem da palavra grega ‘*mimeme*’ (algo que é imitado). Dawkins foi um etólogo que escreveu sobre comportamento animal no livro em questão. O autor, ao explicar sobre um possível princípio geral que se aplique a qualquer forma de vida, sem evidências de poder afirmar, recorre a dizer que o gene, a molécula de DNA, é a lei que qualquer forma de vida evolui pela sobrevivência de entidades replicadoras, e se trata da mais comum em nosso planeta – podendo haver outras, se houver, tenderão a se tornarem a base de processos evolutivos (DAWKINS, 1976).

Em busca de tentar situar com um nome este replicador, que se baseia na ideia da transmissão cultural ou unidade de imitação, Dawkins (1976, p. 112) pontua que “‘*Mimeme*’ provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como ‘gene’. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar *mimeme* para *meme*”. Dawkins aponta ainda ser necessário pensar essa palavra por ele

cunhada associada à memória, ou à palavra francesa *même*²⁴. Nesse sentido, podemos considerar que conhecimentos relacionados à cultura transmitidos entre os sujeitos, são considerados *memes*. A esse respeito, Coelho e Martins afirmam:

No entanto, é importante ressaltar sua potência como representações sintomáticas da sociedade, que carregam/espalham vestígios dos modos como os sujeitos se constroem historicamente. Os discursos memificados, ou seja, que se tornam memes, geralmente chegam até nós em forma de paródia sobre temas considerados sérios como política, economia e problemas sociais. Mas eles podem, também, abordar assuntos considerados frívolos como novelas, preferências musicais, futebol etc. Podem, ainda, funcionar como uma espécie de termômetro social desencadeando visões críticas. (2018, p. 128)

Portanto, os *memes*, produtos da cultura, amplamente difundidos na rede, fazem parte de nosso cotidiano, e abordam certos acontecimentos e episódios sociais. Em formatos que somam geralmente imagem + texto, consistem em postagens que abordam os temas em maior evidência dentro das redes.

Nas redes sociais, portanto, através do debate, discussão, possibilidade de interação com os pares, performamos a própria questão primordial da rede – interagir dentro destes espaços com o que neles encontramos. Essas interações, por muitas vezes podem culminar em embates polarizados, caso venhamos por exemplo a considerar questões em rede com relação à vacinação da Covid-19, a qual gera inúmeras discussões, que motivam as pessoas a argumentarem e opinarem sobre os fatos, tornando assim este espaço interativo, relacional.

No artigo “O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos *links* com maior engajamento²⁵”, Massarani, Leal e Waltz (2020), apontam que a expansão do acesso às comunicações digitais transformou a internet em uma das mais relevantes fontes de informação em saúde para a população. Os resultados do estudo apontam que em um contexto de crescimento de discursos antivacinação, as *fake news* evidenciam a desinformação presente nas redes sociais, assinalando o descrédito quanto à segurança das vacinas, e associação com determinados vieses políticos (MASSARANI, LEAL E WALTZ, 2020).

Para além dos *memes* e discursos polarizados, contamos ainda em rede com as *fake news*. As *fake news* consistem em notícias falsas que, com fundo de verdade,

²⁴ Segundo o dicionário Michaelis, traduz-se por mesmo, próprio.

²⁵ Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csp/a/wg8Tn5R77L5v7YKJGPNcRYk/?lang=pt>>. Acesso em 27.06.2021.

tentam disseminar pela internet assuntos que por vezes acabam sendo veiculados pelos usuários como se tratassem de notícias verdadeiras.

O documentário *The Social Dilemma* (2020), aponta que “as *fake news* no *Twitter* se espalham 6 vezes mais rápido do que notícia verdadeira”. Ou seja, a disseminação desse conteúdo acontece de forma apressada, de forma que é necessário cuidado com as informações obtidas dentro das redes, pois são passíveis de serem forjadas, assim se tornando necessário que observemos o nível de confiança da fonte que informa a notícia.

Portanto, neste apanhado sobre o *Facebook* situar-se como este entrelugar, uma *neoágora*, servindo de palco para encontros e debates, temos então uma praça amplificada, que conta com o apoio de muitos usuários, onde encontramos muitas vezes colaborando com a construção de um cenário amplamente interativo. Ao acessarmos esta plataforma, possivelmente entraremos em contato com todas estas possibilidades de conexão, e caberá a nós situarmos a melhor forma de relacionarmo-nos neste emaranhado de pessoas, informações, debates, notícias, e também ambiente interacional, que pode ser usado apenas para distração.

7.2 Rede social: lugar/nãolugar

No que se refere às redes sociais, estamos a lidar com um fenômeno em constante transformação. Habitamos este lugar/não-lugar movente, que acompanha os processos sociais, que faz parte do cotidiano da maioria das pessoas e que categoriza a quem faz parte de seu meio como ‘usuário’. Passo então a formular estas relações entre lugar/não-lugar, apoiada nas considerações de Augé (1994). Ao se referir ao não-lugar como espaço de passagem, sem significado suficiente para se tornar um lugar, que serve apenas como transitório e com o qual não criamos qualquer tipo de relação (AUGÉ, 1994), afirma que estes espaços estipulam suas próprias normas de convivência e exigem de nós um posicionamento de funcionamento em grupos, sob normas próprias.

Desta forma, exploro as possibilidades do conceito de lugar/não-lugar, derivando de sua formulação de lugar antropológico²⁶ e não-lugar. O não-lugar, espaço caracterizado por uma temporalidade específica, desprovido de identidade, relação e história, é conceituado por Augé em sua relação com a sobremodernidade²⁷. Ao descrever uma época, situando as mudanças e transições que ocorrem neste período, o autor define inicialmente o não-lugar como um lugar de passagem, o qual não nos oportunizaria criação de vínculos, associações identitárias. Porém, com a evolução histórica e social, Augé amplia o conceito, pois com nosso intenso uso dos dispositivos móveis, estamos permanentemente nos colocando em um não-lugar, carregando-o conosco (AUGÉ, 2019).

Ao nos lançarmos neste perigoso e imenso mar de informações que é a internet, precisamos de uma bússola, um mediador para esse conhecimento sem borda (CORSO; CORSO, 2018). Considerando este virtual, que possibilita muitas formas de interação, observamos um espaço onde por menos performáticos que sejamos, em alguns momentos nos é demandado um posicionamento, nos imprime sensações, relações, entre outros movimentos, a partir de e com o que nos relacionamos – sejam notícias, postagens, imagens, vídeos, que, por nossa escolha ou não, aparecem em nossas páginas dentro das redes sociais.

Ao afirmar que “[...] embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez”, (Han, 2018, p. 10)

²⁶ O lugar antropológico oferece a todos um espaço que eles incorporam à sua identidade, no qual podem conhecer outras pessoas com quem compartilham referências sociais (AUGÉ, 1994).

²⁷ As alterações nas áreas urbanas ao longo do século XX criaram uma “sobremodernidade” (*surmodernité*), um excesso que modifica a essência das cidades e da vida dos cidadãos (AUGÉ, 1994).

o autor aponta que uma cegueira e estupidez simultânea constituem a crise atual. Neste sentido, alerta sobre a situação na qual estamos imersos, neste lugar que são as redes sociais. Isso posto, indaga-se: como medir consequências de um movimento no qual estamos imersos e auxiliando com que aconteça?

Augé (1994), ao introduzir o conceito de não-lugar, acaba por se referir ao transitório, apontando como exemplos aeroportos, supermercados, quartos de hotel, pontuando que estes espaços não teriam significado suficiente para que os rotulássemos como lugares. O que parece é que a intenção, com esta conceituação, é a de arbitrar sobre o quanto ocupamos ligeiramente estes espaços, sem uma relação de estada, de parada, e de pertencimento. Nestes espaços acontece um habitar no sentido de passar por, de ocupar por certo tempo, de uma não construção de vínculos ou raízes.

A analogia então, pensada a partir dos não-lugares, é que as próprias redes nos oferecem estes espaços de passagem, que, podemos nós criar vínculos ou não a partir destes cenários a nós ofertados, porém sem deixar de lado a transitoriedade. O que encontro em trânsito hoje dentro da minha rede social, ao acessá-la novamente, em um próximo dia, serão novas informações, conteúdos e visualidades. Neste sentido, o não-lugar ocupa dimensão semelhante a das redes, por oferecer, em suas passagens, cada vez novas experiências.

No mesmo sentido, Augé (1994) ao estudar os lugares, fixados com esta nomenclatura – por ocuparem posição de maior estabilidade, delimitação – afirma que funcionam como suporte para a vida em comunidade. Os lugares viabilizam a construção de relações constitutivas e de laços entre seus membros, diferentemente do não-lugar. As relações mediadas pelos lugares, passíveis de fornecer a criação de uma identidade, partilha de significados, seriam então possibilitadas por estes espaços que representariam a concretude. Ou seja, não se tratam de lugares de passagem, sem identidades, mas sim espaços que proporcionam partilha, residência e interação (AUGÉ, 1994).

Esta complexidade que o lugar ocupa, de mediar identidades e relações, pode por vezes ser experienciada dentro das redes. Assim como existe um lugar, existe também um não-lugar, de quem a percorre como turista, sem deixar marcas relacionais, sem neste espaço estar em busca de identificação. Por este fato, aqui estamos a considerando como entrelugar, pois, da mesma forma que proporciona trocas e vivências, por outra via, viabiliza um espaço de passagem e superficialidade, que não mais depende de um espaço físico e acontece na virtualidade.

Ao abordar a supermodernidade²⁸, Augé (1994) defende a hipótese de que a mesma seja produtora de não-lugares, de espaços que não são em si lugares antropológicos, mas “[...] um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, [o qual] propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito” (AUGÉ, 1994, p. 74).

Com os excessos e efervescência de acontecimentos que a supermodernidade trouxe, com a ideia vertiginosa de tudo acontecendo a todo tempo e momento, Augé (1994, p. 75), afirma que “o indivíduo é hoje o resultado dum excesso de referências, que lhe chegam pela vivência urbana, pela comunicação, que o leva, igualmente, e reelaborar sucessivamente, todo o excesso de informação que lhe chega e experiências que usufrui”. Neste sentido, estas figuras, carregadas de informação, encontram-se intrinsecamente ligadas à produção dos próprios não-lugares, espaços estes não identitários, que, embora não ocupem lugares de experiência, remetem em algum sentido para as experiências.

Augé (2019), em entrevista ao *El País*, afirma que as redes estão subvertendo a própria natureza das relações humanas, alterando o espaço e o tempo. Então, ao situar que “[...] você pode entrar em contato com alguém, em qualquer lugar e circunstância, mas relacionar-se com o outro implica dedicar tempo e espaço específico a isso. É paradoxal: as redes sociais estão destruindo as relações sociais”, o autor nos aponta sobre como essas redes podem funcionar como estes não-lugares da contemporaneidade. Em busca de reafirmar estes espaços, no contexto do século XXI, afirma que

[...] sentados diante da TV, olhando ao mesmo tempo o celular, o tablet, e com os fones de ouvido... Estamos em um não-lugar permanente. Esses dispositivos estão permanentemente nos colocando em um não-lugar. Nós os carregamos não-lugar em cima, conosco. (AUGÉ, 2019)

Neste sentido, compreendemos que este não-lugar ocupa espaços na contemporaneidade por suas questões de passagem, de menor contexto relacional, pela superficialidade das relações, que não mais dependem de um espaço físico, acontecem na virtualidade. Considerando o contexto do não-lugar então como todos os lugares

²⁸ Augé elege a palavra supermodernidade para discutir a relação estabelecida a partir de um novo tempo, que é acelerado, *high tec* - existe o excesso de tempo -, que se soma à uma comunidade que tem como modalidade de vida a individuação das referências (indivíduos solitários).

possíveis, temos conosco estas relações que, sobremaneira, acontecem de forma impermanente, em passagens pelo nosso cotidiano.

A partir da relação dos aspectos acima relacionados, passaremos a considerar as **redes como “entrelugar”, uma alternativa conceitual que deriva parcialmente da formulação de “lugar antropológico” e do “não-lugar” conceituados por Augé (1994).** Considerando tal qual um entrelaçamento entre lugar e não-lugar, pontua-se este entre como uma soma de significados que configuram a realidade que encontramos nas redes, em que cada qual adequará seus usos, sentidos, atribuições.

Operando a partir das próprias significações e maneiras de interação que serão mediadas por este entrelugar, as redes sociais podem então ser consideradas espaços de indeterminação onde o sujeito experiencia relações com os demais sujeitos e com o próprio espaço constituído, criando assim suas próprias significações, identificações, fixas ou passageiras. Não obstante, pretende-se que o entrelugar possa servir operatoricamente à nominação deste espaço virtual, configurado por variados contextos socioculturais e relacionais.

8. Performance nas Redes Sociais

Assim como costuma ocorrer com qualquer um de nós, nestes tempos de gregarismo interconectado que nos incita a *performar* constantemente na visibilidade de qualquer cenário: sozinhos, não existimos. (SIBILIA, 2018, p. 213)

As redes sociais instigam a conexão e a interação. Neste entrelugar, existe o convite a comentar, compartilhar, postar, repostar, assistir. Nele também, encontra-se a parcela a qual esta pesquisa detém interesse – os jovens. Na obra *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio (2018)*, Bauman, em troca de correspondências com Leoncini, jornalista italiano que assina a escrita a seu lado, encontra-se a tentativa de ambos em apreender sobre uma forma de mapear a juventude – a partir de temas como tatuagens, cirurgias plásticas, *bullying* e a era do amor online. Em trecho iniciado por Leoncini, o mesmo aponta, ao falar dos jovens, que:

Todo mundo está pronto a acusá-los por se manterem conectados sem cessar, por carregarem sempre consigo o não lugar mais moderno e líquido por excelência (a web) e por viverem sempre num limbo de bolso que não existe, que cria relações contínuas, mas inexistentes; porque, segundo se crê, quando dois smartphonianos se encontram, eles trocam rápidas mensagens por alguns minutos e em seguida continuam a olhar o smartphone a fim de construir para si mesmos universos paralelos digitais. (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 60)

Os interlocutores situam duas questões que oferecem pistas importantes a serem discutidas. Uma delas trata das relações contínuas, mas inexistentes. Neste sentido, pode-se considerar a conectividade intensa dos jovens junto às redes, relacionando-se virtualmente, como relações que existem apenas superficialmente. Apontando um recorte da experiência de convívio junto aos jovens, penso que a colocação de Bauman nos brinda com uma constatação importante – a construção de universos paralelos digitais é uma constante na vida dos sujeitos jovens.

Sobre as possibilidades do mundo online, Bauman e Leoncini (2018) pontuam que é possível “[...] ao menos em parte projetar sua forma e seus conteúdos; posso cancelar e excluir dele os fragmentos indesejados, incômodos, que me criam desconforto; posso monitorar performances e me livrar das coisas que não conseguiram satisfazer os padrões prefixados por mim” (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 68).

Portanto, a superficialidade se faz presente no momento em que tratamos este entrelugar como passível à moldagem, em que podemos performar as melhores formas de interação entre os pares.

A segunda questão levantada por Leoncini são os universos paralelos digitais os quais os jovens criam para si. Por se tratar de um ambiente de certo modo manipulável, a seu gosto e critério, as redes sociais carregam certas particularidades de seus usuários, que a modelam conforme julgam mais interessante. Conforme Sibilia,

A timeline do Facebook por exemplo, que ainda é a mais popular rede social da internet, não representa apenas a epopeia do seu protagonista por meio de uma série de imagens cuidadosamente selecionadas, mas de algum modo a apresenta, a performa e a constitui. Agora, ambos os planos – vida e relato audiovisual – se fundem e se confundem nessa biografia cuja textura é informática (2018, p. 205).

O ato de performar nas redes sociais, já salientado por Sibilia, será aqui explorado de maneira a ponderar sobre esse conceito que abrange campos diversos, sendo um deles a cultura digital – centro de interesse desta pesquisa. Conforme Leeker, Schipper e Beyes (2017, p. 21), “culturas digitais são culturas performativas. Culturas e tecnologias são inseparáveis e constantemente e mutualmente influenciam uma à outra²⁹”.

Neste sentido, influenciando mutualmente uma a outra, cultura e tecnologia fazem parte de nossas vivências em uma sociedade conectada. Na tentativa de aproximação com a ideia de performance, Leeker, Schipper e Beyes (2017, p. 10) apontam que “em sua multiplicidade e maleabilidade, a noção de performatividade surge como um poderoso conceito para explorar e reimaginar culturas digitais³⁰”.

Explorar a noção de performatividade dentro das redes sociais, a partir das performances da juventude, mostrou-se como campo plural a ser explorado, visto que conforme Schechner (2006, p. 40) define, “qualquer comportamento, evento, ação, ou coisa pode ser estudado como performance³¹”. Nesta mesma lógica, refletir as circunstâncias sob as quais algo é considerado performance, e explorar os

²⁹“*Digital cultures are performative cultures. Cultures and technologies are inseparable and constantly and mutually influence each other.*” (LEEKER; SCHIPPER; BEYES, 2017, p. 21).

³⁰“*In its manifoldness and maleability, the notion of performativity emerges as a powerful concept to explore and reimagine digital cultures.*” (LEEKER; SCHIPPER; BEYES, 2017, p. 10) .

³¹“*[a]ny behavior, event, action, or thing can be studied ‘as’ performance.*” (SCHECHNER, 2006, p. 40).

desdobramentos da performance, é mais importante do que definir a priori o que a performance é ou pode ser (SCHECHNER, 2006).

Ao discorrer a abrangência da performance, Schechner, em entrevista à Pereira e Icle (2010), define os estudos da performance da seguinte maneira:

Cada trabalho e papel social prevê um vestuário, gestos e ações que lhe são peculiares, uma forma de representação, e, também, um lugar em que são encenados. Assim, podemos agora mencionar que quando estudamos a atuação no teatro ou na vida, o ato de estudá-los constitui Estudo da performance (Performance Studies). Isso é autoevidente. O campo acadêmico dos Estudos da Performance diz: não vamos estudar apenas o teatro – ou qualquer outra forma de performance formal: dança, música, e outros –, mas estudar também as ruas, os lares, os escritórios – a partir do exame da vida cotidiana. Vamos estudar também a diversão popular: os esportes, os jogos, os filmes, a Internet, todo tipo de atividades (SCHECHNER; PEREIRA; ICLE, 2010, p. 29).

Neste sentido, considerando os estudos da performance, onde se estaria em constante ação e reflexão, o autor afirma que a performance pode se ocupar do exame da própria vida cotidiana. **Portanto, a partir da observação das práticas e comportamentos enquanto performance, é que foram analisadas as interações que ocorrem dentro das redes.** Ao considerar os movimentos performados pelos jovens nestes espaços virtuais interacionais, é necessário entender que:

As lógicas que conduzem o comportamento jovem não são lineares e se entrelaçam entre os espaços reais e virtuais. A maneira combinada com que o jovem interage entre esses dois universos faz com que ele considere ambos como legítimos em sua vivência. A tecnologia passaria a ser não apenas um meio, mas um instrumento que altera e amplia as possibilidades de pertencer a este mundo” (ROCHA; AUCAR, 2014, p. 432).

Ao entender o movimento performado pelos jovens dentro das redes sociais como forma de ampliar suas possibilidades de tramas com o mundo vivido fora das redes, o uso da tecnologia passa a ser considerado como parte de suas vivências e experiências. Considerando que este ambiente passa a contribuir com as formas pelas quais a juventude se educa, as considerações de Conte e Pereira nos asseguram que:

[...] a educação é, necessariamente, negociação dos significados compartilhados pela cultura em seus diversos exemplos de realização retórica. Podemos inferir daí que a performance abre possibilidades interpretativas, porque se insere na mobilidade da linguagem, irradiando múltiplas significações para a realização do que se expressa. (2013, p. 102-103)

Ao tomar as redes sociais como palco dessa vida cotidiana, de forma análoga procurei relacionar o uso da liberdade de expressão propiciada por elas, tal qual acontecia nas antigas *ágoras*, entendendo-a como espaço interativo – uma *neoágora* – onde as pessoas se sentem livres a comunicarem suas opiniões. Para o que as *ágoras* serviam, hoje nos servem as redes sociais, porém de forma muito mais abrangente e interconectada – não temos mais a espacialidade física e presencial como fator limitante.

Desta forma, o performar dentro das redes sociais aparece como um convite contemporâneo a mostrar sobre si, sobre suas opiniões, emitir pareceres, em sentidos embasados pelo que lá se vive e se vê. Como Bauman e Leoncini sugerem

[...] a web entrou triunfante em nosso mundo prometendo criar um ‘habitat ideal, político e democrático’: mas aonde nos ajudou a chegar? À hodienda crise da democracia e ao agravamento das divisões e dos conflitos políticos e ideológicos. (2018, p. 66)

Talvez a possibilidade de maior interação com a opinião do outro tenha inaugurado, dentro das redes sociais, um amplo espaço onde se pode dizer o que se quer. Qualquer usuário pode criar um perfil *fake*³², com intuito de ofender outros usuários, com a proteção da garantia de privacidade (BAUMAN; LEONCINI, 2018).

Ainda observando fenômenos ocorridos dentro das redes sociais, Bauman e Leoncini (2018, p. 63) apontam que por vezes chamamos de “o povo da web”, “[...] subentendendo que existe uma entidade totalmente estranha à comunidade real, como se ela não fosse composta das mesmas pessoas, mas que ainda assim (é um dado de fato) existe”. É necessário que consideremos sobre o uso das redes sociais – a maioria de nós faz parte desta ciranda, não estamos inertes ao fenômeno.

Estes jovens, operando enquanto sujeitos performáticos das práticas sociais contemporâneas, à medida que ocupam os espaços virtuais, fazem uso dessa espécie de *neoágora* para expressarem (ou não) o que lhes parece fazer sentido. Junto ao grupo de estudantes participantes desta pesquisa, obtive seus relatos sobre a interação com amigos e familiares, que publicam coisas que acham interessantes, que acompanham notícias e se distraem, e afirmam estarem usando deste espaço de forma mais ativa, já que não podiam se encontrar pessoalmente.

³² Perfil falso dentro de qualquer rede social.

Ao abordarem a questão de interatividade dentro das redes, estes mesmos jovens pontuam que preferem por comentar em fotos de amigos, do que lançar seus pareceres em notícias lançadas dentro do *Facebook*, por exemplo, pela opção de não se expor em *posts* públicos, onde por vezes são encontrados comentários que geram atritos ou discussões. Esta pluralidade do mundo contemporâneo, de poder interagir com pessoas as quais nem sequer conhecemos, apontam para a questão do performar ativamente dentro das redes sociais como, na visão destes jovens, uma ação que pode reverberar em certos prejuízos.

O questionamento ao que pode ser feito diante de todas as possibilidades da conectividade serve tanto como um desafio, como no sentido de alerta. Os jovens, ao assumirem certos posicionamentos diante do viver em redes, performam também sobre existirem formas mais assertivas de comunicar-se e relacionar-se dentro deste entrelugar.

Ao trazer como título desta tese a ideia das performances juvenis dentro das redes sociais, parto do entendimento de que uma pesquisa que tem suas bases nas culturas digitais exige a sensibilidade e abordagem propiciada pelos estudos da performance. Conforme Leeker, Schipper e Beyes (2017, p. 15), “também nas culturas digitais, a teoria da performance oferece uma dupla abordagem de crítica: investigar a intrincada relação de poder e performatividade e insistir na abertura e na mutabilidade que são imanentes aos processos performativos³³”.

Ao oferecer essa dupla abordagem de crítica a partir da noção de performance, torna-se possível demarcar relações de poder, bem como observar as mudanças e mutabilidades que fazem parte de movimentos performáticos junto aos espaços virtuais. Ao tratar sobre a performance, Conte e Pereira (2013, p. 25) afirma que a mesma “[...] opera como forma produtora de cultura”. Para tal denominação, pondera que,

O caráter ambivalente da ação poética como ação produtiva permite, não obstante, compreender a performance tanto como desempenho (resultado da ação) ou competência (habilidade para a ação) quanto forma de irrupção de novos sentidos. Diz respeito a um fazer que altera uma ordem estabelecida, que a modifica qualitativa e quantitativamente. Abrange, portanto, todas as formas de ação que resultam em algo. Isso inclui toda sorte de práticas culturais que demarcam, que produzem identidades e funções, modos de ser, de agir e habitar no espaço do comum. (CONTE; PEREIRA, 2013, p. 25)

³³ “*In digital cultures, too, performance theory thus offers a two-fold agenda of critique: to investigate the intricate relation of power and performativity, and to insist on the openness and changeability that is immanent to performative processes.*” (LEEKER; SCHIPPER; BEYES, 2017, p. 15).

Neste sentido, considerando a performance como um fazer que resulta em ação, que altera ordens estabelecidas, podemos considerar que os jovens, ao performarem nos espaços virtuais que ocupam, buscam se reconhecer, talvez na tentativa de um entendimento de si e do mundo. Conforme Pereira (2013, p. 32) “como tomada de consciência, a performance refere também um modo de posicionamento do indivíduo em meio à profusão de discursos que, supostamente, o sobredeterminariam”.

Portanto, ao situarem-se nos espaços virtuais, performando ações de troca, os sujeitos também passam a posicionar-se de forma a expor ou não suas opiniões, de compartilhar ou não determinada informação, de comentar ou não em determinada postagem. Pereira situa que,

[...] como sendo prática de crítica cultural, a performance interroga, resiste e intervém; designa uma forma libertadora de ação; dissolve as fronteiras entre a arte e a vida; rememora e reflete o vivido; relacionando-se, portanto, com o múltiplo, com o diverso e com o diferente. (2013, p. 32)

Os jovens, ao utilizarem as redes sociais, e diante da possibilidade interacional com o outro podem, possivelmente, firmarem ações de caráter crítico e reflexivo. Nesse sentido, conforme Conte e Pereira (2013, p. 96), “a performance é intrinsecamente subversiva (ato de resistência) e tem como efeito desnaturalizar e desautorizar a estrutura de dominação, revelando-se como instância de construção social e de mudança”.

Considerando a educação como negociação de significados compartilhados pela cultura (CONTE; PEREIRA, 2013), pode-se conceber a performance, inserida na mobilidade da linguagem e da ação, como um campo com possibilidades interpretativas e expressivas. Fazendo alusão à ideia da palavra, por si performática, Arendt observa que:

[...] todas as ações políticas, na medida em que permanecem fora da esfera da violência, são realmente realizadas por meio de palavras, porém, mais fundamentalmente, que o ato de encontrar as palavras adequadas no momento certo, independentemente da informação ou comunicação que transmitem, constitui uma ação. (1981, p. 35)

Ou seja, a ação, entendida como política, dá sentido a como o sujeito atua no meio social, visto que delibera sobre seus atos, e, portanto, performa como sujeito inscrito em sociedade. Arendt (1981, p. 35) situa que “O ser político, o viver numa *polis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão [...]”.

Consequentemente, por meio das palavras e da ação, estamos performando politicamente.

Assim, ao tomar a performance como “[...] um comportamento restaurado (*restored behavior*) e vivo sempre ligado à presença, ao corpo, marcando identidades nas circunstâncias da existência pessoal, social, política, tecnológica” (Conte; Pereira, 2013, p. 104), a presença nas redes sociais, operada em um campo virtual, é a presença-ausência virtual que demarca a inscrição deste sujeito em seus atos performativos.

Portanto, em suas vivências conectadas com determinados grupos, o jovem na contemporaneidade tem seu convívio social demarcado pela pluralidade. Inscrevem-se no ambiente escolar, no ambiente virtual, assim como junto ao convívio familiar. Considerando a ação e o discurso como políticos, temos dentro das redes sociais o cenário possível para que estes jovens performem politicamente, visto que tanto o movimento de publicar uma postagem, ou optar por não fazê-la, se pensado criticamente, pode ser entendido também como movimento político.

Confirmando a relação do optar por não se expressar frente à determinada postagem dentro de uma rede social também ser um ato performativo – ao escolher não – um dos jovens participantes da pesquisa aponta sobre este entrelugar esperar certos posicionamentos, afirmando que “não posso comentar o que quiser, pois as pessoas estão prontas para julgar”.

Ao discorrer sobre as questões que nos informam sobre a performance, Schechner afirma que realizar performance é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem (SCHECHNER, 2006). O pensador da performance pontua sobre o comportamento restaurado, que seria o processo da performance, como se fosse o eu mesmo, comportando-se como outra pessoa, ou como foi lhe foi dito para fazer, ou da forma que aprendeu. Schechner nos sugere, então, que as maneiras como uma pessoa desenvolve sua própria vida, estão conectadas com as maneiras como as pessoas vivenciam as suas. Sendo assim, situa que a maior parte das performances da vida cotidiana não possuem um ator apenas, sendo autoradas por um ‘anônimo’ coletivo, ou pela ‘tradição’ (SCHECHNER, 2006).

Neste sentido, ao afirmar que a performance pode servir como um certo eu interpretando um posicionamento de mim esperado, o performer dentro das redes parece ocupar este espaço na medida em que, de certa forma, espera de seus usuários comportamentos socialmente determinados. A performance, por esta perspectiva, foi entendida aqui também como a escolha do não, e que, para além do que estes jovens

escolhem por postar e compartilhar, existem os comportamentos predeterminados os quais, caso optem por não atender, reverberam em julgamentos e posições negativas a suas ações.

Performar neste entrelugar fica adequado a certos usos e atribuições de sentido, formulados por estes jovens, que ao utilizarem destes espaços, aprendem sobre comportamentos mais adequados para que possam ser e estar, sem a condição de crítica e julgamento. Sobremaneira, criam suas próprias significações, identificações, e performam sob os critérios que julgam melhor adequados para que pertençam a este espaço de forma neutra.

8.1 Encontros e socialização nas redes

Ao lançar um olhar atento ao cenário das redes ao qual a pesquisa se debruça, em analogia o nomeando como uma *neoágora*, consideramos este ambiente interacional digital tal e qual. Temos assim este local de socialização como uma das formas de encontrar-se de forma virtual na atualidade. Conforme aponta Saldanha (1983, p. 113), a *ágora* era considerada à época de seu surgimento, o “[...] centro espacial e social da *polis*, símbolo da presença do povo na ação política. A *ágora* situava a vida pública, com as conversas, as facções, as decisões: nela a palavra se fazia pública, como se fazia pública a condição do homem.”

A relação parece se estabelecer na medida em que, de maneira a contemplar as demandas de seu tempo, as redes sociais hoje nos são apresentadas como palco que também tem sido usado para discussões, como uma forma de exercício político. Dunken situa que,

Entre 2013 e 2018, as redes sociais digitais se tornaram amplamente disponíveis para os brasileiros, introduzindo a experiência da massa digital para indivíduos não advertidos de suas peculiaridades. Isso não ocorreu apenas pelo transporte de grupos ‘naturais’ para seu equivalente ‘digital’, mas também pelo funcionamento, ascendente e acelerado, dos grupos e coletivos segundo o tipo de identificação típico das massas. (2019, p. 120)

Assim sendo, o palco de debates da antiguidade parece tomar nova forma no cenário digital da atualidade, inaugurando possibilidades frente a um novo espaço de convivência social, que possibilita que os sujeitos se expressem de maneira a serem vistos pelos demais. Dentro da realidade social grega, “[...] a *isegoria* significou o direito igual a todos de tomar a palavra na *ágora*, de tornar manifestos pensamentos sem que nada permanecesse no plano oculto das segundas intenções” (MATOS, 2009, p. 63).

Tal como uma *neoágora*, os espaços digitais de relações sociais hoje nos lançam a possibilidade de interação em grupos, nos convidam a visualizar o que os demais usuários têm emitido como opinião pessoal, nos dão acesso a notícias, e principalmente – nos mantêm conectados com o que acontece em tempo real.

Ao situar o cenário que era configurado antes do ostensivo uso da tecnologia, Sibilia aponta que o afrouxamento de opressões consideradas antiquadas abriu horizontes para que fosse implantado um controle descentralizado, que considera sutil e

eficaz, visto que opera em qualquer momento ou lugar, tendo sua eficácia garantida pelo uso voluntário dos dispositivos, estimulado junto às promessas de felicidade (SIBILIA, 2019). Nesta esteira, através do uso voluntário das novas tecnologias, estamos frente a um cenário no qual:

[...] dir-se-ia que é necessário mostrar tudo o que cada um gostaria que os outros considerassem que se é, para assim receber o seu almejado apoio com o polegar para cima e outras formas do aplauso contemporâneo, pois somente esse gesto alheio será capaz de confirmar a própria existência ao lhe dar valor. (SIBILIA, 2019, p. 2017)

Desta forma, podemos considerar a interação social digital através de comentários, curtidas, compartilhamentos, onde temos instauradas novas formas de relação com o outro – oportunizadas por aplicativos que permitem a interação entre o que é postado e compartilhado, possibilitando que com facilidade expressemos nossa opinião frente ao que foi exposto –, seja vídeo, foto, *meme*, notícia. Diante do que é postado por um usuário, várias são as formas possíveis de relação com esse conteúdo. Segundo Rocha e Aucar,

As lógicas que conduzem o comportamento jovem não são lineares e se entrelaçam entre os espaços reais e virtuais. A maneira combinada com que o jovem interage entre esses dois universos faz com que ele considere ambos como legítimos em sua vivência. A tecnologia passaria a ser não apenas um meio, mas um instrumento que altera e amplia as possibilidades de pertencer a este mundo. (2014, p. 432)

Compreendendo a realidade dos jovens frente às possibilidades de pertencimento entre espaços reais e virtuais, podemos considerar como alguns de seus ambientes de interação a escola e as redes sociais. A escola, ambiente que por excelência visa educar estes jovens, o faz sob critérios estabelecidos por órgãos governamentais que regulam as práticas escolares. Aqui entra o questionamento – e nas redes sociais? As horas que os jovens navegam por estes ambientes – em contato com notícias, visualidades, vídeos, formadores de opinião – como estes ambientes colaboram com a absorção dessas informações?

Shirky (2012, p. 64) afirma que “em princípio, qualquer pessoa no mundo desenvolvido pode publicar qualquer coisa em qualquer momento, e no mesmo instante o material publicado torna-se globalmente disponível e facilmente encontrável”. Aliada a esta facilidade contemporânea da produção de conteúdo e conectividade, temos

também que atentar sobre notícias que acabam sendo obtidas através destas plataformas as quais não temos domínio sobre veracidade da informação.

Sobre a imprevisibilidade do campo da *web*, manifesta igualmente a possibilidade de nós mesmos atuarmos como produtores de conteúdo, devido à facilidade em lançarmos online tanto visualidades quanto textos – emitindo nossa visão de mundo, nosso parecer sobre determinado tema, e assim gerando interatividade aos conectados à nossa rede. Sibilia situa que os sujeitos contemporâneos, e sobretudo os mais jovens têm publicado informações na internet sem preocupações quanto à sua privacidade, sequer com a dos demais envolvidos que costumam habitar as confissões transmidiáticas postadas pelos adolescentes (SIBILIA, 2016). Diz ela:

Os tempos mudaram e os valores também, portanto estes novos recursos se apresentam não apenas como um conjunto inovador de possibilidades comunicativas, mas também como um grande laboratório para a criação intersubjetiva, com incalculáveis efeitos socioculturais e inclusive políticos. (SIBILIA, 2016, p. 111)

Os efeitos socioculturais do uso das redes sociais acompanham os sujeitos performáticos contemporâneos, na medida em que optam por expor determinados posicionamentos, a emitirem seus pareceres, opiniões, ao trazerem para si e para os demais, informações que colhem dentro dos ambientes virtuais.

Neste sentido, podemos entender que as redes possibilitam espaços de troca, de convergência, divergência, em que somos convidados a performar. Porém, é necessário que façamos uma distinção quanto à mensagem propagada e quanto ao público que chegará a acessá-la. Conforme Shirky (2012, p. 75), “as pessoas que postam mensagens umas para as outras em pequenos grupos estão fazendo um tipo de comunicação diferente do daquelas que postam mensagens para ser lidas por centenas ou milhares de pessoas”.

Ou seja, o tipo de comunicação performado pelos sujeitos jovens trata de uma realidade mais próxima de seus pares, conforme seus relatos. Mas nas redes também encontramos os grandes perfis, páginas de conteúdos que trazem a exposição de estilos de vida, publicidade, notícias, entre outras possibilidades. A denominação *digital influencer*³⁴, cedida a quem influencia pessoas dentro das redes sociais, acontece em várias escalas e em variadas áreas – desde segmentos como o da moda, estilo saudável

³⁴ Termo recorrente no mundo virtual, é dado a quem, por um número alto de usuários ou por sua influência em determinado espaço, passa a influenciar, através das redes sociais, o público que o segue.

de vida, motivacional, *fitness*, empreendedor, político. O que procurarmos por usar como referência digital, alguém que possamos seguir e que nos traga o conteúdo que buscamos, com facilidade será encontrado. E assim se inicia o processo – começa-se a seguir determinada figura digital, seja ela uma pessoa, figura pública, página, grupo, e iniciamos a receber seus conteúdos e postagens.

Este processo, natural ao intuito relacional da rede social, que seria o de acompanharmos o que o outro expõe, na atualidade se expande, pois os jovens apontam que passaram a utilizar as redes sociais com maior frequência durante a pandemia. Neste sentido, lançando aos moldes do *flanêur* um olhar sobre essa realidade social por mim observada, através de meu próprio acesso, percebo quantos esforços foram lançados na criação de dinâmicas de interação, buscando contato virtual com o público que acompanha conteúdos a partir das redes sociais. Podemos pontuar como exemplo as lives realizadas durante o período da pandemia, que buscavam a interação com a audiência e para tornavam possível, dadas as diferenças, um contato com um grupo conectado, ofertando determinado conteúdo, que reunia pessoas com o mesmo interesse para assisti-lo de forma virtual.

9. Ambiente configurado na prática da pesquisa

Para aproximação com o grupo de jovens participantes da pesquisa, busquei pela instituição que possibilitou minha prática de estágio durante a graduação, e que também abriu suas portas para a realização de uma oficina para a materialidade da pesquisa de minha dissertação de Mestrado. Ao optar pela realização da prática de pesquisa junto à mesma escola que outrora havia cedido espaço para a realização de outras atividades, a escola Coronel Pilar, tinha em vista uma dinâmica presencial com os estudantes do ensino médio noturno.

Porém, em meados de março de 2020, iniciou-se o *lockdown* na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, no qual as escolas necessitaram abdicar das atividades de forma presencial, para iniciarem a manter as práticas educativas de forma virtual para os estudantes. Neste momento, na escola em questão, foram criados grupos de *Whatsapp* para os estudantes do Ensino Médio, os quais passaram a ser o caminho para envio de atividades, pela coordenação da escola.

Em contato com a coordenação da escola, inquiri sobre a possibilidade da realização das práticas que envolveriam a materialidade desta tese, a qual prontamente acolheu a proposta, aceitando e assinando a carta de cessão. Neste sentido, para ambiência de quem seriam os possíveis sujeitos da pesquisa, suas idades, e quais redes sociais fazem uso, foi viabilizado o contato via grupo de *Whatsapp* com os estudantes, mediado pela coordenação da escola. A seguinte mensagem foi encaminhada por mim, e repassada aos estudantes:

Bom dia pessoal! Passando aqui para pedir a colaboração de vocês com uma pesquisa. Preciso que cada um dos integrantes do grupo envie uma mensagem com sua idade e redes sociais as quais utiliza (Facebook, Instagram ou Twitter):

exemplo:

18 anos - Instagram e Twitter

16 anos - Facebook e Instagram

Como retorno, obtive os seguintes dados:



Com o retorno obtido, foi então definida a escolha do *Facebook* como rede social a ser abordada, visto que a maioria dos estudantes faz uso da mesma. Como possível espaço de exposição de opinião, *Facebook* e *Twitter* atendem essa demanda de forma a possibilitar com mais facilidade a postagem de mensagens textuais, e em contrapartida, o *Instagram* trata-se de uma rede social voltada às imagens.

Durante realização da pesquisa, que se deu em dois momentos e de duas formas diferentes, pude ter então a percepção de um cenário o qual os jovens têm vivenciado durante esta pandemia. Temos em um primeiro momento a escola entrando em contato com estes estudantes via *Facebook*, *WhatsApp* e *Google Classroom*, para comunicados e envio de atividades.

Neste primeiro contexto, onde a pesquisa aqui realizada foi enviada de forma online (*Google Classroom*), sem nenhuma forma de encontro presencial ou

apresentação da pesquisadora, foi o momento em que obtive baixo retorno, visto que de um universo de 36 estudantes, obtive retorno de apenas 11 destes.

Outra percepção, já mencionada pela escola no momento do contato e envio das questões abertas aos estudantes, é de que o retorno das atividades era muito baixo, e que os professores estavam tentando encontrar meios e formas com que o ensino acontecesse de outras formas, visto que, ao se depararem de forma brusca com o ensino virtual, muitas demandas aconteciam na forma da exigência de trabalhos, os quais os estudantes acabavam por não entregar.

Neste sentido, ao tentar com que a pesquisa acontecesse somente desta forma, percebi a situação que em um primeiro momento revelou que estes estudantes passavam por um período no qual também buscavam se adaptar e responder a estas demandas de forma virtual, com suas aulas acontecendo de forma online, de seu contato ser reduzido ao virtual. Portanto, neste novo cenário, e em uma proposta que tratava mesmo sobre coisas de seu cotidiano e uso de redes sociais, os mesmos retornaram de forma simplificada, respondendo muitas vezes com sim/não, e deixando questionamentos sem resposta.

Este baixo retorno apareceu em muitos questionamentos, e aponta que de certa forma, os jovens, por mais conectados que fossem, estão vivenciando novos momentos e relações com a aprendizagem neste formato. A escola, ao acontecer de forma virtual, trouxe várias demandas aos estudantes, tais como ir em busca do conhecimento por meio de pesquisas, visto que isso não necessariamente aconteceria de forma voluntária, caso a escola estivesse acontecendo no formato em que conhecíamos. Corso e Corso afirmam, ao abordar o ambiente escolar tradicional, que:

Na escola, a pedagogia costuma ser pouco interativa, o conhecimento raramente dialoga com suas dúvidas e hipóteses, não se leva em conta que eles pensam, aliás ninguém espera que eles realmente façam isso. O recreio é breve demais para toda a demanda represada de liberdade.” (Corso; Corso, 2018, p. 291)

Talvez o ensino online nos apresente grandes pistas quanto aos vínculos que presencialmente conseguem ser construídos e que, em contrapartida, o virtual nos deixa escapar. A ânsia do jovem pela liberdade, e neste caso a liberdade passa também a acontecer na forma de se relacionar com os conteúdos da escola, pois a depender dele, mostrou que muita autonomia por vezes resulta em um sentimento de estar perdido.

Nos momentos em que estive na escola junto aos estudantes, o que foi relatado era o sentimento de não saber o que fazer, de sentir falta de um norte, de uma indicação, que talvez mesmo esteja na figura presencial deste professor que os conduz. Talvez este vínculo presencial possa ter diferença na relação com os estudantes, visto que durante a realização da segunda atividade que, por mais que ocupasse um ambiente virtual, teve a minha interação e participação de forma presencial, tendo obtido como retorno uma participação muito diferente por parte dos envolvidos.

9.1 Prática virtual: a materialidade da pesquisa

Para compor a materialidade da tese, a ideia inicialmente apontada no projeto de pesquisa necessitou ser reformulada. A atividade, alterada em função da escola não estar realizando atividades presenciais, foi então transformada em uma proposta online, abaixo descrita. A mesma foi encaminhada à escola, com intuito de apresentação do projeto, e as questões foram enviadas aos estudantes do ensino médio noturno da escola via *Google Classroom*.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Performances Juvenis nas Redes Sociais

A presente tese compõe a materialidade de um trabalho que reflete sobre o uso das redes sociais, para aproximar-se das relações/situações performadas pelos jovens dentro destes espaços, assim como a minha pesquisa de Mestrado, realizada junto à Escola Coronel Pilar no ano de 2017. Aqui, a noção do performar aparece como uma das formas de interação destes jovens no ambiente das redes sociais.

Ao tomar como referência a possibilidade de unir-se ou polarizar-se dentro destes espaços, as redes sociais aparecerem como cenário inquietante neste sentido. Ao possibilitar múltiplas trocas, considerando a quantidade de usuários que compartilham informações dentro destas redes, temos como cenário um espaço híbrido de alcance globalizado, um território livre.

No intuito de apresentar à escola a possível realização deste projeto junto aos estudantes do ensino médio, apresento a seguinte problemática de pesquisa: **busco por compreender como as redes sociais podem operar como espaços performativos e de encontro para a juventude em meio à pandemia?**

Considerando o problema de pesquisa pontuado, o objetivo desta pesquisa é **mapear os processos performativos mediados pelas redes, nas quais os jovens interagem, compartilham e aprendem**. Para tanto, apresento a seguinte proposta a ser realizada junto ao grupo de estudantes do ensino médio.

Atividade:

Apresentação da pesquisadora ao grupo, apresentação das intenções da pesquisa e de como os participantes podem contribuir neste movimento de reflexão sobre as relações mediadas pelas redes sociais. Devido ao trabalho necessitar ser realizado de forma online, através da plataforma a que os estudantes têm acesso, seguem listados abaixo os questionamentos que colaboram com a construção da materialidade desta pesquisa.

Você acessa suas redes sociais diariamente?

Consegue perceber qual o tempo que dedica ao uso das redes sociais?

Neste espaço virtual – qual o principal tipo de relação que você estabelece? Contato com os amigos? Usa as redes sociais para ter acesso a algum tipo de informação?

Consegue apontar alguns perfis/páginas com quem mais interage?

Você tem interesse nas notícias que passam por sua *timeline*? Quais te disparam a atenção?

Conversando sobre os *memes* – quais são os primeiros que vêm em mente, quando se fala sobre esse tipo de imagem? O que eles significam para você, uma piada, uma mensagem, uma sátira, que sentidos podemos atribuir a um meme?

“No Brasil tudo vira *meme*”. Qual a opinião de vocês sobre essa afirmação?

Você enxerga a rede social como um local de reconhecimento e identificação?

Por que mostramos? Para quem mostramos? Com que finalidade mostramos? – Acredito que não seja sempre que façamos esse exercício do pensamento, mas, de certa forma, as redes nos pedem nossos posicionamentos dentro delas.

E, no sentido oposto da pergunta acima, por que olhamos? Por que acompanhamos? Com que finalidade seguimos quem nós seguimos? E, talvez, de alguma forma, nos impactamos pelos conteúdos que essas pessoas postam?

Alguma vez você já tomou como verdade alguma opinião dita por alguém dentro de uma rede social?

Neste momento, recorda de alguma notícia que você percebe estar sendo comentada em suas redes sociais? É alguma notícia relevante, passível de ser problematizada, podemos apontar alguma questão social importante? Você se posicionou quanto a isso em sua rede social?

Ao finalizar as problematizações sugeridas, solicitei aos estudantes que selecionassem e inserissem junto com as respostas algum/alguns memes, imagens, notícias, que a seu olhar tivesse relação com as discussões propostas nas questões. Alguma imagem, vídeo, notícia ou texto que tenha passado a fazer sentido a partir do que foi respondido aos questionamentos.

Para escolha do meme, podem pensar em...

O que você já postou hoje?

O que você já visualizou hoje?

Já emitiu alguma opinião, comentário a respeito de alguma visualidade que tenha passado em sua *timeline*?

A este questionário, obtive o retorno de 11 estudantes. A percepção, ao analisar o material retornado, é a de que os estudantes, por estarem sobrecarregados de atividades escolares enviadas a partir da mesma plataforma, acessaram o material e o responderam de forma apressada, assim deixando poucas brechas para que realmente tivesse percepções a respeito da forma que utilizam esta rede social enquanto participantes.

Neste sentido, ao aguardar o decorrer das atividades escolares no ano de 2021, e com a possibilidade de retomada presencial dos estudantes, em maio deste mesmo ano, recorri a realizar novamente uma atividade junto aos estudantes, podendo assim

presencialmente viabilizar pequenos grupos, para então me aproximar dos mesmos, de suas percepções, e realizar uma atividade de forma virtual, porém com a possibilidade de interação e questionamentos de forma presencial.

Descrevo esta prática como um momento ímpar da pesquisa, visto que pude realizar presencialmente este contato, na busca das percepções sobre como estes jovens sujeitos têm percebido as dinâmicas do virtual, das redes sociais, nestes tempos pandêmicos os quais nos sugerem ainda mais que o contato aconteça de forma virtual.

Para a realização desta dinâmica presencial, propus aos grupos de estudantes, 7 em uma turma de terceiro ano, com idade entre 18 e 21 anos, 2 em uma turma de segundo ano, com idade de 17 anos, 1 em uma turma de terceiro ano, com 18 anos, que respondessem de forma virtual 11 questões. A proposta foi viabilizada via *Facebook*, em um perfil por mim criado, onde foram disponibilizadas as questões a serem respondidas.

A escola, ao ceder espaço para realizar a pesquisa de forma presencial, contava com todos os protocolos de prevenção ao contágio pelo Coronavírus, obedecendo distanciamento, uso de álcool gel na entrada dos ambientes, bem como aferição de temperatura de todos os presentes no ambiente escolar. As turmas, que neste momento recebiam alunos presencialmente, contavam com poucos estudantes visto que as atividades presenciais estavam acontecendo de forma optativa, sendo que os estudantes poderiam seguir recebendo os conteúdos programados pelas disciplinas de forma online.

Contando então com uma quantidade reduzida de estudantes, estive presente em dois momentos na escola, sendo um dia pela manhã, e outro dia à noite. Por meio do perfil criado no *Facebook*, com o nome de *Performance Juvenis nas Redes Sociais*, os estudantes tiveram acesso as 11 questões a serem respondidas virtualmente. Para participação, os estudantes assinaram os termos de cessão de uso de seus dados. O perfil, mantido público durante os dias 20 e 21 de maio, para acesso e interação dos pesquisados, foi o “local” onde a pesquisa aconteceu.

Por meio de *posts* publicados pelo próprio perfil, os pesquisados colocaram abaixo de cada publicação suas respostas aos questionamentos. Seguem abaixo as questões propostas.



Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:39 PM · 🌐

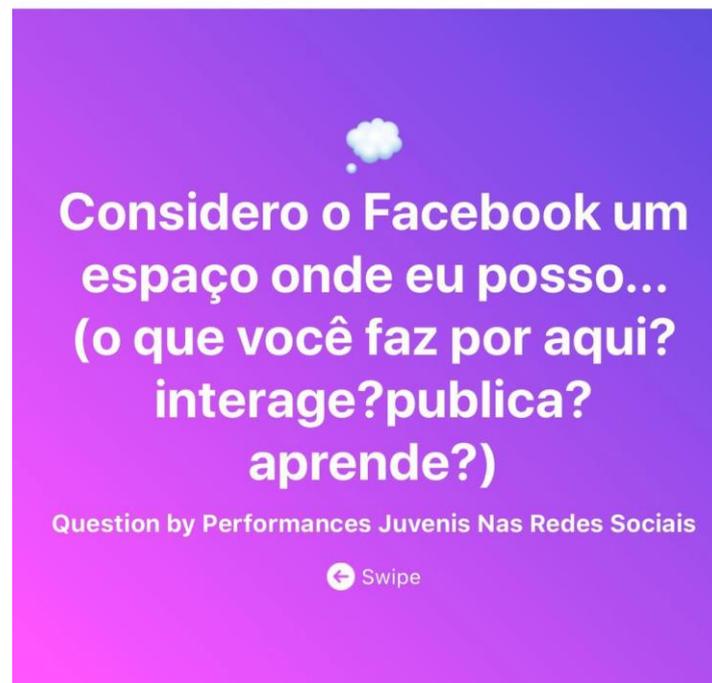


Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:38 PM · 🌐





Performances Juvenis Nas Redes Sociais



May 19 at 3:34 PM · 🌐

Para você, a internet serve para?

- 1 - Localizar informação
- 2 - Estar em contato com amigos e família
- 3 - Manter-se atualizado com notícias e eventos
- 4 - Pesquisar como fazer coisas
- 5 - Assistir vídeos, programas de tv e filmes
- 6 - Encontrar novas ideias e inspiração
- 7 - Procurar produtos e marcas
- 8 - Acessar ou ouvir músicas
- 9 - Preencher o tempo livre e navegação geral
- 10 - Educação e atividades relacionadas ao estudo
- 11 - Pesquisar lugares, viagens e férias
- 12 - Pesquisar sobre saúde e produtos de cuidados com a saúde
- 13 - Gerenciar finanças
- 14 - Jogar
- 15 - Pesquisar sobre negócios
- 16 - Conhecer novas pessoas

Poste os números com os quais você se identifica!
Faltou alguma coisa? Pode escrever por aqui também.

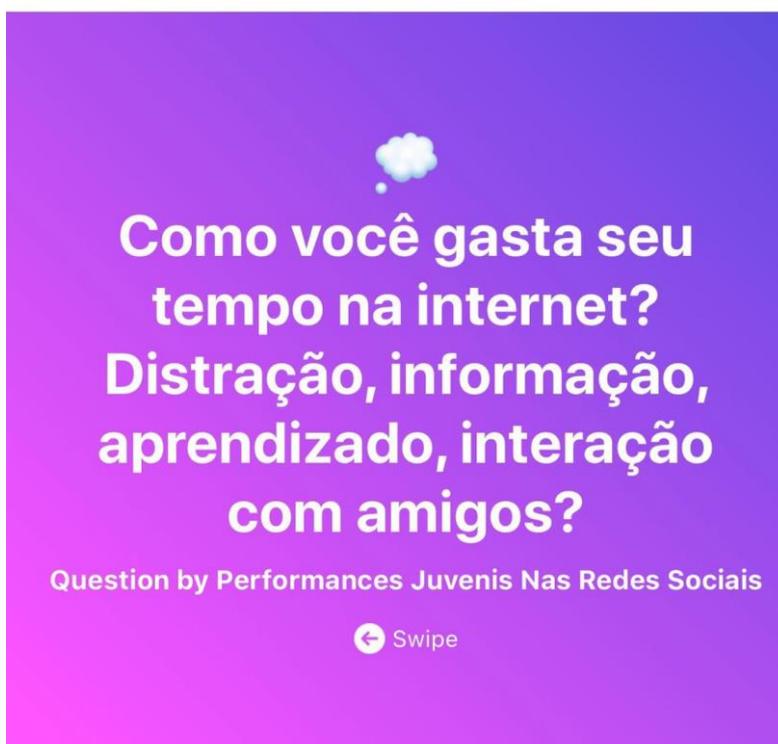


Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:27 PM · 🌐





Performances Juvenis Nas Redes Sociais

answered a question.

May 19 at 3:26 PM · 🌐



Alguma informação encontrada no Facebook, acreditou ser verdadeira, depois acabou por saber que não?

Question by Performances Juvenis Nas Redes Sociais

← Swipe



Performances Juvenis Nas Redes Sociais

answered a question.

May 19 at 3:25 PM · 🌐



Os posts aos quais teve acesso, tiveram que tipo de relevância? Você se sentiu influenciado?

Question by Performances Juvenis Nas Redes Sociais

← Swipe

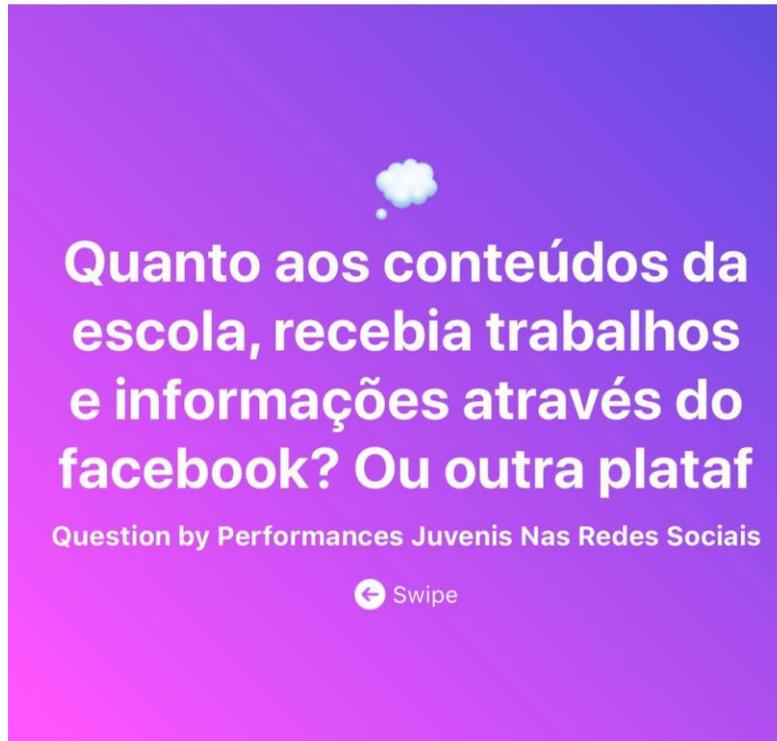


Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:24 PM · 🌐

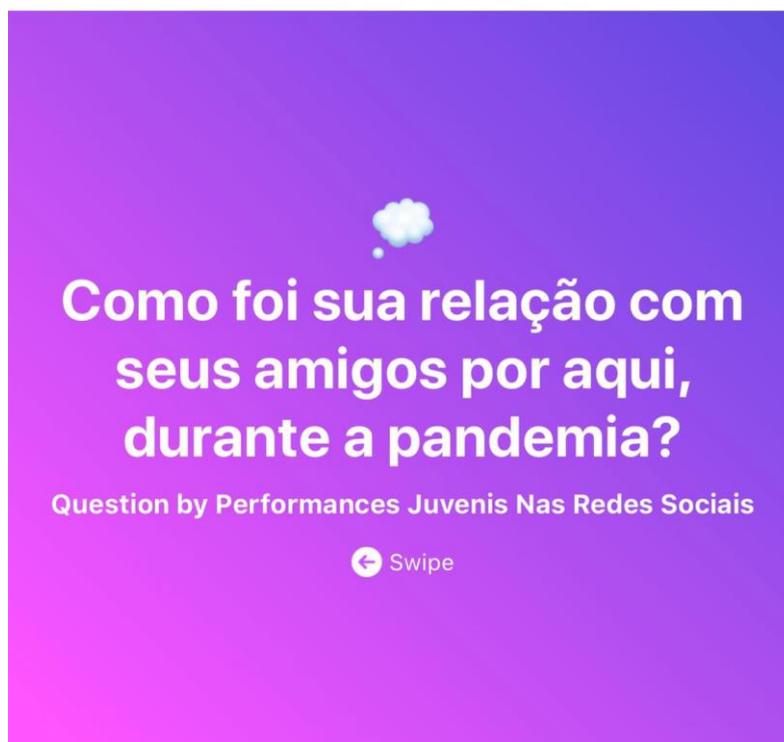


Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:23 PM · 🌐

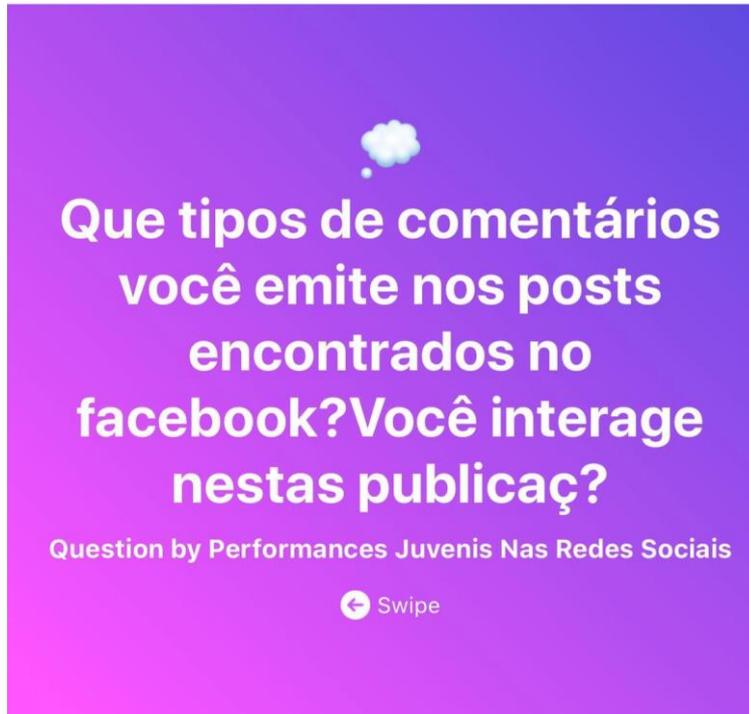




Performances Juvenis Nas Redes Sociais
answered a question.



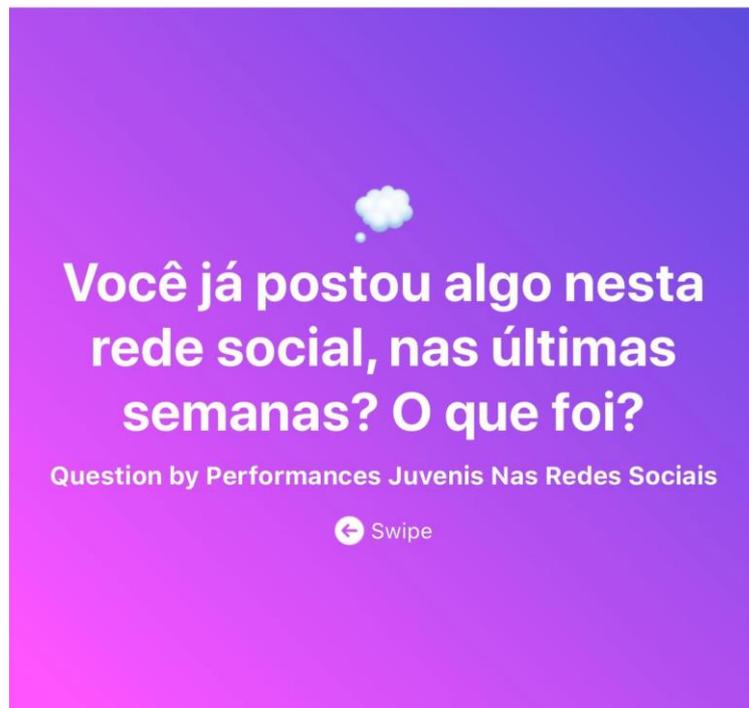
May 19 at 3:22 PM · 🌐



Performances Juvenis Nas Redes Sociais
answered a question.



May 19 at 3:21 PM · 🌐





Performances Juvenis Nas Redes Sociais



answered a question.

May 19 at 3:19 PM · 🌐



**Quanto ao Facebook
durante a pandemia- você
se considera um usuário
ativo nesta rede social?**

Question by Performances Juvenis Nas Redes Sociais

← Swipe

9.2 Desdobramentos da materialidade da pesquisa

Os dados obtidos a partir das ações realizadas junto aos estudantes, analisados sob o viés da análise de conteúdo, estão abaixo dispostos, organizados em seis categorias. Neste sentido, são propostas inferências e interpretações a partir das respostas obtidas, bem como elencadas algumas afirmações que, analisadas sob sua singularidade, relacionam-se com a questão de pesquisa proposta dentro desta tese.

Apoiada nas considerações de Bardin (2016), os dados foram analisados por meio de uma perspectiva qualitativa, considerando suas particularidades, para que, a partir de seu conteúdo, fossem então traçadas as categorias, que subseccionam os dados produzidos. Neste sentido, foram enfatizadas como categorias as palavras que surgiram com maior frequência dentro das respostas dos estudantes.

As ações desta pesquisa, que ocorreram em dois momentos distintos, sendo um deles de forma online via *Google Classroom*, e outra presencialmente, dentro das salas de aula da escola, apontam sobre o novo formato no qual as dinâmicas têm funcionado, onde os estudantes necessitaram adaptar-se a uma realidade de aprendizagem virtual, a qual inclui o ensino a partir dos meios digitais.

Considerando os dois momentos voltados à interação com os participantes dentro desta pesquisa, ambos caracterizados por perguntas abertas, optei pelo uso das respostas de todos os estudantes envolvidos, totalizadas por 11 participações na primeira etapa, e 10 participações na segunda etapa. Estão divididos entre (E-estudante) E1 até E11 a primeira ação realizada, e em (P- participante) P1 até P10 a segunda ação realizada.

As afirmações dos participantes giram em torno de que, por mais que tenham maior familiaridade com o ambiente online, e que seu uso constante já acontecesse mesmo antes da pandemia, a maneira pela qual o ensino passou a acontecer os tirou de uma zona de conforto. Se antes o fato de ir para a sala de aula os unia de alguma forma, e os espaços online serviam como uma forma à parte para se relacionarem em grupos, hoje apontam que a forma de se reunir está mudada, bem como a forma de relação e vivências em grupo foram bruscamente alteradas, visto que a escola muitas vezes era quem proporcionava estes momentos com maior frequência. Os participantes afirmam que ambas as vivências, tanto relacionais quanto das práticas educativas presenciais,

têm feito muita falta e que o fato de poderem estar novamente na escola traz certa sensação de normalidade que antes não havia.

As vivências que experienciaram no ensino remoto são apontadas como atividades que, por maior vontade e disposição que tivessem em realizar, não pareciam contemplar as mesmas dinâmicas que aconteciam em sala de aula. No encontro presencial com estes estudantes, somente um deles afirmou que conseguiu acompanhar as atividades de forma remota, e que o retorno à escola era uma opção pela convivência em grupo, por ser um estudante do último ano do ensino médio.

Os relatos dos demais apontam para dificuldades de concentração em atividades que envolviam o uso do celular, e que as atividades enviadas de forma online necessitavam de um envolvimento maior por parte deles, pois não contavam com o apoio presencial dos professores sanando suas dúvidas. A falta da interação presencial aluno-professor foi mencionada como ponto crucial, visto que ao receber as atividades de forma remota, estes estudantes não conseguiam realizar as mesmas trocas que existem presencialmente, onde podiam solicitar que os conteúdos fossem explicados novamente, onde pediam pausas, e que os professores podiam perceber suas dúvidas, conforme o andamento das aulas.

Sobre a interação online com os colegas, e seus grupos de convivência, os mesmos apontam que por esta relação já estar estabelecida dentro das redes, se tornou muito mais fácil que se seguisse, mesmo que sem o contato presencial. Ao criarem seus próprios grupos com intuito de facilitar o ensino remoto, apoiando-se em suas tarefas, angústias, e relatos sobre como as dinâmicas estavam acontecendo, o que informaram, durante nossa conversa presencial, é que o convívio “virtual” com seus pares e colegas aconteceu de forma natural durante este período de pandemia.

Ao contatarem virtualmente uns aos outros, mantiveram ainda contato entre seus pares, e dividiam dentro destes espaços de rede as vivências que não podiam acontecer presencialmente. O relato, neste sentido, aponta que mesmo com o contato virtual não sendo cessado, existem momentos que a interação presencial não pôde ser substituída sem percas pela interação virtual, e que sentem falta dos momentos de convívio oportunizados pela escola.

Além disso, apontam que o círculo de amizades acabou de certa forma se reduzindo, visto que dentro da escola podiam interagir com um número maior de colegas, fato que durante a pandemia reduziu-se, por meio de relato dos mesmos, o convívio apenas aos grupos mais próximos de dentro da sala de aula, e de amigos que já

conheciam antes da pandemia. Considerando sobre estes relatos, podemos deduzir que, por maiores as possibilidades dentro das redes sociais, estes estudantes se limitam de certa forma aos pares com os quais já estabeleciam contato.

Outra questão apontada pelos estudantes durante a interação presencial proposta foi de que a internet, por maior conectividade que ofereça, não conseguiu de forma nenhuma substituir o que os mesmos vivenciam dentro da escola. Ao tentar abordar este assunto, os mesmos não conseguem pontuar exatamente o que é a dinâmica que diferencia suas aulas online de suas aulas presenciais, porém, situam que pela internet, as aulas ocorrem de maneira diferente, e um pouco distante. Por estarem presentes dentro da escola, parecem estar familiarizados com um ambiente de aprendizagem, diferente do ambiente de casa, com seus familiares, muitas vezes em seus quartos, espaços que antes eram dedicados a momentos de descanso, e que hoje servem também para estudo.

Quanto ao acesso, a maioria optou por realizar as atividades via celular, o que, relatado pelos mesmos, muitas vezes acabou por gerar certa indefinição entre conteúdos da escola e atividades que antes realizavam por meio do celular, como uso do *WhatsApp*, jogos, acesso às redes sociais, entre outras possibilidades. Dividir o tempo entre estudar pelo celular, e usar o celular como forma de distração ficaram então entrelaçados, e, por muitas vezes, cansando os mesmos do uso destes dispositivos, como pontuado pelo P3, que afirma existir “uma nova relação com o celular”.

Sobretudo por estarem realizando várias ações a partir deste dispositivo, dando conta de suas tarefas, de suas relações pessoais, recebendo informações, mantendo-se conectados parece ser a ordem desde que a pandemia nos acompanha. A seguir, estão elencadas as seis categorias: *Interação*, *Influência*, *Encontro*, *Publicações*, *Distração* e *Aprendizado*, que trazem reflexões a partir das falas dos sujeitos participantes da pesquisa, e tentam dar conta das percepções que os mesmos têm sobre o que performam dentro do entrelugar das redes.

Interação

Os jovens sujeitos, ao tecerem colocações a respeito das redes sociais, informam a *interação* como um dos principais motivos pelos quais o acesso às redes se torna um atrativo. Considerando desde as interações entre seus pares, até a relação que passam a estabelecer com os conteúdos que por estas plataformas recebem, esta é a função percebida por eles para este espaço – interagir.

Como pudemos observar a partir da perspectiva de Schechner (2006), a performance pode ser entendida, dentre inúmeras definições, como maneira de agir ao estímulo. “Na vida cotidiana, ‘realizar performance’ é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem” (Schechner, 2006, p. 29). Sendo assim, talvez em busca de assistir as performances que acontecem nas redes, o participante P6³⁵ afirma que “olhamos por curiosidade, ou para julgar aquela pessoa. Por termos os mesmos pensamentos, já que é fácil ficar se agradando quando não temos divergência no que pensamos ou acreditamos. Podemos ver isso pelos likes, seguidores, pelos comentários ou por cancelamento”.

Ou seja, a perspectiva do interagir pode ser observada pelo engajamento alcançado em uma postagem, seja ela textual ou imagética, onde os jovens podem emitir seus pareceres e opiniões. A fala do E3 traz a interatividade como presente nas redes sociais, pois “se acessa uma rede social para olhar, e também a partir de um possível julgamento que seja feito pelas postagens que encontramos”. Para ambos estudantes, interagir dentro destes espaços parece se dar a partir da observação, do julgamento.

Outro aspecto observado são os *likes*, seguidores e cancelamentos, elencados pelo estudante E5. Dentro das redes sociais, é possível observar as interações a partir destes critérios, que pontuam sobre o que as pessoas curtiram, as pessoas que interessam seguir, e sobre as pessoas que, dentro das redes, tiveram algum tipo de comportamento julgado de forma negativa. Para Sibilia,

Diante da prevalência que esses comportamentos têm adquirido nos últimos anos, não surpreende que se dedique cada vez mais cuidado à elaboração do perfil on-line, com estratégias calculadas que crescem em sofisticação considerando os objetivos almejados.(2016, p. 44)

³⁵ Optou-se por preservar o nome dos estudantes participantes da pesquisa.

Para que os conteúdos veiculados na internet então sejam consumidos de forma positiva, a organização por parte de quem realiza as postagens acaba por acontecer de forma por vezes planejada, considerando objetivos a serem alcançados. E assim como a partir dos conteúdos, temos a partir dos seguidores a quantia de pessoas que seguem e observam as postagens de cada pessoa ou página, e este indicador também nos fornece informações sobre o quanto esta pessoa/página se movimenta dentro destes espaços – quanto mais seguidores, provavelmente oferece mais conteúdo, e desta forma, motivos para que as pessoas se sintam interessadas em seguir determinados perfis.

Já o chamado cancelamento indicaria um movimento performado em relação à repulsa, por certo conteúdo desagradar, e assim ser evitado, nos termos virtuais, cancelado. O posicionamento dentro das redes, performado também a partir de uma perspectiva de curtir ou cancelar determinada pessoa/assunto, vem ao encontro da fala da E6, que afirma que “nunca me posicionei sobre nada nas redes sociais”.

Percebe-se, por uma falta de posicionamento dentro deste espaço, que a própria neutralidade informa um ato performativo de manter-se somente em observação – o que, de certa forma pode indicar que, dentro de uma rede social, lhe pareça mais estratégico somente acompanhar as postagens feitas.

Entendendo que a performance acontece como ação, interação e relação, Schechner (2006) define que a mesma não está em nada, mas “entre”. Neste sentido, a relação de alguém que prefere não se posicionar dentro destes espaços acontece na medida em que opta por não realizar esta ação, ou seja, houve a escolha não se posicionar em relação ao que ali encontra.

A afirmação do E10, “Não gosto de comentar na internet, pois tudo é motivo de discussões”, nos leva também a refletir sobre o quanto a interação, para além de oportunizar trocas, pode acabar por mostrar os diferentes posicionamentos que encontramos dentro das redes. Posicionar-se de forma neutra dentro destes espaços parece ser a forma adotada pelos pesquisados, visto que a maior parte afirma que se posiciona dentro das redes apenas em *posts* de amigos, ou interação em *lives*, onde seus comentários são positivos, sem ser fruto de “cancelamentos”, como pontuados por eles.

Neste sentido, assumem dentro deste entrelugar uma postura neutra ou amigável, que, de certa forma não gera formas de ‘atrito’. Os jovens, neste sentido, performam sobre a isenção dentro deste espaço ser, de certa forma, em suas visões, a forma mais adequada de manterem-se sem prejuízos dentro das redes, apenas observando o que lá encontram.

Preferem manter uma postura de ‘não se envolver em temas polêmicos’, ‘*fake news*’, ou afirmações com as quais não concordam, pois somente as leem, sem emitir seus pareceres. Portanto, ao performarem nas redes o próprio não posicionamento, em alguns momentos, assumem que existem certas posturas mais adequadas de se relacionar dentro destes espaços, em suas visões.

Influência

Ao partir da palavra influência como categoria de análise dentro desta tese, destaco a nominada profissão no mundo virtual – digital *influencer*. Digitais *influencers* são pessoas que, com poder de visualização na internet, utilizam-se destas plataformas para influenciar. A hipervisualização alcançada por estas figuras, e influência ao consumo de produtos, bens, serviços, *lifestyle*, ou qualquer outra possibilidade que seja exposta dentro das redes, mostra o quão grande é o poder da visibilidade e exposição, que acaba por influenciar quem recebe estes conteúdos.

Segundo Sibilía (2006, p. 27), “A experiência de cada um se vê fortemente influenciada pela interação com os outros e com o mundo; por isso, não se pode negar o papel primordial da cultura na conformação do que se é.” Os jovens pesquisados, ao apontarem em suas falas sobre o termo influência, compreendem-na por diversos sentidos, sendo um deles o da própria influência comportamental, onde supõem perceber que as pessoas acabam por se influenciar por meio de certos posicionamentos com os quais têm contato dentro da internet. O estudante E3, apontando sobre estas questões, afirma “Já fui influenciado pelo que as pessoas pensavam, apenas porque eu gostava dessa pessoa ou por achar que ela não mentiria”.

Neste sentido, os jovens, ao entrarem em contato com certas afirmações, posicionamentos e opiniões dentro da internet, dependendo da origem de sua fonte, acabam por considerar essas premissas como informações válidas, e passam, desta forma, a também validá-las. Seja pelo consumo do conteúdo de determinada pessoa influenciadora, ou até mesmo de páginas que funcionam desta mesma forma, os jovens, ao acessarem estas informações e conhecimentos compartilhados, passam a elaborar novos sentidos a partir de um posicionamento externo, assim validando ou não as informações que podem receber no sentido da influência.

Seja comportamento ou consumo, a influência dentro da internet pode acontecer tanto por intermédio de usuários com grande alcance de público, como de pessoas com pequena influência, podendo reverberar em comportamentos espelhados na maneira como alguém se posiciona dentro da rede social. O documentário *The Social Dilemma*, ao informar sobre o que acontece ao utilizarmos nossas redes, situa que,

Com o tempo, você tem a falsa sensação de que todo mundo concorda com você, porque todo mundo no seu feed de notícias parece com você. E assim

que você chega neste estado, você é facilmente manipulado. Da mesma forma que seria manipulado por um mágico. O facebook diz hey, escolha seus amigos, você escolhe os links que segue. Mas tudo isso é bobagem, é igual ao mágico. O facebook está no comando do seu feed de notícias. (THE SOCIAL DILEMMA, 2020, aos 56:36min)

Ao apontar nossas redes sociais como algo que não está somente sob nosso controle, e é mediado por interesses externos, temos então a percepção de que o que encontramos nestes entrelugares pode ser moldável para que se torne mais próximo de nossos interesses, de acordo com nosso ponto de vista. De fato, ao tornar este ambiente moldável à nossa percepção de mundo, e, tornando um lugar no qual consideremos válidas e interessantes as informações que chegam a nós, o torna mais atrativo, justificando assim o intenso contato com esta plataforma, relatado pelos jovens.

Afirmando que “temos que ter consciência que tudo que postamos pode ser visto pelo mundo todo, devemos ter cuidado com o que mostramos para as pessoas”, a participante E9 nos leva a pensar sobre a visibilidade das redes, onde por muitas vezes determinamos o alcance a que pode chegar determinada postagem. Os participantes, ao exporem suas opiniões sobre os *posts* que encontram dentro das redes sociais, e sobre os mesmos os influenciar de alguma forma, afirmam, de modo geral, que dependendo do que tenha sido lido, passam a considerar tal ideia como verdade, e que se sentem influenciados. Como exemplo, considero a posição do P1, que passou a frequentar novamente a escola por ter acreditado se tratar de um ambiente seguro, pela leitura que tem da pandemia, a partir das notícias as quais teve contato via rede social.

Para o bem e para o mal, a internet fornece informações que impactam os sujeitos de alguma maneira, e de certa forma reverbera em posicionamentos em suas vidas. O intenso contato com as redes e com as informações por ela disparadas, permitem que sejam considerados os elementos externos que informam sobre algo, seja uma notícia, uma informação, e estes jovens percebem que passam a entender o mundo por outra perspectiva se relacionando com o que encontram dentro das redes sociais.

Ainda opinando sobre a influência, 3 participantes dizem não se sentirem influenciados pelo que leem nestes espaços, enquanto 4 participantes afirmam depender da situação para afirmar que seriam influenciados ou não. Desta forma, o que se analisa a partir destas informações é que, mesmo afirmando não se sentirem influenciados, estes jovens validam que a participação dentro de uma rede social não se trata de uma mera distração, mas sim de algo que faz parte do dia a dia, e que é algo que naturalmente fazem. Por mais que não se considerem influenciados pelo que encontram dentro destes

espaços, a influência ao próprio uso já está estabelecida, no momento em que optam por estarem como participantes deste espaço e dinâmica.

Quando os demais participantes afirmam depender da situação para sentirem-se influenciados, a colocação do E10 é de que “Prefiro procurar estudar a respeito sobre do que tomar como verdade algo dito por alguém dentro da internet”. Portanto a perspectiva é muito variável, pois os mesmos se posicionam em uma perspectiva de maior problematização do que encontram, sem necessariamente estabelecer como verdade em um primeiro momento, sendo necessário que busquem fontes para validar o que encontram nas postagens. Em um sentido mais geral, o que se percebe é que a maioria afirma que este espaço os afeta em algumas questões, mesmo que busquem por validar as informações antes de as considerar como pertinentes.

Encontro

Se valendo do espaço das redes como o possível local de encontro em meio à pandemia, uma participante da pesquisa afirma que *“Uso para falar com amigos que estão longe ou alguém da minha família, uso para o conhecimento, para saber as notícias do que acontece nesse momento pelo mundo”*, E9. Para além de um espaço de socialização, as redes serviram também como forma de manterem-se informados a respeito de amigos e familiares. Desta forma, alguns participantes informam que passaram a uma participação mais ativa, já que não podiam se ver pessoalmente. Corso e Corso, delineando as possibilidades das redes, questionam:

Quem sabe as redes sociais nos apontem o esgotamento, a pobreza, ou uma insuficiência das formas contemporâneas de estarmos – ou melhor, não estarmos – uns com os outros. Talvez elas constituam uma crítica espontânea e ingênua ao individualismo. Enquanto julgamos mal os usuários pela suposta superficialidade da conexão com seus amigos da rede, deixamos de ver a intenção de criar algo novo em termos de laço social, ou mesmo de retomar de algum modo a vida comunitária que está fazendo falta.” (2018, p. 296)

A partir da colocação dos autores, lança-se a atenção ao julgamento das relações que acontecem via rede social, pois os laços que estes jovens criam com seus amigos, mesmo nas redes, são percebidos de forma positiva pelos mesmos. A posição dos participantes, revelada por meio do contato presencial com a pesquisadora, é que mantiveram contato primordialmente com os amigos mais próximos. O que se observa a partir deste dado é que, apesar das redes propiciarem o encontro destes jovens sujeitos com inúmeras pessoas, o contato estabelecido seguiu acontecendo com as amizades de maior vínculo. Como exemplo, citaram a própria turma da escola, que, composta por em torno de 20 colegas, os mesmos estabeleciam contato com 3 a 4 colegas.

Neste sentido, podemos perceber que, diante das possibilidades do performar, do interagir e do encontrar, os participantes se utilizam destes espaços de forma a relacionarem-se com quem já tinham maior proximidade, talvez optando por situarem-se desta forma ao observarem o espaço das redes sociais como entrelugar que não propicia acolhida, e funciona muito mais no sentido da cultura do julgamento. Mesmo considerando a pluralidade das redes, mostram que por vezes preferem a isenção, tratando-se das novas relações que podem ser estabelecidas a partir do uso destas plataformas.

Publicações

“A princípio, a rede social pareceria uma oferta pouco variada, pois são apenas páginas contendo informações sobre pessoas produzidas por elas mesmas, que interesse poderiam ter? Quantas vezes vocês já escutaram uma frase como esta: ‘Fico olhando as páginas dos meus familiares, depois vou nas dos seus amigos, nos amigos dos amigos, quando vejo já é de manhã...’”. (CORSO; CORSO, 2018, p. 295)

Diante do que podemos encontrar nas redes sociais, a procura por perfis de amigos, e de amigos de amigos, e por assim segue, se trata de uma das possibilidades. Mas, dentro deste entrelugar, temos outros sentidos disparados e muitas outras possibilidades de interagir. O relato dos participantes da pesquisa, quando questionados sobre as publicações que fazem, e mesmo as que acompanham, aponta para a questão da aceitação.

Dentro da lógica das redes, os participantes percebem como um melhor posicionamento postar algo que possa vir a gerar uma repercussão positiva em torno do que se decida por levar a público. Ou seja, optam por postarem conteúdos, mensagens ou imagens que pensam ter uma validação por seus pares, no momento em que o resolvem fazer. Mesmo assim, ainda considerando que as pessoas que terão acesso à suas postagens particulares serão somente seus amigos dentro da rede social, relatam ter este cuidado.

A estudante E3 afirma que as postagens acontecem “Para ter aceitação. Para qualquer pessoa que pode nos elogiar ou ser nossas amigas. Para ganhar atenção, tendo pessoas nos conhecendo e nos acompanhando”. Neste sentido, a forma pela qual esta participante percebe esta dinâmica das postagens envolve a busca pela atenção e por elogios, que, nesta rede social, acontecem por meio dos *likes*.

Ainda elencando suposições sobre o porquê acontecem as postagens, a E4 diz que “Acho que a gente mostra o que mostra pra ter aceitação. A gente escolhe o que postar, e o que vamos ver escolhemos, às vezes, mas às vezes aparecem coisas que não seguimos. É bastante coisa”. O ato de performar, o ato da escolha sobre o que postar ou não, acaba sendo determinado pelas relações que estes jovens sujeitos estabelecem dentro das redes, pelo que veem e percebem como melhor aceito.

A colocação do E8 vai ao encontro da escolha ativa em não performar na rede, por perceber certa inutilidade em demonstrar suas opiniões e pensamentos. Pontuando que “Acho inútil pq (sic) como eu falei vai ser inútil eu falar qualquer coisa, se as

peças são muito fechadas nas suas próprias opiniões, e se sua opinião for diferente das delas elas vão te xingar e etc”. A fala exemplifica a relação de preferir não, pontuada por alguns participantes, por considerarem que os participantes das redes já têm suas formulações, e que não estarão dispostos a debater ou receber opiniões contrárias às suas.

Outra questão disparada pela fala de uma das estudantes é de que à partir das publicações, “Costumamos comparar a nossa vida com a vida de outras pessoas” E11. E sim, podemos considerar como uma forma possível de gerar comparações – o que o outro posta, o recorte que ele resolve mostrar, muitas vezes acaba por reverberar de forma positiva ou negativa em algum outro usuário que tenha visualizado essa informação.

Distração

Apontada pelos estudantes como aliada dos momentos de tédio, a distração ofertada pelas redes sociais é considerada como grande atrativo. Sejam conteúdos polêmicos, de humor, de fofocas, sobre culinária, futebol, assuntos exóticos, os participantes apontam que este espaço é também percebido como fonte de distração, aliada a conteúdos que os interessam.

Desta forma, o uso mais intenso das redes, especialmente no período de pandemia o qual é vivenciado, funciona no sentido de gerar entreterimento de alguma forma, por ofertar muitas possibilidades em termos do que se deseja assistir e interagir. Seja em um vídeo, seja em stories ou postagens de amigos, as redes sociais hoje ofertam distração e isso é pontuado como uma boa alternativa para que, de alguma forma, os sujeitos se relacionem de forma mais dinâmica com seus pares, a partir de um dispositivo.

Para eles, “As redes sociais hoje em dia tem um grande acesso”, pois “entramos devido aos trabalhos e para nos distrair quando temos tempo sobrando” - E7. Ou seja, ao mesmo tempo em que o mesmo dispositivo é usado para resolutivas de questões escolares, como trabalhos e aulas online, a partir deste mesmo meio os jovens entram em contato com esta distração que consideram ser presente nas redes, quando acessam conteúdos que consideram leves, engraçados, e até mesmo que os trazem certa sensação de bem estar ao estarem consumindo.

Nesta perspectiva encontramos então uma infinidade de possibilidades, entre elas os memes, os quais os estudantes apontam como formas de interagir com amigos que geram piadas e humor. Ao dizer que “Mostramos os memes para pessoas que normalmente gostamos, com a finalidade de fazer elas rirem de coisas que você achou engraçado”, o E9 motra que esta interação com o outro funciona no sentido da distração e troca de conteúdos que considera engraçados.

A prática dos estudantes marcarem seus amigos em publicações que consideram engraçadas, para que os mesmos tenham acesso a elas e depois comentem e se divirtam a respeito de algo, é pontuada pelos pesquisados como a forma mais fácil e rápida de interagirem entre si, visto que podem, dentro da própria publicação, já externarem seus comentários, seja por meio de emojis engraçados, seja por meio de uma risada.

Sobre o uso da internet também como uma distração, os pesquisados afirmam que, elegendo em primeiro lugar o contato com amigos e família, esta rede social os serve para interações entre seus pares, seguido por preencher o tempo livre e navegação geral, assistir vídeos, programas de tv e filmes, conhecer novas pessoas, localizar informação, e manter-se atualizado com notícias e eventos. No uso espontâneo destes espaços, voluntariamente consomem conteúdos e se apropriam do que acham mais adequado dentro das possibilidades ofertadas.

Aprendizado

A internet pode ser um problema em função da dificuldade para categorizar, decodificar e apropriar-se de conhecimentos e ideias. A massa de informações e o percurso labiríntico por elas não soma, não decanta. Para compreender algo novo, é preciso inserir esse conteúdo em uma lógica pessoal, confrontar premissas e dados. (CORSO; CORSO, 2018, p. 298)

Podemos, neste sentido, categorizar que os jovens podem aprender sob várias perspectivas dentro da rede social. Por meio do uso das redes, os jovens podem passar a avaliar criticamente os conteúdos, reconhecer perigos possíveis e proteger-se deles, considerando que estejam atentos às informações que colhem dentro destes espaços. Outro ponto a ser observado pode ser a autonomia que estes jovens aprendem e desenvolvem por meio de suas andanças nas redes. Por meio de relatos, apontam reconhecer possíveis perigos a serem evitados nas trocas que fazem virtualmente.

O próprio pertencimento e relação destes jovens dentro das redes parece estabelecer uma forma de entendimento sobre os usos e posicionamentos que ocorrem neste espaço, visto que afirmam existirem melhores formas de aparecer e se relacionar nas redes sociais. Ao pontuarem que entendem esta dinâmica por justamente estarem participando das redes, nos mostram que as redes apresentam um comportamento esperado que, a partir da navegação e uso, passa a ser compreendido por estes jovens.

No intuito de aprender a mais sobre algum assunto, ao buscarem informações sobre o mesmo, propostas por vídeos, textos, e até mesmo por *links* que levam a *sites* fora desta rede social, os jovens pesquisados vão elaborando suas maneiras de apropriar-se do que encontram neste local. Também, em outro sentido, podem acessar à rede e aprenderem as formas mais assertivas de comunicarem online, para, de certa forma, prepará-los para um futuro que valoriza conhecimentos digitais, os quais os jovens adquirem pelo uso e convivência com a plataforma, entendendo as formas de pertencimento nas redes.

10. Considerações Finais

Talvez o que tenha se percebido no desenvolvimento da materialidade da pesquisa é que as potencialidades das redes acontecem de diferentes formas, apontando que este espaço interativo também serve para que estes jovens entrevistados absorvam posicionamentos, na medida em que não assumem necessariamente um protagonismo nas redes sociais. Justamente por se tratar de um espaço que possibilita que sejamos quem se deseja, a participação para estes jovens parece funcionar na medida em que circulam e pertencem a este entrelugar, sem obrigatoriamente demarcar uma presença participativa. Como em uma *flanerie*, circulam e observam estes espaços, como pertencentes a eles.

Observa-se que, na maioria das vezes, optam por utilizarem as redes de forma mais neutra, por vezes apenas reiterando postagens de seus pares, que reforçam similaridades em suas formas de pensamento. O entrelugar das redes, apesar de fornecer a possibilidade de interação a partir de múltiplas possibilidades, acaba por ser para estes jovens um espaço de indeterminação, onde experienciam relações com os demais sujeitos e com o próprio espaço constituído, criando assim suas próprias significações, identificações, fixas ou passageiras. Desta forma, por meio das experiências que vivenciam, e dos acontecimentos que acompanham junto às redes, por vezes se isentam de uma participação mais ativa.

Por vezes, considerando a cultura da crítica ou do cancelamento, podem estar se furtando de realmente expressarem suas opiniões, segundo seus princípios, e desta forma, este local de encontro e trocas em meio à pandemia, acaba sendo tomado, na maioria das vezes, como palco a ser observado. Neste sentido, o entrelugar, neste momento, propiciou também que acompanhassem acontecimentos da realidade à sua volta, a partir da perspectiva trazida pelas notícias e postagens das redes.

Utilizando das próprias categorias de análise, temos as redes como um entrelugar que propicia interação, influência, encontro, publicações, distração e aprendizado. Os jovens, ao entenderem que estes espaços propiciam relações estabelecidas a partir da interação, apontam que este atrativo – o poder ver, e caso interessante, emitir seu parecer sobre algo, é que mantém a dinâmica das redes como algo interessante a ser acessado diariamente. Considerando as interações entre seus

pares, e a relação que passam a estabelecer com os conteúdos que por estas plataformas recebem, o interagir é o que mantêm a dinâmica, o ver e ser visto.

Quando se aponta sobre a influência que este entrelugar possivelmente reverbera em cada um dos sujeitos pesquisados, alguns deles apontam que as informações que encontram dentro das redes são, na maioria das vezes, passíveis de serem verificadas, pois são obtidas por diversas fontes, as quais podem ser confiáveis ou não. Desta forma, consideram assertivo que se questione sobre o que lá se encontra, apontando que entendem que o que colhem dentro destes espaços precisa ser verificado sobre sua confiabilidade.

Propiciando um lugar de encontro, trocas, distração e até mesmo aprendizagem, as redes, na visão dos pesquisados, serve como esta entrelugar onde, em suas opiniões, posicionar-se e aparecer pode não ser a melhor estratégia em relação a seu uso. Os estudantes participantes, ao emitirem seus pareceres sobre o uso das redes, a definem como um lugar não tão livre quanto possa parecer ser, pois existem melhores formas de posicionar-se dentro destes espaços.

A hipótese desta tese, que girou em torno de que as redes sociais pudessem operar não apenas como vitrine para o público jovem, para exacerbação de si, mas também como um entrelugar em tempos pandêmicos, se sedimenta na medida em que estes jovens afirmam que estes espaços propiciaram que se mantivesse um ambiente de convivência virtual entre os mesmos. Apesar de afirmarem que o convívio escolar e as trocas presenciais não superam o contato a partir do ambiente virtual, estes jovens ainda assim validam estes espaços, ressaltando que preferem optar por poder vivenciar as duas realidades – o convívio presencial, e as trocas que acontecem virtualmente, por se tratarem de interações completamente distintas.

No entrelugar das redes, os jovens podem fazer um recorte de suas vivências, mostrando partes que consideram mais interessantes, aos moldes de uma vitrine, e também podem fazer pausas, considerando sobre ser interessante ou não expor seus posicionamentos frente a certas postagens, as quais surgem em seus *feeds* do Facebook. Diferentemente destas possibilidades, que são performadas a partir de suas escolhas, o convívio em sala de aula determina diferentes fatores, que envolvem as questões de viver presencialmente, de experimentar as trocas sem uma possibilidade de poder refletir antes sobre seus posicionamentos, sem a possibilidade de manter-se em uma neutralidade que afirmam ser possível dentro dos espaços das redes.

É necessário observar, sobretudo, que possivelmente os processos performativos destes jovens informem que eles se apropriam deste entrelugar no sentido de absorver posicionamentos, informações, formas de ser e estar do que julgam um formato mais adequado de relacionamento neste espaço, do que exatamente posicionarem-se ativamente dentro deles. Talvez a pandemia tenha colaborado na construção desta zona social de indeterminação, constituindo sujeitos com receio de uma completa exposição.

A performance, portanto, acontece neste entre – a relação entre lugar e sujeito que o observa enquanto participante. Desta forma, ao preferir a isenção, informa sobre seus receios de agir livremente dentro destes espaços, confirmando assim que uma posição, sobremaneira, lhes é esperada. A estes jovens cabe a tarefa de situarem-se assertivamente dentro destes espaços, vivendo, aprendendo e constituindo-se enquanto sujeitos. Não existe como fechar a caixa de pandora que são as redes sociais.

facebook



Logging out...

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: EDUSP, 1981.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUGÉ, Marc. **Com a tecnologia já carregamos o ‘não-lugar’ em cima, conosco**. [Entrevista concedida a] Carles Geli. El País, Barcelona, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/31/tecnologia/1548961654_584973.html>. Janeiro, 2019.

BOYD, danah m. **It’s Complicated**: The Social Lives of Networked Teens. New Haven, CT: Yale University Press, 2014.

BOYD, danah m; ELLISON, Nicole B. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, Volume 13, Capítulo 1, 2007, Páginas 210–230. Disponível em <<https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BENJAMIN, Walter. Passagem-Werck. 2009

BERINO, Aristóteles; FILHO, Aldo Victorio; SOARES, Maria da Conceição Silva. Uma introdução: por dentro e por fora das juventudes. In: BERINO, Aristóteles; FILHO, Aldo Victorio; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). **A fartura das juventudes**: tramas entre educação, mídia e arte. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

DUTRA, Deo Campos; OLIVEIRA, Eduardo. **CIBERDEMOCRACIA: A INTERNET COMO ÁGORA DIGITAL**. Revista Direitos Humanos E Democracia, 6(11), 134–166. 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.21527/2317-5389.2018.11.134-166>>. Acesso em 16/08/2021.

COELHO Clícia; MARTINS, Raimundo. **Memes de internet, visualidades e discurso humorístico**. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 11, n. 1, p. 121-139 – jan./abr. 2018

CONTE, Elaine; PEREIRA, Marcelo de Andrade. Pedagogia da performance: da arte da linguagem à linguagem da arte. In: **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: EDUSP, 1976.

DE MASI, Domenico. **Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo**. 1ª ed. São Paulo: Objetiva, 2017.

DIMOK, Michael. **Defining generations: Where Millennials end and Generation Z begins**. Pew Research Center, 2019. Disponível em <<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>> 17. jan, 2019. Acesso em 20/02/2021.

DIJCK, José van. **The culture of connectivity**. Oxford University Press, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: **Democracia em risco? : 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FACEBOOK IQ. **Meet the Future: Gen Z's Regeneration**. 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/business/news/insights/meet-the-future?ref=fbiq_series#> . Acesso em 18/05/2021.

FILHO, Aldo Victorio. Fabulações Escolares e Contemporaneidade: ensino de arte, jovens e a fatura de imagens. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

HAN, Byung Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

LEEKER, Martina; SCHIPPER, Imanuel; BEYES, Timon. (eds.). **Performativity, Performance Studies and Digital Cultures**. Germany, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 66, p. 70-74, 1988. Disponível em <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/download/1207/1213>>. Acesso em 02/05/2019.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. Routledge: New York, 2015.

MASSARANI, Luisa; WALTZ, Igor; LEAL, Tatiane. **A COVID-19 no Brasil: uma análise sobre o consumo de informação em redes sociais**. Cadernos de Saúde Pública

ISSN 1678-4464. nº 36. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1150/o-debate-sobre-vacinas-em-redes-sociais-uma-analise-exploratoria-dos-links-com-maior-engajamento>>. Acesso em 05/06/2020.

MATOS, Olgária. Walter Benjamin: pólis grega, metrópoles modernas. In: SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PEREIRA, Marcelo de Andrade; SATO, Eliana Satie. **Pedagogia do *flanêur*** (ou, do problema do contato em contextos formativos). Currículo sem Fronteiras, v. 16, n. 2, p. 242-254, maio/ago 2016.

ROCHA, Everardo; AUCAR, Bruna. Imagens do consumo na programação televisiva. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; LIMA, Fernanda Deborah Barbosa. **Juventude: consumo, mídia e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: ensaio sobre o lado “privado” e o lado “público” da vida social e histórica**. Revista Ciência & Trópico, Recife, jan/jun, 1983. Disponível em <<http://periodicos.fundaj.gov.br>>. Acesso em 11/05/2020.

SCHECHNER, Richard. **O que pode a Performance na Educação: uma entrevista com Richard Schechner**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 23-35, mar./ago. 2010. Entrevista concedida a Gilberto Icle e Marcelo de Andrade Pereira.

SCHECHNER, Richard. What is performance? in **Performance Studies: an Introduction**. New York & Londres: Routledge, p. 28-51, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana e MELGAÇO, Lucas. (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SILVEIRA, Karina. **@essanaosou_eu: um estudo sobre as culturas juvenis nas redes sociais**. UFSM, 2017.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

THE SOCIAL DILEMMA, Jeff Orlowski. **Documentário**. EUA: Exposure Labs, 2020.

TRUTH CENTRAL. **The Truth about GEN Z.** Group McCann, 2020. Disponível em <<https://indd.adobe.com/view/8d1a6720-9356-4ace-bcc1-abcf1c076e5b>>. Acesso em 06/05/2021.

WE ARE SOCIAL. **DIGITAL 2021: THE LATEST INSIGHTS INTO THE 'STATE OF DIGITAL' 2021.** Disponível em < <https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 14/05/2021.

Anexos

I. Carta de cessão da escola



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
8ª COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL CORONEL PILAR
SANTA MARIA – RS

Rua Pinto Bandeira, 225 - Bairro Dores

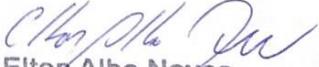
Tel.: (55) 23221-2140

ATESTADO

Atestamos, para fins de comprovação, que a acadêmica do Curso de Doutorado em Educação, Karina Dias Silveira, foi autorizada a realizar o planejamento proposto, vinculado à pesquisa de Doutorado em Educação pela UFSM, dentro de nossa Instituição de Ensino, com os alunos do Ensino Médio, a ser realizada de forma online por meio da plataforma Google Classroom.



Santa Maria, 04 de novembro de 2020


Elton Albo Neves
Diretor
Id. Func. 2882388-04
D.O.E. 27/12/2018 Pg. 724

II. Modelo de Carta de cessão entregue aos participantes



Carta de Cessão

Eu, _____
estudante da Escola Estadual Coronel Pilar, venho por meio desta, autorizar a utilização dos dados por mim produzidos dentro pesquisa de Doutorado “Performances juvenis nas redes sociais”, realizada pela doutoranda Karina Dias Silveira, vinculada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo de Andrade Pereira. Dessa forma,

- autorizo a utilização do nome próprio no material investigativo.
 autorizo a utilização dos dados porém, prefiro que seja mantido anonimato em relação ao nome.

Santa Maria, _____ de maio de 2021.

Assinatura do estudante